



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

ANA CLÁUDIA BARBOSA DE LIMA BARROS

**A ENUNCIÇÃO E O PROCESSO INTERPRETATIVO-TRADUTÓRIO DO PAR
PORTUGUÊS/LIBRAS: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA
DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS**

RECIFE

2025

ANA CLÁUDIA BARBOSA DE LIMA BARROS

**A ENUNCIÇÃO E O PROCESSO INTERPRETATIVO-TRADUTÓRIO DO PAR
PORTUGUÊS/LIBRAS: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA
DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre(a) em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Estudos Interdisciplinares da Linguagem.

Orientador (a): Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Junior

RECIFE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

B277e Barros, Ana Cláudia Barbosa De Lima.
A enunciação e o processo interpretativo-tradutório do par Português/Libras: elementos para uma abordagem enunciativa das expressões idiomáticas / Ana Cláudia Barbosa De Lima Barros.
- Recife, 2026.
104 f.; il.

Orientador(a): José Temístocles Ferreira Júnior.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTEC, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Abordagem enunciativa. 2. Língua de sinais - Palavras e expressões. 3. Língua brasileira de sinais. I. Júnior, José Temístocles Ferreira, orient. II. Título

CDD 470

ANA CLÁUDIA BARBOSA DE LIMA BARROS

**A ENUNCIÇÃO E O PROCESSO INTERPRETATIVO-TRADUTÓRIO DO PAR
PORTUGUÊS/LIBRAS: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA
DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovado (a) em: 23 / 02 / 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior (Orientador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Prof^a. Dr^a Marcela Moura Torres Paim (Examinador Interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Prof^a. Dr^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros (Examinador Externo)
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

RECIFE
2025

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à fé que me sustenta, ao meu bom Deus, razão de tudo, soberano de todas as coisas, *Alfa* e *ômega*.
Ao meu esposo e meus filhos.

AGRADECIMENTOS

“É justo que muito custe o que muito vale.” Santa Teresa D'Ávila

A Deus, dono de tudo. Como não Te amar, adorar e servir? Tudo por Ti, para Ti e em Ti.

Ao meu orientador, o maravilhoso professor Teo, que com paciência, esperança e, sobretudo, mais credibilidade em mim e no nosso projeto do que eu mesma. Ele soube transformar uma ideia ainda rasa em uma dissertação consistente. Sua orientação foi firme, generosa e inspiradora. Quando uniu forças às queridas avaliadoras, Professora Dra. Marianne Cavalcante (qualificação), Professora Isabela Barros e Professora Dra. Marcela Paim, o resultado foi ainda mais encantador: leituras apuradas, contribuições sensíveis e um compromisso coletivo com a excelência do trabalho final. Gratidão imensa a vocês.

Ao PROGEL, um programa de pós-graduação verdadeiramente humano, que entende que por trás da produção acadêmica existe gente — gente que sente, cansa e precisa de acolhimento. Concluir um processo tão exaustivo como a pós-graduação com a leveza e a paz com que fui abraçada aqui é um privilégio. Continuarei sempre admirando cada professor que me atravessou de alguma forma e toda a equipe que carinhosamente nos acolhe. Que os novos progelianos tenham sempre um olhar de soma, e não de apontamentos. Precisamos ser gratos aos que lutaram por nós. Afinal, “não chove de baixo para cima.”

Aos meus pais, Isaías Barbosa e Damiana Maria (*in memoriam*), que me deram a alegria de existir e foram os maiores incentivadores da minha formação. Nunca esquecerei as noites em que minha mãe me esperava acordada, cochilando no sofá, até eu chegar da faculdade. Aos meus nove irmãos, que sempre torceram por mim. Em especial, à primogênita Cristina, por me apresentar a Língua de Sinais no ano de 2008; ao terceiro irmão, Padre Isaías, a quem sempre recorro por orações; e ao nono, Ricardo, meu socorro fiel nas normas da ABNT e nas correções ortográficas, também o meu sobrinho Lucas que me ajudou com a parte tecnológica. Amo vocês.

À família que construí: ao meu esposo, Carlos André de Barros, que sustentou com perseverança meus estresses e inquietações — que sorte a minha ter você ao meu lado. Obrigada por não desistir de nós. Vencemos. Te amo! Aos meus filhos, Artur Carlos e Analice Carla, que suportaram minhas ausências quando necessário e souberam renunciar,

junto comigo, a passeios e eventos para que eu pudesse estudar e escrever. Vocês são meu maior motivo.

Aos meus queridos alunos, que participaram desta pesquisa com generosidade e confiança. Sou imensamente grata pela paciência e pela partilha de experiências em nossos encontros. À equipe do curso Letras-Libras da UFPE: não citarei nomes, mas cada um sabe o quanto sou grata pela torcida e pelas contribuições. Não poderia desejar uma equipe melhor. Vocês são extraordinários! Um agradecimento ao amigo e melhor intérprete de Libras em linha reta de PE, o Dr. Roberto Carlos Santos. Sem palavras para expressar o quanto você é essencial para a comunidade surda e para mim. Que Deus te abençoe grandemente.

Aos melhores amigos que a vida me deu (não citarei nenhum, mas você sabe) gratidão pelas dicas, pelos conselhos e por dizer que vai dar certo sempre. “Amigo fiel é proteção poderosa, e quem o encontra, encontra um tesouro”. Eclesiástico 6,14. Sintam-se abraçados.

Aos colegas da turma 2024.1, especialmente aos que se tornaram amigos para todas as horas. Obrigada pela cumplicidade, pelo apoio e pela caminhada compartilhada. Vocês são muito especiais para mim.

Enfim, um coração grato só enxerga alegria em tudo. Assim sou eu: uma pesquisadora apaixonada pela vida, pela família, pelos amigos, pelo trabalho e por tudo o que me foi possível vivenciar nesses dois anos — e também pelos sonhos que ainda percorrerei. Deus, o caminho está apenas começando. Que tudo o que há por vir seja ainda mais abençoado por Ti.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as expressões idiomáticas (EIs) são mobilizadas na transferência Português–Libras e na enunciação de estudantes surdos sob uma perspectiva enunciativa. Considera-se, nesse escopo, a dimensão linguística, cultural e enunciativa das EIs, compreendidas como unidades cristalizadas que ultrapassam o significado linear de seus componentes, configurando-se como instrumentos de identidade e pertencimento em comunidades de prática. A fundamentação teórica toma por base pressupostos formulados a partir das reflexões semiológicas e enunciativas de Émile Benveniste (1988;1989). Nesse quadro, a língua engendra dois modos de produção de sentidos e representa, ao mesmo tempo, um sistema semiológico de base, interpretante de todos os outros sistemas semiológicos, que implica o uso discursivo. Nesse aspecto, o sentido emerge das relações diferenciais entre signos e se atualiza nos atos enunciativos, em sua dimensão semiótica e semântica. A análise dialoga, ainda, com contribuições de Xatara (1998), Quadros (2004; 2023), Faria-Nascimento (2023) e Scapolan (2023), cujas pesquisas problematizam a idiomatidade tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais. Do ponto de vista metodológico, o estudo recorre a grupos focais, à análise de registros audiovisuais e à categorização das expressões idiomáticas identificadas. Busca-se, com isso, ampliar a consciência linguística da comunidade surda, valorizando as EIs como recursos de identidade, coesão discursiva e pertencimento cultural. A teoria enunciativa de Benveniste permite compreender que o sentido das EIs não reside no sinal isolado, mas na dinâmica entre sistema, discurso e subjetividade. Dessa forma, esta pesquisa contribui para a consolidação de uma abordagem enunciativa da idiomatidade em Libras, para fortalecer o campo dos estudos linguísticos e tradutórios e promover uma reflexão crítica sobre os processos de construção de sentido em contextos bilíngues e biculturais.

Palavras chaves: Abordagem enunciativa; Expressões idiomáticas; Libras.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar cómo las expresiones idiomáticas (EIs) son movilizadas en la transferencia Portugués–Libras y en la enunciación de estudiantes sordos bajo una perspectiva enunciativa. Se considera, en este ámbito, la dimensión lingüística, cultural y enunciativa de las EIs, comprendidas como unidades cristalizadas que sobrepasan el significado lineal de sus componentes, configurándose como instrumentos de identidad y pertenencia en comunidades de práctica.

La fundamentación teórica se basa en presupuestos formulados a partir de las reflexiones semiológicas y enunciativas de Émile Benveniste (1988; 1989). En este marco, la lengua engendra dos modos de producción de sentidos y representa, al mismo tiempo, un sistema semiológico de base, interpretante de todos los demás sistemas semiológicos, que implica el uso discursivo. En este aspecto, el sentido emerge de las relaciones diferenciales entre signos y se actualiza en los actos enunciativos, en su dimensión semiótica y semántica. El análisis dialoga, además, con contribuciones de Xatara (1998), Quadros (2004; 2023), Faria-Nascimento (2023) y Scapolan (2023), cuyas investigaciones problematizan la idiomatidad tanto en lenguas orales como en lenguas de señas. Desde el punto de vista metodológico, el estudio recurre a grupos focales, al análisis de registros audiovisuales y a la categorización de las expresiones idiomáticas identificadas. Se busca, con ello, ampliar la conciencia lingüística

de la comunidad sorda, valorizando las EIs como recursos de identidad, cohesión discursiva y pertenencia cultural. La teoría enunciativa de Benveniste permite comprender que el sentido de las EIs no reside en el signo aislado, sino en la dinámica entre sistema, discurso y subjetividad. De esta forma, esta investigación contribuye a la consolidación de un enfoque enunciativo de la idiomatidad en Libras, para fortalecer el campo de los estudios lingüísticos y traductológicos y promover una reflexión crítica sobre los procesos de construcción de sentido en contextos bilingües y biculturales.

Palabras clave: Enfoque enunciativo; Expresiones idiomáticas; Libras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Sinal para PENSAR	20
Figura 2 –	Sinal para AMOR	21
Figura 3 –	Sinal para FAMÍLIA	21
Figura 4 –	Sinal para IDADE com expressão interrogativa	25
Figura 5 –	Sinal para BAGUNÇAR	27
Figura 6 –	Sinal para ENTRAR POR UM OLHO E SAIR PELO OUTRO	28
Figura 7 –	Sinal para FICAR-QUEIXO-CAIR	32
Figura 8 –	Sinais POR QUE / PORQUE	38
Figura 9 –	Sinal para DINHEIRO	41
Figura 10 –	EI para “Acho que não vi direito”	43
Figura 11 –	Olhar da participante na sinalização da EI “Tô cheia disso”	43
Figura 12 –	Sinal JÁ ERA	54
Figura 13 –	EI para “Paciência-perder”	57
Figura 14 –	Espaço de sinalização	58
Figura 15 –	Tela do software ELAN	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Fonte para coleta de dados	45
Quadro 2 –	Visão geral dos estudos selecionados	46
Quadro 3 –	Objetivos e instrumentos de pesquisa	69
Quadro 4 –	Modelos de sistematização do aparelho da enunciação	75
Quadro 5 –	Quadro categorial analítico	76
Quadro 6 –	Dados do vídeo	79
Quadro 7 –	Categorias não-apriorísticas derivadas da etapa de preparação do material	79
Quadro 8 –	Expressão idiomática “e eu?”	81
Quadro 9 –	Expressão Idiomática “Que mico!”	82
Quadro 10 –	Expressão Idiomática “Não dá!”	83
Quadro 11 –	Expressão Idiomática “Não compreendi?”	84
Quadro 12 –	Expressão Idiomática “tô nem aí”	86
Quadro 13 –	Expressão Idiomática “já imaginava!”	87
Quadro 14 –	Expressão Idiomática “parece que vem chuva”	89
Quadro 15 –	Expressão Idiomática “pasa”	90
Quadro 16 –	Estratificação do conteúdo dos vídeos em relação aos eixos categoriais	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 01 – SENTIDO E REFERÊNCIA NA LÍNGUA: DO SIGNO AO DISCURSO	17
1.1 A língua como sistema de signos: Saussure e a significação que decorre das relações opositivas entre signos no sistema.....	17
1.2 A dupla essência da língua: as relações entre o modo semiótico e o modo semântico	24
CAPÍTULO 02 – O PROBLEMA DO SENTIDO E DA REFERÊNCIA EM LIBRAS: A QUESTÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	31
2.1 Língua Brasileira de Sinais e a enunciação: especificidades do sistema linguístico.....	31
2.2 Princípios benvenistianos submetidos aos estudos da enunciação em Libras.....	39
2.3 As expressões idiomáticas em Libras	45
2.4 Interpretar ou traduzir: a relação entre sistemas semióticos de base distinta.....	55
2.5 Enunciação e processo interpretativo-tradutório do par Português/Libras: fundamentos para a competência de transferência	58
2.6 A atividade enunciativa do TILSP	62
03. CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	66
3.1 Contexto dos participantes.....	66
3.2 Instrumentos mobilizados na pesquisa	69
3.4 Transcrição e apresentação do <i>Corpus</i> da pesquisa	74
3.5 Procedimentos de análise dos achados.....	75
3.5.1 Análise dos elementos do aparelho da enunciação emergidos no grupo focal	75
3.5.2 Análise do processo de transferência das expressões idiomáticas do par Português Brasileiro- Libras.....	78
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	80
4.1 Análise das expressões idiomáticas da Libras submetidas à categoria benvenistiana	80
4.2. Análise do processo de transferência de expressões idiomáticas – Português Brasileiro para Libras	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE	103

1 INTRODUÇÃO

“Antes de qualquer coisa, a linguagem significa”. (Benveniste 1989, p. 222)

As expressões idiomáticas (EIs) podem ser compreendidas como unidades linguísticas cristalizadas que, ao serem mobilizadas em práticas discursivas, produzem significados que transcendem a soma dos sentidos de seus elementos constitutivos. O valor semântico de uma EI não se reduz ao significado linear das palavras que a compõem, mas surge de um processo de convenção cultural e histórica, inscrito na memória coletiva dos falantes/sinalizantes. Como por exemplo para a expressão: “Arregaçar as mangas”, o que as palavras compõem o ato de “dobrar as mangas da camisa”, no entanto, quando alguém enuncia – *Agora é hora de arregaçar as mangas*, o sujeito se posiciona em um ato de situação concreta em estar pronto para iniciar um trabalho com determinação.

Segundo Xatara (1998, p.170), as expressões idiomáticas configuram-se como “lexias complexas que se distinguem pela conotação, pela cristalização e pela frequência de uso em determinados grupos sociais.” A autora enfatiza que tais unidades linguísticas constituem um “campo minado” para os estudos fraseológicos, dada sua natureza híbrida entre o léxico e o discurso, além de suas marcas de regionalismo e sincronias históricas. Ao tratar da fraseologia, campo de estudo da linguística que se dedica ao estudo das unidades fraseológicas, Ortiz-Alvarez (2000, p. 73) afirma que “pode-se entender a fraseologia como a ciência que estuda as combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos e não pertencem a uma categoria gramatical específica.

No âmbito da Língua Brasileira de Sinais – Libras, estudos como os de Quadros (2004) e Quadros *et al.* (2023) demonstram que as expressões idiomáticas também se manifestam como estruturas convencionais que carregam sentidos figurados, por vezes específicos da comunidade surda. Essas expressões, por sua natureza cultural e visuo-gestual, podem apresentar equivalências, divergências ou mesmo intraduzibilidade em relação às expressões idiomáticas da Língua Portuguesa.

Faria-Nascimento (2023, p.347) acrescenta que as EIs em Libras se caracterizam pela regularidade, durabilidade e significação conotativa, presentes no discurso dos sujeitos surdos mesmo quando não são reconhecidas explicitamente. Esse aspecto revela a importância de estudos que busquem categorizar e descrever tais expressões, de modo a ampliar a consciência linguística da comunidade surda e valorizar o papel das EIs como recursos de identidade e pertencimento. A comparação entre EIs em Português e em Libras evidencia que,

embora ambas as línguas compartilhem o fenômeno da idiomaticidade, os processos de significação são distintos. Frequentemente, uma expressão idiomática em Português não encontra equivalente direto em Libras, o que revela a dimensão cultural e comunitária dessas unidades e o caráter *sui generis* de cada língua. Essa intraduzibilidade parcial (Scapolan, 2023, p.58) reforça o caráter identitário das EIs, que funcionam como marcadores de pertencimento e como recursos de coesão discursiva em comunidades de prática.

Entretanto, pode-se afirmar que as expressões idiomáticas constituem recursos linguísticos e culturais que operam na dimensão enunciativa, fundamentais para compreender os processos de significação em comunidades de prática. No caso da Libras, elas não apenas refletem a riqueza semântica da língua, mas também revelam os modos como os sujeitos surdos constroem sentidos em suas interações discursivas, atualizando e ressignificando elementos da tradição linguística em contextos contemporâneos.

Assim, compreender as EIs em/da Libras implica não apenas descrevê-las linguisticamente, mas também reconhecer sua função social e cultural na comunidade surda. Esse estudo trilha o caminho pela perspectiva enunciativa, fundamentado em Benveniste (1964; 1966; 1968; 1969; 1970), permite analisar como os sujeitos surdos atualizam e ressignificam tais expressões em seus atos de enunciação, atribuindo-lhes sentidos situados e compartilhados. “Na enunciação consideraremos sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização” (PLG II: 83).

As conversações sinalizadas constituem práticas discursivas que carregam marcas linguísticas capazes de legitimar o estatuto das línguas de sinais enquanto sistemas plenos de significação. Nesse contexto, torna-se relevante e instigante observar as trocas enunciativas e a construção de turnos de fala entre sujeitos surdos, sobretudo aqueles que têm a Libras como primeira língua (L1). Tais estratégias semânticas atravessam os processos conversacionais e se vinculam a múltiplos sentidos e significados, o que pode representar desafios para aprendizes da língua de sinais, especialmente para os ouvintes, aprendizes de segunda língua que integram essa comunidade de prática¹.

Diante desse cenário, emergem questionamentos que orientam esta investigação: Quais são as expressões idiomáticas cristalizadas na Libras? Os sujeitos surdos empregam tais

¹ Uma comunidade de prática é um grupo de pessoas que se reúnem em torno de um interesse comum, um conjunto de problemas ou uma paixão por um determinado tópico, e que aprofundam seu conhecimento e experiência nessa área através da interação contínua (Wenger, 1998).

expressões sem compreender plenamente seus significados no contexto enunciativo? Como os profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP) realizam a transferência de EIs do português para a Libras? Como os surdos reconhecem e compreendem as EIs em enunciações escritas da língua portuguesa? E, sobretudo, de que modo os estudantes do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE atualizam e atribuem sentido às expressões idiomáticas na construção semântica de sentenças sinalizadas, a partir dos atos de enunciação em interações conversacionais dentro de sua comunidade de prática?

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar como as expressões idiomáticas são mobilizadas tanto na transferência entre o par linguístico Português brasileiro/Libras registradas em vídeos de ampla divulgação, como no discurso de estudantes surdos do curso de Letras Libras da UFPE, considerando os processos enunciativos que emergem nas interações discursivas.

Para tanto, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: 1) Compreender as expressões idiomáticas no processo de interação discursiva em comunidades de prática sinalizadas; 2) Identificar os sentidos mobilizados no processo de transferência de expressões idiomáticas do português para a Libras; 3) Compreender os elementos do aparelho formal da enunciação que emergem por ocasião do emprego de expressões idiomáticas em situações enunciativas sinalizadas por estudantes surdos e 4) Analisar os registros das interações discursivas-enunciativas em conversações sinalizadas por estudantes surdos, com enfoque no uso das expressões idiomáticas, e categorizá-las.

As EIs estão presentes no discurso dos estudantes surdos da UFPE, ainda que, muitas vezes, não sejam percebidas conscientemente ou explicadas quando questionadas. Este estudo busca, portanto, categorizar tais expressões e oferecer uma compreensão significativa que permita à comunidade de prática sinalizá-las com consciência de seu valor linguístico e enunciativo. Partimos da hipótese de que muitos surdos não reconhecem a presença das expressões idiomáticas em seu próprio discurso, sendo sua identificação possível apenas por meio de enunciações coerentes e situadas. A análise será conduzida a partir de grupos focais e da contextualização dos conceitos em Libras e em Língua Portuguesa, com vistas a compreender como os estudantes mobilizam tais expressões em processos conversacionais. O aporte teórico fundamenta-se na reflexão semiológico-enunciativa de Benveniste que defende que “Há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (PLG II: 229). Todo o percurso analítico será conduzido pelos artigos: *Os níveis da análise linguística* (Benveniste, 1988), *A forma e o sentido da linguagem, Estrutura da língua e da Sociedade*,

Semiologia da língua, O aparelho formal da enunciação (Benveniste, 1989), além dos estudos saussurianos sobre a natureza do signo linguístico, objeto da linguística e o valor linguístico da língua (Saussure, 1913-1916), conceito de expressões idiomáticas em Xatara (1998) e os estudos linguísticos da Libras com Quadros (2004) Quadros *et al.* (2023) Faria-Nascimento (2023, 2025) entre outros.

Em toda essa discussão, observa-se a coexistência de duas comunidades linguísticas distintas: a comunidade surda, formada por sujeitos que compartilham práticas identitárias mediadas pela língua de sinais em sua modalidade visuoespacial e que utiliza a língua do país como segunda língua (L2) na modalidade escrita; e a comunidade ouvinte, cuja interação se dá pela língua portuguesa em sua modalidade oral-auditiva. Nesse contexto, revela-se pertinente indagar acerca do processo enunciativo que se estabelece na interação entre diferentes culturas linguísticas, bem como examinar de que modo os pares se articulam às expressões idiomáticas no processo de semantização. Tal processo refere-se à conversão da língua, concebida como sistema de signos, em língua efetivamente utilizada em discurso. A construção da referência, tanto no plano do sentido, quanto no da forma, configura-se como fenômeno inerente ao ato enunciativo, delimitado pelas possibilidades oferecidas pela língua e atualizado na singularidade de cada enunciação.

O *corpus* deste estudo, elaborado pela pesquisadora, possibilita refletir sobre estas e outras dimensões correlatas, tais como: O uso de expressões idiomáticas em discursos sinalizados na primeira língua (L1) e a relação tradutória das expressões idiomáticas no exercício cognoscente do intérprete de Libras. Essas questões, embora abordadas de forma tangencial nessa dissertação, contribui para o aprofundamento da perspectiva enunciativa em Benveniste, aplicada às línguas de sinais e às práticas discursivas da comunidade surda, permite ampliar o diálogo com o objeto das expressões idiomáticas, revelando novas dimensões de análise e interpretação.

Esta dissertação está organizada em três seções, além desta Introdução. Os capítulos 1 e 2 apresentam a fundamentação teórica, iniciando pela discussão sobre língua, sentido e referência, seguida do estatuto das expressões idiomáticas e de como estas são mobilizadas por surdos e por intérpretes de Libras na condição de coenunciadores do discurso. O capítulo 3 contempla a metodologia adotada, capítulo 4 com análise e sistematização dos dados. Por fim, são apresentadas as Referências.

CAPÍTULO 01 – SENTIDO E REFERÊNCIA NA LÍNGUA: DO SIGNO AO DISCURSO

O estudo a respeito do funcionamento da linguagem exige compreender a articulação entre signo, sentido e referência e demanda uma série de delimitações teóricas, metodológicas e epistemológicas para compreensão dos fenômenos sob sua égide. Em Saussure, o signo linguístico é concebido como a união entre significante e significado, que instaura um sistema autônomo e organiza a comunicação humana. Essa perspectiva estrutural evidencia que a língua não é mero reflexo da realidade, mas uma forma de organização simbólica que possibilita a construção de sentidos.

Benveniste, por sua vez, amplia essa discussão ao destacar o papel da enunciação como instância fundamental para a atualização da enunciação. É no discurso que o sistema da língua se realiza, permitindo que o sujeito se inscreva na linguagem e produza significados situados. Nesse movimento, a referência não se reduz a uma relação direta entre palavra e objeto, mas emerge como efeito da atividade enunciativa, na qual o locutor mobiliza a língua para instaurar mundos de sentido.

Assim, ao transitar do signo ao discurso (semiótico/semântico), compreende-se que a linguagem é simultaneamente estrutura e prática (forma/sentido): organiza-se em sistemas formais, mas só se concretiza plenamente na enunciação, onde o sentido se negocia e a referência se atualiza. Essa dinâmica revela a complexidade da língua, que se apresenta não apenas como instrumento de comunicação, mas como espaço de produção de conhecimento e de construção da realidade.

Nesta seção, discutimos como a língua e a linguagem se organizam, observando tanto o modo semiótico quanto o modo semântico. Como também, destacamos de que forma essas dimensões se relacionam com a enunciação, especialmente quando se trata das expressões idiomáticas.

1.1 A língua como sistema de signos: Saussure e a significação que decorre das relações opositivas entre signos no sistema

Uma das obras mais estudadas e analisadas dentro dos estudos da linguagem é o Curso de Linguística Geral (1916), doravante CLG. Nele, Saussure aborda questões fundamentais para a concepção de língua, discutindo sua natureza, seus elementos constitutivos, seu mecanismo de funcionamento, e suas relações com outros sistemas

semiológicos. Saussure compreende a língua como um sistema de signos. “Chamamos signo a combinação do conceito e da imagem acústica” (CLG, p. 107).

É nesse ponto que a noção de oposição se torna central. Saussure propõe duas relações opositivas: relações sintagmáticas e paradigmáticas. O valor de um signo linguístico é constituído pelas diferenças que estabelece em relação aos demais signos que compõem o sistema. Tal perspectiva revela-se fundamental para a análise das expressões idiomáticas no par Português/Libras, uma vez que cada expressão emerge das inter-relações entre os signos no interior da língua e é a partir dessas relações que as expressões idiomáticas adquirem um valor linguístico singular, configurando-se como unidades de sentido específicas e culturalmente situadas dentro de cada sistema linguístico.

A língua é um sistema em que todos os termos são solidários e em que o valor do signo resulta da presença simultânea dos outros. Considera-se o valor linguístico, em primeiro lugar, em seu aspecto conceitual e estabelece-se a diferenciação entre significação e valor. A significação é a contraparte da imagem acústica; o valor é a propriedade que uma palavra tem de representar uma ideia (CLG, p. 160). O valor é um elemento da significação, que resulta da presença simultânea de outros signos que também vão ter um valor. Isso significa que as palavras e os conceitos ou ideias vizinhas se limitam reciprocamente. “Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias” (CLG, p. 168).

Na língua, cada termo ou elemento tem um valor correspondente pela sua oposição com os outros termos. Os valores estão sempre constituídos por dois fatores: por uma coisa distinta de qualquer outra coisa, com a qual pode ser trocada por aquela cujo valor está por determinar; e por coisas semelhantes que podem ser comparadas com aquela cujo valor vai ser determinado. Além disso, são relativos, já que a relação entre a ideia e o som é arbitrária, e são negativos porque a relação entre os signos linguísticos de um sistema se define de forma negativa, pois um signo é aquilo que outro não é (CLG, p. 167).

Na primeira parte dos princípios gerais – capítulo V do CLG, intitulado: *Relações sintagmáticas e relações associativas*, Saussure afirma que “num estado de língua, tudo se baseia em relações”. Essas relações correspondem a duas formas de atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua. Continua que, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua. Nomeia-a como *sintagmas*, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue ou a ambos. “A noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, as unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas,

derivadas, membros de frase, frases inteiras).” (CLG, p. 172). Essa abordagem nos interessa enquanto compreensão da temática do estudo. O linguista continua

Há primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão as partes significativas. (cf. francês: *à quoi bon? allons donc!* etc.) [...] cujo caráter usual depende das particularidades de sua significação ou de sua sintaxe. Esses torneios não podem ser improvisados; são fornecidos pela tradição. (CLG, p. 173; grifos do autor)

Na citação, há uma relação direta com as expressões idiomáticas que exemplificam o que Saussure chama de “torneios fornecidos pela tradição”: unidades linguísticas que não podem ser reinventadas livremente, pois seu valor depende da memória coletiva e da prática social. Elas mostram que a língua é tanto um sistema de signos quanto um repositório de usos cristalizados que carregam identidade cultural. O valor dessas expressões não está apenas na soma dos significados das palavras, mas em sua tradição de uso. Elas carregam uma carga cultural e histórica que as torna reconhecíveis e eficazes na comunicação. Por isso, não podem ser improvisadas e são transmitidas de geração em geração como parte do patrimônio linguístico.

Em contrapartida, fora do discurso, as palavras oferecem algo de comum que se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais operam relações muito diversas. (CLG, p. 174) chamamos de relações associativas. “Sua sede está no cérebro”, elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Saussure faz uma analogia comparando as duas relações com um edifício, onde havia uma coluna (eixo do paradigma) e um arquitrave que a sustém (eixo das combinações). Ele diz que “Cumpre reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorreram para produzi-la em proporções impossíveis de determinar.” (CLG, p. 174)

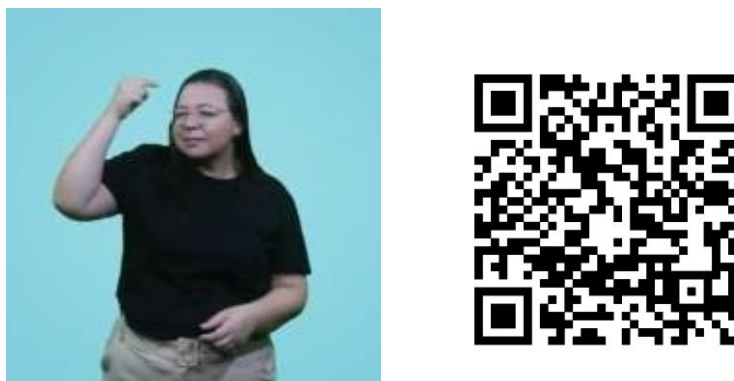
A respeito das relações associativas, Saussure contrasta com as relações sintagmáticas quanto à infinitude de possibilidades que a língua permite construir. “Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta e também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam.” (CLG, p. 174).

Percebemos as diferenças entre as relações sintagmáticas das associativas, observando que todo o encadeamento nas relações se passa no cérebro, “e o espírito capta também a natureza das relações que unem os termos em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam”. (CLG, p. 174)

As construções paradigmáticas podem ser relacionadas de inúmeras formas: por similaridades, desinências, fonemas, sufixos, significação, entre outros. “Enquanto um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada.” (CLG, p. 175)

Para contrastar com a Libras, língua de análise neste estudo, sabemos que há sinais que são realizados em localização que podemos dizer, lógicas, dado a semântica nas relações associativas. Por exemplo, os sinais PENSAR, IMAGINAR, INVENTAR e ESQUECER são sinais realizados na localização da cabeça.

Figura 1 – sinal para PENSAR



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Os sinais AMAR, AMIGO, ROMÂNTICO e PIEDADE são realizados na localização do tórax, próximo onde está o coração.

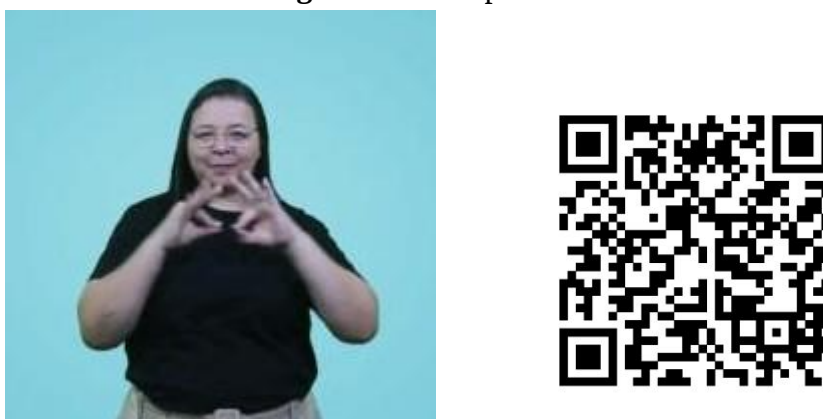
Figura 2 – Sinal para AMOR



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A relação também pode estar na significação mental como os sinais PAI, MÃE, FILHO e IRMÃO ao convergir para a ideia de família.

Figura 3 – sinal para FAMÍLIA



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

O que nos leva a ver a diversificação na natureza das relações associativas. Segundo Saussure, ambas as relações são “indispensáveis para a vida da língua” (CLG: 171).

Essa perspectiva estrutural é decisiva para os estudos linguísticos porque desloca a atenção da referência extralinguística (o mundo real) para as condições internas do funcionamento da língua. O significado passa a ser concebido não como uma representação direta do real, mas como o efeito das relações diferenciais entre signos. Assim, compreender a língua como sistema de signos implica reconhecer que o sentido emerge de um jogo de diferenças, e não de uma correspondência estável com o mundo.

Essa abordagem relacional tem implicações consideráveis para o estudo de línguas de sinais, como a Libras. A natureza visuo-espacial do significante não invalida, mas, ao

contrário, reforça a ideia de que os sinais ganham sentido dentro de um sistema de oposições internas, sejam elas formais (configuração de mãos, movimento, ponto de articulação) ou semânticas (expressões não manuais). A abordagem semiológica saussuriana nos conduz a compreender como as expressões idiomáticas em Libras se inserem em um sistema em que o sentido é efeito de contraste e oposição. Essas expressões estão presentes tanto no sistema da língua como também no plano do discurso e para alcançar a referência de algumas expressões idiomáticas é necessário estabelecer uma relação semiótica com sentidos segmentados dentro do sistema da língua.

Benveniste inicia o texto “Da subjetividade na Linguagem” com a seguinte indagação: “Se a linguagem é, como se diz, instrumento de comunicação, a que deve ela essa propriedade?” (PLG, p. 284). A questão sugere que a linguagem não é simplesmente um “instrumento externo ao sujeito”, mas que sua capacidade de comunicar decorre de uma estrutura constitutiva e relacional. A comunicação, nesse sentido, é inseparável da constituição do “eu” e do “tu” que se instauram no discurso.

Ao deslocar o foco da linguagem como ferramenta, para a linguagem como condição de possibilidade da subjetividade, Benveniste evidencia que a propriedade comunicativa não se explica por uma utilidade prática, mas pela própria organização simbólica que permite ao sujeito se enunciar e, ao fazê-lo, reconhecer-se em relação ao outro. Assim, a comunicação emerge como efeito da enunciação, isto é, do ato pelo qual o sujeito se constitui na linguagem.

Benveniste aponta para o fato de que a comunicação não é uma função acessória da linguagem, mas uma consequência de sua natureza fundamental: a de instaurar sujeitos e relações intersubjetivas.

Portanto, a pergunta inicial de Benveniste não busca apenas esclarecer a origem da função comunicativa, mas inaugura uma reflexão mais ampla: a linguagem é o espaço em que se funda a subjetividade e, por isso, sua propriedade de comunicar está intrinsecamente ligada ao fato de que, ao falar/sinalizar, o sujeito se coloca em relação com outro sujeito. E quando o sujeito é impedido de sua língua natural? Remete-se ao Congresso de Milão, realizado em 1880, marco histórico no qual se consolidaram medidas que interditaram de forma categórica o uso das línguas de sinais por pessoas surdas.

Sacks (1998, p. 27) descreve de forma crítica as adversas condições de existência enfrentadas pelas pessoas surdas em contextos históricos passados, evidenciando os desafios sociais e culturais que marcaram suas experiências de vida

A situação das pessoas com surdez pré-linguística antes de 1750 era de fato uma calamidade: incapazes de desenvolver a fala, e portanto “mudos”,

incapazes de comunicar-se livremente até mesmo com seus pais e familiares restritos a alguns sinais e gestos rudimentares, isolados, exceto nas grandes cidades, até mesmo da comunidade de pessoas com o mesmo problema, privados de alfabetização e instrução, de todo conhecimento do mundo, forçados a fazer os trabalhos mais desprezíveis, vivendo sozinhos muitas vezes à beira da miséria, considerados pela lei e pela sociedade como pouco mais do que imbecis – a sorte dos surdos era evidentemente medonha. (Sacks, 1998: 27)

Entre os anos de 1880 e 1980, observa-se um período histórico marcado pela imposição do oralismo como método pedagógico hegemônico, acompanhado da proibição das línguas de sinais. Tal política educacional, sustentada pela crença equivocada de que o uso da língua gestual induziria a pessoa surda à inatividade ou à “preguiça”, resultou em um século de restrições comunicativas e de negação identitária. Os registros desse período revelam a profundidade das consequências sociais e emocionais impostas à comunidade surda, constituindo um capítulo doloroso na história da educação dos surdos. Benveniste compreende “a linguagem como a mais alta faculdade (capacidade simbólica) humana, exclusiva e inerente à espécie, distinguindo-a das demais, sendo, por isso, também o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva” (Flores *et al.*, 2025 p. 128).

A linguagem, como afirma Benveniste, não se reduz a um simples instrumento de comunicação, simbólico, mas configura-se como "a possibilidade de comunicação intersubjetiva", mediante a qual o sujeito inaugura sentidos e se inscreve no mundo.

Nesse sentido, o gesto — seja ele oralizado, corporal ou visual — não pode ser analisado de forma isolada, mas como parte de um sistema significante que opera em articulação com a voz, com o corpo e com o contexto sociocultural.

Em uma perspectiva enunciativa, a linguagem manifesta-se sempre como um gesto do sujeito. O gesto enunciativo é simultaneamente físico e simbólico: ao enunciar, o sujeito mobiliza a voz, mas também mobiliza o corpo, o olhar, as expressões faciais e o espaço que ocupa. Assim, tanto na oralidade quanto nas línguas sinalizadas, a linguagem materializa-se em múltiplos modos de significação.

O tópico que segue trazemos reflexões sobre a dupla essência da língua: o modo semiótico e o modo semântico a fim de compreendermos como as expressões idiomáticas na Libras realizam-se pela significação. Pautamo-nos nos estudos de Benveniste, o qual advoga que a língua se organiza em dois planos de significância que coexistem e se interpenetram: o semiótico e o semântico.

1.2 A dupla essência da língua: as relações entre o modo semiótico e o modo semântico

Para tratar sobre a essência da língua, consideremos as especificidades linguísticas em que abordamos neste estudo, a Libras como uma língua de modalidade visuo-espacial e a Língua Portuguesa de modalidade oral auditiva. Este quesito é de relevância para que não percamos a compreensão das especificidades das línguas envolvidas em todo o processo de análise. No entanto, uma interfere na outra pelo fato de os falantes pertencerem ao mesmo país e necessariamente envolver-se neste contato linguístico, quer seja oral, escrito ou sinalizado. Vejamos como essa questão é abordada no campo teórico e epistemológico dos estudos benvenistianos.

O linguista propõe uma distinção teórica essencial entre modo semiótico e modo semântico, que orienta a análise linguística para além da estrutura formal. “Há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (PLG II, p. 229). Neste sentido, Benveniste trata essa como questões gêmeas, o que quer dizer que então imbricadas. “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos constituinte e integrante.” (PLG I, p. 135).

O modo semiótico refere-se ao funcionamento da língua enquanto sistema de signos. Nesse nível, a língua é analisada enquanto estrutura formal: um conjunto de unidades relacionais (sons, gestos, morfemas, sintagmas) que se articulam de acordo com regras próprias. A significação semiótica é a propriedade que permite distinguir uma unidade da outra dentro do sistema. Uma expressão idiomática, seja em Português ou em Libras, é apreendida em sua forma estrutural congelada, como uma unidade complexa que adquire um significado particular pela sua estabilidade no léxico.

Na Libras, por exemplo, há sinais para cada signo, no entanto, há frases que só precisa de um sinal para atingir uma pergunta.

Figura 4 – sinal para IDADE com expressão interrogativa



Tradução livre para o português brasileiro – “Quantos anos você tem?”

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Os elementos linguísticos da língua cumprem a função para alcançar a referência. “A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação.” (PLG II, p. 229-230). Conforme Ferreira-Junior

É por meio da enunciação que o sujeito se projeta na regularidade própria à estrutura de cada língua e deixa transparecer o processo pelo qual converte a língua em discurso. Como toda enunciação supõe sempre um sistema linguístico e este subjaz ao discurso, Benveniste propõe a noção de língua-discurso, atividade que engendra em si a dupla significância determinada e instituída pelos níveis semântico e semiótico que sob ela estão contidos. Em outros termos, toda língua sempre se apresenta na forma de discurso, e o modo com que cada sujeito se marca na enunciação dos índices de pessoa permite entrever a singularidade de sua relação com a língua, com o outro e com sua própria subjetividade. (Ferreira-Junior, 2013, p. 91-92).

O modo semântico diz respeito à produção de sentido na e pela linguagem. É o modo da estrutura da língua em ação, no qual as unidades semióticas se combinam para produzir sentido e referência pelo ato da enunciação. Para Benveniste, a língua é o espaço da interpretação, do sujeito falante e da enunciação. A passagem do plano semiótico ao plano semântico acontece quando a linguagem é posta em funcionamento em situações concretas de uso, nas quais os signos são mobilizados por sujeitos que significam no e pelo discurso.

Nesse sentido, o modo semântico está ligado à dimensão interpretativa e subjetiva da linguagem. Ele abrange a capacidade do sujeito de atribuir sentido às formas, de atualizar o sistema numa situação singular. Benveniste (1969) afirma que a língua é “o intérprete de todas as outras semióticas”, isso quer dizer que cada sistema semiológico produz sentido de

uma maneira muito específica, o que ressalta seu papel privilegiado na constituição do sentido. Enquanto a semiologia estuda os diversos sistemas de signos (visuais, gestuais, simbólicos), é a língua que oferece os meios de interpretação desses sistemas, inclusive dos próprios signos que ela comporta. A língua é, assim, simultaneamente objeto e instrumento da significação: ela estrutura o mundo ao mesmo tempo em que o significa. “A língua ocupa uma situação particular no universo dos sistemas de signos.” (PLG II, p. 55).

Essa concepção dialógica entre forma e sentido, ou entre estrutura e uso, é particularmente fecunda para a análise de línguas, de modo particular, a Libras a que nos referimos neste estudo. Compreender a Libras apenas como um sistema de signos visuais seria restringir sua riqueza semântica e pragmática. Para tratar das expressões idiomáticas, por exemplo, faz-se necessário uma abordagem que articule os dois modos propostos por Benveniste: a forma (gestual, estrutural, espacial) só se torna verdadeiramente significativa quando considerada em seu contexto enunciativo, ou seja, quando o sujeito a atualiza em uma situação comunicativa marcada por valores socioculturais compartilhados.

Nas línguas de sinais (e em nosso caso específico, na Libras) a forma gesto-visual de comunicar, envolve todo o corpo em atribuição de sentido. É por meio dela que a enunciação acontece e revela várias formas de subjetividade. Cada sinal remete a um léxico ou mesmo a uma lexia complexa para alcançar a referência pretendida.

É pela dupla essência da língua, tal como formulada por Benveniste, que há a compreensão da linguagem em sua complexidade: como sistema e como prática, como código e como produção de sentido, como estrutura formal e como expressão do sujeito. Essa perspectiva é necessária a qualquer investigação que busque apreender o funcionamento real das línguas naturais

Que se trata claramente de duas ordens distintas de noções e de dois universos conceptuais pode-se mostrar ainda pela diferença quanto ao critério de validade que é requerido por um e por outro. O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO. A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual. (PLG II: 66).

Essa dualidade ressoa diretamente na análise das expressões idiomáticas em Libras. Por meio da dimensão semiótica (Fixidez e Sistema): A expressão idiomática em Libras possui uma estrutura formal relativamente rígida (sequência de sinais, Configurações de Mãos, Expressões Não-Manuais) que, por convenção, não permite a substituição livre de seus constituintes. É sua natureza fixa e sistêmica que garante sua identidade lexical para

realização da composição de seus sinais. A significação idiomática, "arbitrária" em sua totalidade, impõe-se como um signo complexo no nível da expressão.

Como exemplo, podemos mencionar a expressão idiomática “pintar o sete”. Os signos que a compõem – PINTAR e SETE – são sinais reconhecidos pela comunidade surda. Contudo, a compreensão do enunciado “Nas férias, as crianças pintam o sete” exige não apenas o reconhecimento lexical, mas, sobretudo a convivência e a familiaridade com os idiomas envolvidos. Isso se deve ao fato de que a expressão, cristalizada na língua portuguesa, não se refere ao ato de pintar o número sete, mas sim a uma prática culturalmente convencionada que significa “fazer bagunça”.

Figura 5 – sinal para BAGUNÇAR



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Também pela dimensão semântica (sentido e discurso): O significado idiomático é ativado e atualizado no discurso. A alta iconicidade e o uso de recursos visuo-espaciais, frequentemente empregados em idiomatismos para Libras, demonstram a interligação com a forma como a comunidade surda experiencia e constrói a realidade, o que Benveniste chamaria de “condição da significância.”

Outro exemplo é para as expressões que fazem relação com os sentidos biológicos (ouvir, falar, ver), diante destas expressões é necessária uma adaptação cultural para alcançar a significação. “Entrar por um ouvido e sair por outro”, a expressão que remete à questão de não estar dando atenção ao que está sendo dito (verbalmente), em uma tradução, ela ganha os sinais (configuração de mão em letra X do alfabeto manual) ENTRAR-OLHO, SAIR-OUTRO-olho.

Figura 6 – Sinal para ENTRAR POR UM OLHO, SAIR-OUTRO



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

“A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação.” (PLG II, p. 82) Nesta linha, Benveniste oferece um ponto de partida para refletirmos sobre os modos de produção de sentido na Libras. Imaginemos como os surdos se relacionam com a sua língua de sinais. Como eles constroem sentido a partir de uma língua gesto visual onde as combinações dos sinais instauram uma lógica enunciativa própria, nas quais os elementos visuais – movimento, direção, expressões corporais – constituem dimensões significantes que transcendem a linearidade fonológica das línguas orais.

Benveniste propõe três eixos analíticos para abordar a enunciação, os quais podem ser adaptados para compreensão da dinâmica discursiva da Libras.

A primeira dimensão refere-se à *realização vocal da língua*, que, no caso da Libras, deve ser reinterpretada como realização sinalizada. A produção discursiva em Libras emerge de atos individuais de enunciação, nos quais o sujeito sinalizante mobiliza um repertório linguístico em constante evolução. Tal repertório é atravessado por marcas identitárias da comunidade surda à qual pertence, evidenciando variações regionais e socioculturais. Um exemplo emblemático é o uso mais recorrente da datilologia na região Sudeste, em contraste com sua menor produtividade no Nordeste.

Benveniste observa que “para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa, mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (PLG II, p. 83). O que nos permite pensar que, na Libras, os sinais também não são replicados de forma idêntica entre os sujeitos, mesmo quando há imitação. A aquisição da língua de sinais ocorre de forma interacional a partir de trocas enunciativas e dialógicas por meio das quais a criança surda tem contato com “gestos” de outros sinalizantes. Contudo, cada sujeito imprime singularidade à sua enunciação,

revelando escolhas lexicais, influências comunitárias e trajetórias de contato linguístico que configuram seu modo de “colocar a língua em funcionamento”.

O segundo aspecto destacado por Benveniste diz respeito à *conversão individual da língua em discurso*, ou seja, à conversão da língua (sistema) em discurso (uso). Em Libras, essa conversão exige atenção redobrada à intencionalidade comunicativa, uma vez que a iconicidade dos sinais pode gerar ambiguidades se não houver precisão na escolha do termo sinalizado. Isso é particularmente relevante no tratamento de expressões idiomáticas, cuja tradução exige um “acordo” semântico entre forma e sentido.

O estudo das EIs em Libras sob a ótica enunciativa evidencia que o sentido não é dado de forma estática, mas construído na interação entre sujeitos, em condições sociais e culturais determinadas. Dessa forma, a perspectiva enunciativa não apenas amplia o entendimento teórico sobre as EIs, mas também fortalece o compromisso com uma educação bilíngue que respeite a singularidade da Libras e da comunidade surda.

A semantização da língua, conforme Benveniste está no cerne da enunciação e conduz à teoria da significância (PLG II, p. 83). Em Libras, o sentido não reside apenas na configuração do sinal isolado, mas na articulação entre os elementos visuais e espaciais que compõem o enunciado.

A construção discursiva, portanto, não se limita ao sinal isolado, mas à sua capacidade de realização da língua para um fim comunicativo, instaurando uma rede de significações que transcende o texto sinalizado. Por fim, Benveniste propõe que a enunciação seja *compreendida no quadro formal de sua realização*, isto é, como prática efetiva de produção discursiva. Em Libras, esse ato se concretiza na espacialização do discurso, na escolha dos pontos de referência, na incorporação dos classificadores e na utilização de verbos direcionais que organizam o espaço enunciativo.

Os estudos sintáticos sobre línguas de sinais, iniciados por William Stokoe na década de 1960, revelam que a estrutura sintática em Libras é regida por regras específicas, como apontam Quadros e Karnopp (2004). A referência espacial é construída por meio de estratégias como:

- a) Direcionamento da cabeça e os olhos em direção ao sinal produzido no espaço escolhido pelo sinalizante;
- b) Apontação prévia do sinal para marcar o substantivo;
- c) Produção do sinal em local específico quando a referência é evidente;
- d) Uso de pronomes no espaço para enfatizar o referente;
- e) Emprego de classificadores, em localizações determinadas;

f) Utilização de verbos direcionais que incorporam o referente no espaço.

Quanto à ordem frasal, os dados indicam que a estrutura básica em Libras é SVO (sujeito-verbo-objeto), com variações derivadas como OSV, SOV e VOS. Embora haja flexibilidade na ordenação dos sinais, essa liberdade está condicionada à manutenção da coerência semântica e lógica do enunciado (Quadros; Karnopp, 2004 p. 156).

Os três aspectos da enunciação propostos por Benveniste — a realização comunicativa, a conversão da língua em discurso e a formalização do ato enunciativo — encontram correspondência na prática linguística da Libras. A língua de sinais, ao articular gesto, espaço e expressão, configura um campo enunciativo singular, no qual o sujeito surdo constrói sentido a partir de sua relação com a língua, com a comunidade e com o mundo.

A análise dos fundamentos teóricos apresentados por Saussure e Benveniste permite delinear um quadro conceitual robusto para dar respaldo à compreensão do funcionamento da Libras, especialmente no que tange à constituição do sentido em sua dimensão idiomática. As reflexões propostas ao longo desta seção apontam para a necessidade de ultrapassar modelos linguísticos descritivos ou referencialistas, em direção a uma abordagem que reconheça a complexidade formal, semântica e enunciativa das línguas naturais, incluindo de modo particular, neste estudo, as línguas de sinais além das expressões idiomáticas sinalizadas.

A partir da teoria saussuriana, compreendemos que a língua é um sistema de signos diferenciais, no qual o sentido emerge das relações opostas entre elementos do sistema. Essa concepção se mostra particularmente pertinente para a Libras, cuja estrutura interna se organiza por meio de escolhas lexicais de modalidade visuo-espacial (como os sinais expressos nos parâmetros da língua) que cumprem função semelhante às oposições fonológicas e morfológicas das línguas orais. Nesse sistema, o sinal referencial não possui valor isolado, mas apenas na medida em que se distingue de outros sinais possíveis, reafirmam a natureza relacional da significação. Como diz Benveniste, “o valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (PLG II, p. 54).

A distinção entre modo semiótico e modo semântico revela-se produtiva para o estudo da Libras, especialmente ao evidenciar que os sinais não apenas pertencem a um sistema, mas são atualizados por sujeitos em contextos situados de enunciação. O sentido não é anterior ao uso; ele é efetivamente produzido na e pela enunciação, em função do modo como o sujeito se posiciona no ato de dizer. Na Libras, esse posicionamento se concretiza por meio de elementos visuais e espaciais — como a direção do olhar, as expressões faciais, a organização do espaço gestual e o uso do corpo como ponto de referência.

Isto posto nas capítulo que segue, tecemos considerações sobre as expressões idiomáticas em Libras sob uma abordagem enunciativa, que considere tanto os mecanismos formais quanto os efeitos discursivos e culturais implicados em sua constituição.

CAPÍTULO 02 – O PROBLEMA DO SENTIDO E DA REFERÊNCIA EM LIBRAS: A QUESTÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Benveniste no artigo “A forma e o sentido da linguagem” (PLG II, Cap. XV) diz que “ainda que se compreenda o sentido individual das palavras, pode-se muito bem, fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção das palavras” (PLG II, p. 231). Esta é uma experiência recorrente, que mostra ser a noção de referência essencial.

Esta regra se aplica facilmente às expressões idiomáticas em que o conhecimento de cada palavra e seu significado não alcança a referência. Só pela ideia do conjunto “da frase” que conseguimos abstrair o que está sendo enunciado. Vale enfatizar que para Benveniste “a frase é entendida como uma unidade de discurso, não apenas como uma estrutura gramatical.”

Nesta seção, propomos uma discussão acerca das noções de sentido e referência, relacionando-as à Libras, com atenção especial às expressões idiomáticas presentes em seu sistema linguístico. Abordamos as especificidades estruturais da Libras, suas regras de uso e o funcionamento da significância linguística, articulando tais aspectos à noção de dupla essência e à relação de interpretação proposta por Benveniste.

A partir dessa fundamentação, pretendemos avançar para o tema central através de um recorte o estado da arte das pesquisas sobre expressões idiomáticas em Libras e o que a literatura tem evidenciado nesse campo. Em seguida, tecemos considerações sobre as questões de interpretação no par linguístico Português/Libras, destacando o papel do coenunciador, o intérprete de Libras, bem como o processo tradutório e a competência de transferência que sustentam a prática interpretativa.

2.1 Língua Brasileira de Sinais e a enunciação: especificidades do sistema linguístico

Émile Benveniste oferece passos para compreender como o sentido se constrói na linguagem, e aqui tratamos de uma língua que tem uma modalidade distinta. Para Benveniste, o sentido não é uma propriedade estática do signo, mas emerge no ato de enunciação, ou seja, no momento em que um sujeito se apropria da língua para dizer algo a alguém. “O sentido de

uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior.” (PLG I, p. 136).

A construção do sentido, por seu turno, ligada à performance do enunciador, à espacialização dos signos e à iconicidade que permeia a língua. Isso se torna particularmente relevante quando tratamos das Expressões Idiomáticas (EI), que, por definição, não podem ser interpretadas palavra por palavra.

As EI exigem do interlocutor um conhecimento compartilhado da cultura e da experiência coletiva da comunidade surda. O seu sentido não decorre da soma dos significados das palavras que as compõem, mas de um uso que lhes confere um valor semântico próprio.

Em Libras, esse fenômeno se intensifica, pois muitas expressões idiomáticas se constroem a partir de metáforas visuais, sinais marcados e configurações manuais que remetem a imagens mentais específicas. Por exemplo, a expressão idiomática em Libras equivalente a “FICAR DE QUEIXO CAÍDO” pode ser representada por um gesto (convencionado em sinal) que simula a queda do queixo, mas seu sentido extrapola a mímica: trata-se de um marcador de surpresa ou espanto, cuja interpretação depende da situação enunciativa e competência referencial do interlocutor.

Desse modo, a referência não está no sinal isolado, mas na rede de significações que o envolve como a situação enunciativa, o movimento corporal, a expressividade facial e principalmente o conhecimento cultural.

Figura 7 – sinal para FICAR-QUEIXO-CAIR



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

O sentido das expressões idiomáticas em Libras não é dado, mas construído na enunciação. Os sinais expressos, não é apenas um signo visual, mas um ato de linguagem que

atualiza uma memória discursiva coletiva. Como afirma Benveniste, “O sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter status linguístico” (PLG I, p. 130).

Os estudos das línguas de sinais apontam análises com os mesmos critérios linguísticos e teóricos aplicáveis às demais línguas naturais, sem qualquer forma de discriminação ou inferiorização linguística. Ferreira-Brito (1995, p. 45) afirma que a Libras é uma língua de modalidade visuo-espacial, o que implica que sua produção se dá por meio da visão e do espaço, diferentemente das línguas orais auditivas.

As especificidades da Libras se manifestam em sua modalidade visuo-espacial, que se contrapõe à modalidade oral-auditiva das línguas faladas. Tal diferença não implica menor complexidade, mas demanda a adaptação dos referenciais linguísticos tradicionais, elaborados predominantemente com base nas línguas orais, para dar conta de fenômenos próprios à referência linguística da língua de sinais.

Os elementos constitutivos da Libras, qual chamamos de Parâmetros (Stoke, 1960 *apud* Quadros; Karnopp, 2004) como a configuração de mãos, o movimento, o ponto de articulação, a orientação e a expressão facial, atuam em conjunto para formar unidades significativas, análogas aos fonemas, morfemas e sintagmas das línguas orais, ainda que operem com outra natureza subjetiva e estrutural díspar.

O espaço tridimensional, por exemplo, desempenha um papel fundamental na organização sintática e semântica da Libras. Ao utilizar o corpo e o espaço à frente do corpo como suporte da enunciação, a língua de sinais inscreve os referentes em locais específicos, criando um sistema de referência espacial que transcende os limites do verbal. Nesse aspecto, a Libras mobiliza de forma intensa o uso da dêixis² espacial e corporal, o que exige uma abordagem linguística atenta ao papel do gesto e do olhar como operadores formais do discurso.

Assim como em línguas orais há opacidade semântica em expressões convencionais, a Libras também apresenta elementos cuja motivação icônica se perde no uso idiomático ou metafórico. É nesse ponto que a questão das expressões idiomáticas em Libras se impõe como desafio teórico: como compreender, na língua de sinais, construções que envolvem sentido distinto, convencionalidade cultural e opacidade referencial? Para enfrentar esse problema, é necessário considerar que a Libras opera com mecanismos de significação que não apenas

² O termo “Dêixis” remonta aos gregos e abrangia todos os elementos linguísticos que servissem para apontar coisas no mundo como que “com dedo”. [...] “dêixis adverbial ou espacial” que abarca termos da língua que servem para *localizar* eventos, atividades e objetos no espaço (Ferreira-Junior 2009, 22-23).

diferem formalmente das línguas orais, mas que também reconfiguram as relações entre signo, referência e sentido a partir de sua própria modalidade.

A Libras tem propriedades próprias que se assemelha a outras, como também a torna autêntica

As línguas do mundo, pelo menos as que conhecemos até o momento, são muito diversas entre si. Essa diversidade repousa sobre aspectos também variados, sendo alguns inerentes às gramáticas (fonético-fonológicos e morfossintáticos) das línguas e outros inerentes ao modo de produção delas (orais e de sinais). Apesar da diversidade das línguas humanas, ainda assim, por meio delas, seus falantes conseguem usufruir de potencialidades gerais que parecem ser comuns às línguas do mundo, fato que se denomina em Linguística como propriedades das línguas. (Quadros *et.al.* 2023,44)

Os autores discorrem sobre as propriedades das línguas enfatizando as de sinais

Produtividade/recursividade – A produtividade permite que, num dado sistema linguístico, os usuários produzam e interpretem um número infinito de enunciados nunca antes lidos, vistos ou ouvidos. [...] **Dualidade** – a capacidade de combinar elementos menores para formar unidades maiores, sendo que cada um desses níveis possui suas regras organizacionais. A esse princípio dá-se o nome de dualidade. [...] **Descontinuidade** – A propriedade linguística da descontinuidade, segundo Lyons (2013), opõe-se à variação contínua, ou seja, embora haja semelhanças das formas linguísticas, há, por outro lado, o que Lyons chama de identidade da forma na língua. [...] **Arbitrariedade** – Se nas línguas orais o princípio da arbitrariedade é facilmente perceptível, nas Línguas de Sinais nem sempre a relação forma e significado se mostra de modo mais consistente. [...] **Iconicidade** – É frequente em estudos e ou discussões sobre Línguas de Sinais a afirmativa de que essas línguas são icônicas. E isso não é uma inverdade, mas é importante ressaltar que não apenas as Línguas de Sinais têm a propriedade da iconicidade; as línguas orais também gozam dessa característica. Cabe destacar que o fato de as línguas apresentarem iconicidade não anula a arbitrariedade. Na verdade, essas duas propriedades coexistem nos sistemas linguísticos. [...] **Linearidade ou simultaneidade** – No eixo da linearidade, as sequências dos elementos que compõem os sinais e as orações acontecem linearmente por meio de suspensões e movimentos, um depois do outro, formando um sinal ou uma sequência de sinais. No entanto, a Libras apresenta também o eixo da simultaneidade, pois além da combinação sequencial, vários elementos se combinam simultaneamente. (Quadros e *et.al.*, 2023. 44-61)

Consonante com o fragmento que destacamos, fica evidente que delinear as especificidades da Libras é um passo fundamental para problematizar o funcionamento do sentido e da referência nessa língua. Mais do que descrever sua estrutura formal, é preciso reconhecer que, enquanto língua natural e completa, a Libras instaura um modo particular de

articulação do mundo, no qual a expressão idiomática não é exceção, mas sim manifestação plena da produtividade linguística e cultural da comunidade surda.

Para referir-se à cultura, Benveniste traça diálogo a respeito em alguns dos seus artigos, dentre eles em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguista” vai dizer que

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura. (PLG I: 32)

Filiamo-nos às ideias de Benveniste em destaque, pois consideramos os aspectos culturais como elemento imprescindível, pois é nele que a língua está inserida e se manifesta. Benveniste assinala ainda que “É pela língua que o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma”. Isso nos convoca a pensar esses apontamentos teóricos benvenistianos ao contexto emergente dos estudos das línguas de sinais, sobretudo a Libras e o conceito de Cultura Surda.

A cultura surda é definida por Strobel (2009) como:

Cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (p. 27).

As reflexões em Strobel (2009), nos leva a considerar que convivemos em uma sociedade onde ser diferente ainda representa um desafio, uma vez que o mundo não está adaptado para quem nasceu ou adquiriu alguma deficiência. Esse talvez seja a justificativa para a autora defender a ideia de um “jeito surdo de entender o mundo e modificá-lo”.

O ver o mundo é o canal de entrada para a comunicação devido à ausência da audição. Em outras palavras, o que distingue a cultura surda da cultura ouvinte é a modalidade linguística. São as formas de comunicação e de compreensão dos elementos que envolvem a linguagem que marcam essa diferença. Essa questão encontra resolução quando nos abrimos à

inclusão e decidimos acolher o outro em sua singularidade. Incluir é um desafio, mas também uma necessidade ética e social.

Outro quesito citado pela autora é sobre a abrangência da língua a fim de definir uma identidade. A aquisição tardia da Libras para o povo surdo pode comprometer o desenvolvimento social do surdo, dificultando sua inserção e acesso em espaços públicos, no mercado de trabalho e no ensino universitário. Ainda assim, é possível registrar conquistas importantes da comunidade surda, que hoje se mostra cada vez mais empoderada em relação à sua identidade e ao seu propósito coletivo.

Em relação à complexidade das expressões idiomáticas na língua de sinais, Faria-Nascimento observa que Expressões idiomáticas típicas da Língua de Sinais levam em consideração a “experiência linguística pessoal e partilhada culturalmente entre os sinalizantes. Os idiomatismos são fruto dessa experiência cultural partilhada.” (1996, *apud* Quadros *et al.*, 2023, p.348). Para exemplificar tal fenômeno, a autora apresenta casos de adaptação cultural que evidenciam características interlinguísticas.

Há expressões com adaptação idiomática que em Língua Portuguesa se referem à cultura linguística oral e em Língua de Sinais brasileira há um ajuste cultural à Língua de Sinais. São expressões que sofrem um ajuste cultural. Como exemplo, podemos citar: “Cale as mãos!” em oposição a “Cale a boca”; “Vejam o que estamos dizendo!” em oposição a “Ouçam o que estamos dizendo!”; “Entrar por um olho e sair pelo outro” em oposição a “Entrar por um ouvido e sair pelo outro” (Quadros *et al.*, 2023, p.348).

Conforme os exemplos indicados no fragmento em destaque, há tantos outros sinais que ganham nova orientação se estiverem referindo-se às pessoas surdas. A adaptação idiomática em Libras não é mera equivalência lexical, mas uma reconstrução cultural que garante a pertinência e a inteligibilidade da expressão no universo visual. Em outras palavras, a análise do sinal em Libras, enquanto signo linguístico pleno, exige o reconhecimento de seu funcionamento no interior de um sistema semiótico que se estrutura de forma autônoma, ainda que com traços sensivelmente diferentes das línguas orais.

A partir do referencial teórico de Émile Benveniste, especialmente em seu texto *Semiologia da língua* (1969), torna-se possível compreender a especificidade do funcionamento da significância na linguagem, aplicável a Libras, sem reduzi-la a uma mera transposição visual do modelo da linguística tradicional.

Benveniste afirma que “a língua é o sistema semiótico por excelência, o único onde se pode estabelecer uma correspondência entre um plano da expressão e um plano do conteúdo” (PLG II, p. 63). O autor sugere três elementos que, na enunciação, precisam ser considerados:

1) o próprio ato, 2) as situações em que ele se realiza, e, 3) os instrumentos de sua realização (PLG II, p. 83).

Essa definição reconhece a linguagem como um sistema de significação em que os signos se organizam em uma estrutura formal que permite a produção e interpretação de sentidos. É nesse aspecto que afirmamos que uma expressão em Libras deve ser compreendida não como um gesto isolado, mas como um signo linguístico articulado, que pertence a um sistema capaz de instituir uma rede de relações significantes e de produzir referência na enunciação.

A Libras, enquanto língua natural, opera com um conjunto de unidades distintivas — como configuração de mãos, movimento, orientação e localização — que desempenham papel semelhante ao dos fonemas em línguas orais. Estes parâmetros são a base dos estudos linguísticos das línguas de sinais iniciados na década de 60 por William Stokoe. São eles:

Configurações de mãos – Formas que a mão assume para realização do sinal. Existem até 111 configurações de mãos, conforme as pesquisas recentes (Oliveira, 2018). Elas podem assumir as configurações das letras do alfabeto ou outras formas que dependem do uso do sinalizador. Normalmente são realizadas pela mão dominante, mão direita (destros) ou esquerda (canhotos).

Ponto de articulação ou localização – É o local onde o sinal é realizado. Que pode ser em uma parte do corpo que se limita da cabeça ao tronco e membros superiores, ou espaço neutro.

Movimento – Alguns sinais podem ter movimentos ou não. Há pelo menos cinco tipos de movimentos para a realização de sinais na Libras: sinuoso, retilíneo, espiral, circular, semicircular.

Orientação da palma – A palma da mão pode ficar para cima, para baixo, lateral.

Expressões não manuais – As expressões faciais e/ou corporais são a “entonação” na Libras. Elas são tão necessárias quanto à soma de todos os parâmetros. Elas podem até definir o contexto do sinal como é o caso do POR QUE e PORQUE.

Figura 8 – Sinais POR QUE (pergunta) PORQUE (resposta)



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Por estes modos de articulação dessas unidades os sinais tomam um regime próprio de significância, em que o espaço, o corpo e a iconicidade parcial entram como elementos construtivos da forma linguística. O funcionamento da significância em Libras, portanto, se realiza pela ativação de formas visuais que operam dentro de uma gramática específica e que se atualizam no discurso com marcas enunciativas próprias. É justamente essa inserção no sistema da língua que permite ao sinal, operar efeitos de sentido que vão além da iconicidade, alcançando níveis de opacidade e convencionalidade típicos das línguas naturais.

Nessa perspectiva, vamos nos deter para a análise das expressões idiomáticas em Libras, que frequentemente rompem com a transparência referencial da compreensão enunciativa e instauram sentidos semiológicos, metafóricos ou culturalmente marcados. Esses sentidos só podem ser compreendidos a partir da articulação entre o plano da forma e o plano do sentido, como propõe Benveniste:

O homem inteiro é um signo, seu pensamento é um signo, sua emoção é um signo.”
[...] é necessário que em alguma parte, o universo admita uma diferença entre o signo e o significado. É necessário, então, que todo signo seja tomado e compreendido em um SISTEMA de signos. Esta é a condição da SIGNIFICÂNCIA.
(PLG II, p. 45).

A partir de Benveniste, compreendemos que o enunciado em Libras como signo linguístico implica reconhecer que ele participa de um sistema de valores diferenciais, em que o sentido não se reduz à aparência formal da sinalização, mas se realiza na enunciação por meio da significância. Para Benveniste (PLG II: 63), “a língua só existe plenamente na enunciação e manifesta-se como um sistema simbólico compartilhado, constituído por signos distintos e atualizado na comunicação intersubjetiva.”

De um modo geral, as expressões idiomáticas constituem um campo privilegiado para observar a dupla significância da língua que emerge de um uso histórico e culturalmente consolidado. Elas revelam: i) O funcionamento do sistema (signos, parâmetros, combinações);

ii) O papel da enunciação (situação, intenção, contexto); iii) A dimensão cultural da língua (valores, práticas, experiências); e iv) A intersubjetividade (reconhecimento mútuo do sentido figurado).

Na Libras, as expressões idiomáticas articulam a materialidade gestuo-visual com a experiência da comunidade surda. Muitas delas envolvem gestos metafóricos, exageros corporais, usos específicos do espaço e expressões faciais marcadas, que funcionam como pistas para a leitura figurada do enunciado.

Nesse horizonte teórico, torna-se pertinente analisar de que modo a Libras, enquanto língua de modalidade gesto-visual realiza os princípios benvenistianos formulados na 3ª relação entre sistemas semióticos da língua, a relação de interpretância, afirmando que a língua pode, em princípio, categorizar e interpretar, inclusive ela mesma. Benveniste expõe os seguintes termos: i) ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada – falar é sempre falar-de; ii) ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo; iii) ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade; e iv) ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva. (PLG II, p. 63).

Benveniste afirma que a língua possui uma “dupla significância”: ela significa enquanto sistema (semiótico) e enquanto sentido (semântico). A língua combina os dois modos distintos de significância, que denominamos modo semiótico por um lado, e modo semântico, por outro. (PLG II, p. 64) De um lado, a língua é uma estrutura de signos articulados; de outro, ela só adquire sentido pleno quando atualizada na enunciação por um sujeito em situação de discurso.

Nessa seção que segue abordamos como a Libras atualiza, visual-espacialmente, esses princípios da relação de interpretância e, simultaneamente submeter os quatro fundamentos às expressões idiomáticas em Libras, evidenciando como essas expressões são marcadores culturais que dependem tanto da materialidade visual, quanto da situação enunciativa em que são produzidas.

2.2 Princípios benvenistianos submetidos aos estudos da enunciação em Libras

O primeiro ponto destacado por Benveniste é que a língua se manifesta pela enunciação. Não há língua fora do uso concreto por um sujeito que, ao enunciar, se coloca em cena e fala de algo, em um tempo e em um lugar determinados. Toda enunciação é referencial: “falar é sempre falar-de”.

Na Libras, esse princípio ganha uma dimensão ainda mais evidente. Todo enunciado é espacialmente referenciado e se apoia: i) na orientação corporal do sujeito; ii) o direcionamento do olhar; iii) na organização do espaço de sinalização; e iv) na marcação visual de participantes, objetos e eventos.

Ao sinalizar, o sujeito organiza, no espaço à sua frente, uma espécie de “cenário discursivo”, distribuindo referentes em pontos específicos do campo visual e retomando-os ao longo do enunciado. A enunciação em Libras não é apenas dizer algo: é encenar relações referenciais, temporais e afetivas por meio do corpo. Aqui visualizamos as categorias da enunciação: Espaço, tempo e pessoa.

Dessa forma, a Libras torna visível o que Benveniste aponta de forma geral: “a língua não é um conjunto abstrato de formas, mas um acontecimento situado.” A cada ato de enunciação, um “eu” se constitui como sujeito e fala de algo para um “tu”, atualizando, no “aqui” e “agora”, o sistema da língua. “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso.” (PLG I, p. 286 – grifos do autor). Na Libras, essa constituição do sujeito enunciador está intimamente ligada ao corpo, ao olhar e ao espaço, o que reforça a ideia de que a língua é inseparável da situação de uso.

Com o olhar voltado para uma expressão idiomática, percebemos que ela só ganha sentido plenamente na enunciação. Isolada, ela pode parecer apenas um conjunto de sinais – ou apenas um sinal, característica particular das expressões idiomáticas – situado em um contexto concreto, torna-se um comentário figurado sobre uma ação, uma pessoa ou um evento.

Em Libras, isso se manifesta, por exemplo, quando o sinalizante recorre a uma expressão idiomática para avaliar uma situação, criticar um comportamento ou expressar ironia. Ainda que os sinais possam ser reconhecidos enquanto formas, o seu valor idiomático depende da situação no discurso: quem fala, para quem fala, em que momento, com qual significação visual (expressão facial, ritmo, intensidade).

Assim, as expressões idiomáticas em Libras exemplificam a fórmula benvenistiana “falar é sempre falar-de”: elas são escolhas enunciativas que dizem algo sobre o mundo, mas o fazem por meio de uma camada figurada de sentido, acionada no aqui e agora da enunciação pela comunidade de prática.

O segundo princípio formulado por Benveniste é o de que a língua consiste formalmente em unidades distintas, e cada uma dessas unidades é um signo. A significância nasce das distinções internas ao sistema: um elemento significa porque se opõe a outros.

Em Libras, essa distinção se expressa por meio de parâmetros específicos, tais como: Configuração de mão, ponto de articulação (local onde o sinal é realizado), movimento, orientação da palma da mão, expressões não manuais (sobretudo expressões faciais, movimentos de sobrancelhas, boca e tronco).

Cada sinal é uma combinação particular desses parâmetros, e pequenas variações podem produzir mudanças de sentido. Assim, a Libras confirma a visão benvenistiana: há um sistema de unidades discretas, organizadas em contraste, que possibilita a produção de signos distintos (PLG I, p. 24).

Ainda que muitos sinais apresentem traços de iconicidade por exemplo, imitando formas ou ações do mundo visível, isso não elimina o caráter convencional do signo. A comunidade surda estabiliza e legitima essas formas, que passam a funcionar como unidades do sistema. A iconicidade, nesse contexto, é apenas um ponto de partida; é a convenção compartilhada que transforma o gesto em signo linguístico. Vejamos, por exemplo, os sinais para DINHEIRO, CASA, VASSOURA e DIRIGIR.

Figura 9 – Sinal para DINHEIRO



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

As expressões idiomáticas também confirmam o princípio de que a língua é composta por unidades distintas. Em Libras, elas: Podem combinar sinais já existentes em uma sequência particular, podem apresentar configurações de mão ou movimentos específicos que, em conjunto, assumem valor idiomático, podem depender de expressões não manuais para completar o sentido.

A leitura de uma expressão idiomática em Libras exige uma atenção afinada aos parâmetros do sinal. Uma alteração no movimento, na velocidade ou na expressão facial pode modificar o sentido, atenuar a força da ironia ou intensificar a crítica. Isso mostra que, mesmo no âmbito do idiomatismo, o funcionamento do sistema de signos permanece central: é a

combinação de unidades distintas e contrastivas que permite a produção de sentidos reconhecidos na língua.

No terceiro princípio, Benveniste enfatiza que a língua é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade. A língua existe como tal porque há um conjunto de falantes que partilham o mesmo sistema de signos e de regras de uso.

Na Libras, isso se materializa no pacto comunitário surdo. Os sinais, sua formação, suas variações e seus significados são construídos socialmente e reconhecidos pelos membros da comunidade. Sempre que um léxico novo é inserido na comunidade de prática. E ainda que haja: regionalismos, variações geracionais, influências de escolas ou associações de surdos diferentes, há também uma base comum que garante a boa compreensão.

O sentido não é apenas resultado da estrutura interna do sinal, mas também da experiência visual, cultural e histórica da comunidade surda. A língua de sinais, assim, é um espaço de memória coletiva, de práticas compartilhadas e de valores culturais que se refletem no léxico, na gramática e nas expressões idiomáticas.

O terceiro princípio de Benveniste – a língua é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade – fica evidente aqui. Uma expressão idiomática só funciona se houver um repertório compartilhado que permita seu reconhecimento. A comunidade surda não apenas domina o código linguístico da Libras, mas também partilha um conjunto de referências culturais que sustenta o uso dessas expressões que são construções culturais. Em qualquer língua, elas refletem experiências, metáforas e modos de ver o mundo próprios de uma comunidade. Em Libras, isso não é diferente.

As expressões idiomáticas da Libras dialogam com a experiência visual e espacial da comunidade surda, refletem práticas sociais, formas de humor e modos de crítica próprios da cultura surda, podem acionar metáforas corporais e visuais que fazem sentido precisamente porque o corpo e o olhar são centrais na interação entre pessoas surdas. Um exemplo a citar é quando os surdos não acreditam no que veem e sinaliza a retirada dos olhos, limpa-os na roupa e depois coloca-os de volta, conforme vê-se na figura 10.

Figura 10 – EI para “Acho que não vi direito”



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Esse sinal só faz sentido dentro da comunidade surda porque todos compartilham a referência cultural e visual de que retirar os olhos e limpá-los é uma metáfora corporal que se refere à “Não acredito no que vejo”. Assim, o princípio de Benveniste se confirma: o valor de referência é comum a todos os membros da comunidade surda, que reconhecem e interpretam a EI de forma natural. Sem esse repertório cultural e linguístico compartilhado, o sinal perderia seu efeito idiomático e seria apenas um gesto isolado.

Por fim, Benveniste afirma que a língua é a única atualização possível da comunicação intersubjetiva. “É pela língua que um eu pode dirigir-se a um tu, instaurando uma relação de reciprocidade simbólica. A língua não é apenas um instrumento: ela é a própria condição de possibilidade da intersubjetividade.” (PLG I. p. 293)

Na Libras, a dimensão intersubjetiva é especialmente visível na dinâmica do olhar e do corpo. A troca comunicativa pressupõe: contato visual entre os interlocutores, alternância de turnos de sinalização, uso do espaço para marcar quem fala, de quem se fala e para quem se fala, engajamento corporal que sinaliza atenção, concordância, discordância, surpresa, entre outros.

Figura 11 – Olhar da participante na sinalização da EI “Tô cheia disso”



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A língua de sinais evidencia, de forma quase pedagógica, o que Benveniste descreve teoricamente: “é na e pela língua que o sujeito se constitui como eu diante de um tu, e é nessa relação que o sentido se produz.” A Libras, ao ancorar a enunciação no corpo e no espaço, torna palpável a natureza intersubjetiva da linguagem.

Por fim, o uso de expressões idiomáticas em Libras intensifica a dimensão intersubjetiva da língua. Ao recorrer a uma expressão idiomática, o sujeito enunciador convoca o interlocutor a reconhecer uma camada de sentido que não está dada na literalidade dos sinais. Trata-se de um convite implícito à cumplicidade interpretativa.

Quando o interlocutor compreende a expressão idiomática, confirma-se aquilo que Benveniste descreve como comunicação intersubjetiva: o “eu” e o “tu” se encontram em um mesmo universo simbólico. A expressão idiomática, então, não é apenas um recurso estilístico; é uma prova de pertencimento à comunidade linguística e cultural que partilha aquele repertório.

Na Libras, esse processo é potencializado pelo caráter visual-gestual da língua. A ironia, a crítica, o humor e a afetividade não se realizam apenas nos sinais, mas na maneira como o corpo os encarna. Assim, o idiomatismo em Libras torna ainda mais visível o vínculo entre língua, sujeito e relação intersubjetiva.

A teoria da dupla significância de Benveniste oferece um quadro robusto para compreender a Libras como língua plena, complexa e culturalmente situada. A Libras realiza, em sua modalidade gesto-visual, os mesmos princípios fundamentais que regem as línguas orais: ela se manifesta na enunciação, organiza-se em unidades distintas, é compartilhada por uma comunidade e constitui a base da comunicação intersubjetiva.

Ao submeter esses princípios ao campo específico das expressões idiomáticas em Libras, torna-se possível evidenciar o quanto o idiomatismo é um espaço privilegiado de observação da relação entre língua, cultura e sujeito. As expressões idiomáticas: i) dependem da situação enunciativa para produzir sentido; ii) são construídas a partir de signos discretos, combinados segundo regras do sistema; iii) exigem um repertório cultural compartilhado na comunidade surda; iv) atualizam, de forma intensa, a comunicação intersubjetiva, criando vínculos de reconhecimento e pertencimento.

A análise das expressões idiomáticas em Libras, à luz da teoria benvenistiana, contribui para reafirmar a centralidade da língua de sinais na constituição da cultura surda e na produção de sentidos sobre o mundo. Ao mesmo tempo, amplia o próprio escopo da teoria de Benveniste, mostrando que seus conceitos são plenamente aplicáveis às línguas de

modalidade gesto-visual, que tornam visível, no corpo e no espaço, aquilo que o autor descreveu como o elo vivo entre língua, homem e cultura. (PLG I, p. 32).

No entanto, convém questionarmos: O que nos dizem os estudos sobre expressões idiomáticas em Libras nas recentes pesquisas publicadas? E como esses estudos se valem (ou não) dos princípios benvenistianos para justificar os fenômenos na produção de forma e sentido da Libras? Dedicamos o tópico que segue para a realização de um olhar em profundidade a um recorte temporal do estado da arte dos estudos sobre Expressões Idiomáticas em Língua Brasileira de Sinais.

2.3 As expressões idiomáticas em Libras

Para respondermos os questionamentos que suscitamos ao final da seção anterior, realizamos uma revisão sistemática da literatura. Buscamos analisar os estudos já publicados, a fim de destacar as perspectivas abordadas até o momento. Para organização, escopo e sistematização dos documentos (artigos, teses e dissertações), utilizamos as etapas metodológicas e ferramentas de revisão bibliográfica sistemática proposta por Santos (2023).

Focalizamos nossa busca e constituição do corpus desta revisão nas pesquisas publicadas em periódicos nacionais, disponíveis nas bases de dados Google Acadêmico, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). O período de busca foi delimitado entre os anos de 2015 e 2025, utilizando o descritor "expressões idiomáticas libras". A justificativa para a seleção do período de 10 anos reside na necessidade de garantir achados recentes, sem, contudo, desconsiderar a literatura consagrada que fundamenta as novas pesquisas. No quadro 1, apresentamos a estratificação dos estudos coletados em relação às fontes de dados.

Quadro 1 – Fonte para coleta de dados

Plataforma	Nº de Periódicos encontrados	Úteis à pesquisa	Exclusos
CAPES	4	2	2
SCIELO	1	-	1
BDTD	9	4	5
GOOGLE ACADÊMICO	926	4	922

Fonte: Elaborado pela autora 2025

Foram selecionados artigos científicos, dissertações, teses e anais de eventos acadêmicos que abordam especificamente o tema das expressões idiomáticas na Libras. Os

materiais que não apresentavam relevância para os objetivos da pesquisa foram excluídos. A busca nas bases de dados resultou em um total de 940 (novecentos e quarenta) artigos distribuídos em quatro periódicos distintos, dos quais trinta foram selecionados por atenderem aos critérios estabelecidos neste estudo.

Os resumos dos trabalhos foram submetidos à leitura analítica, o que resultou na redução do *corpus* para dez estudos, excluindo-se os demais por não atenderem de forma satisfatória aos descritores definidos. A organização do estudo foi estruturada com base em um quadro demonstrativo elaborado à luz de Santos (2023), o qual sistematiza os dados extraídos dos trabalhos selecionados identificados por P+número e ordenados por ano em ordem crescente.

Quadro 2 – Visão Geral dos Estudos Selecionados

Ordem	Título / método	Característica Ano/Instituição	Autor	Objetivo Geral
P1	Compreensões de expressões idiomáticas do PB por falantes de línguas orais e de sinais como L1: um estudo experimental Método: Estudo com perspectiva da psicolinguística, com abordagem experimental.	2018/UFJF/Dissertação	Ágata Jéssica Avelar de Oliveira	Aprofundar a reflexão relativa às diferenças entre processamento da linguagem literal e não literal na perspectiva da psicolinguística experimental. Investigar o processamento de expressões idiomáticas do tipo verbo complemento do PB.
P2	Processo de variação linguística: breves considerações acerca de gírias e expressões idiomáticas interpretadas para Libras Método: Pesquisa bibliográfica, perspectiva sociolinguística variacionista.	2021/IFPB/TCC	Anderson de Souza	Discutir alguns conceitos sobre variação linguística na Língua Brasileira de Sinais e refletir acerca das gírias e das expressões idiomáticas no contexto da variação linguística na Libras.

P3	Dicionário bilíngue de expressões idiomáticas para tradutores e intérpretes Português - Libras Método: Pesquisa aplicada, estudos da tradução e interpretação da Libras.	2021/UnB/ Dissertação	Carlos Magno Leonel Terrazas	Elaborar um dicionário bilíngue que tem como público-alvo tradutores e intérpretes que atuam com o par linguístico português-Libras.
P4	Expressões idiomáticas na Libras: um estudo descritivo Método: Pesquisa descritiva com perspectivas teóricas da Linguística descritiva e sociolinguística.	2022/UFAL/ Dissertação	Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque	Descrever e analisar como são estruturadas as Expressões Idiomáticas da Libras sinalizada por surdos alagoanos.
P5	(In)Traduzibilidade das Expressões Idiomáticas entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais: Uma análise conceitual e funcional Método: De abordagem exploratória com perspectiva nos estudos da tradução e na Linguística aplicada	2023/Dissertação/ UFU	Bruno Alexandr e Scapolan	Discutir a definição de EIs em Libras e as equivalências tradutórias entre a LP e a Libras, a partir do contraste entre a literatura e as definições dos professores e TILSP apresentados no <i>corpus</i> selecionado.
P6	Expressões idiomáticas Português-Libras: (in)traduzibilidade Método: análise de conteúdo, com perspectiva teórica nos estudos da tradução	2023/artigo/ Revista USP	Bruno Alexandr e Scapolan e Igor Antônio Lourenço da Silva	Discutir as equivalências tradutórias entre essas expressões nas duas línguas, analisando a literatura existente e as definições de profissionais envolvidos com a Libras em um <i>corpus</i> de quatro vídeos on-line.
P7	Expressões Idiomáticas da Libras: Um Estudo em Lexicografia Método: documental e exploratória, com perspectivas na lexicografia e linguística aplicada.	2023/artigo/ Revista USP	Jaqueline Boldo e Marianne Stumpf	Analisar de que modo os sinais da Comunidade Surda trazem as expressões idiomáticas na lexicografia que expõem.

P8	Discussão sobre o processo de tradução e interpretação de expressões idiomáticas da Libras para o português em um curso de formação de tradutores e intérpretes de Libras Método: Levantamento bibliográfico com perspectiva na semântica e pragmática da Libras.	2024/ Dissertação/ UFAL	Joanilson Luiz Faleiro da Silva	Refletir sobre o processo de ensino de Libras como L2 em curso de formação de intérpretes, analisando o desenvolvimento linguístico da Libras em uma perspectiva bilíngue.
P09	Expressões idiomáticas: o saber surdo Método: análise de associações semânticas, com perspectivas na sociolinguística	2025/ anais de congresso/ UFSC	Maria Eduarda Cavicchio li Ellen Cristina Silva Itacaramb y Claudney Maria de Oliveira e Silva	Verificar que medida os surdos conhecem as EIs em português e Libras.
P10	Expressões idiomáticas em Libras: uma análise a partir da perspectiva semântico-lexical Método: Análise das EIs sem comparação com o português, com perspectiva teórica da semântica lexical.	2025/ Tese/ UFSC	Jaqueline Boldo	Analisar, a partir da perspectiva semântico-lexical, as EIs presentes na Libras e utilizadas por surdos nas redes sociais

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A partir da análise desses estudos, serão apresentados desdobramentos importantes que fundamentam a presente pesquisa, destacando os objetivos, as perspectivas e as contribuições para os estudos linguísticos.

O trabalho de Oliveira (2018) consiste em um estudo experimental com o objetivo de investigar o processamento de expressões idiomáticas do tipo verbo + complemento do português brasileiro, como "abrir o coração" e "chutar o balde". A autora faz referência a estudos anteriores que indicam maior dificuldade de usuários de Libras na compreensão de EIs do português, porém não elucida a origem dessa dificuldade. Discute também como as EIs nem sempre seguem o padrão do português. A metodologia empregada mobilizou dois experimentos: produção induzida com imagens e rastreamento ocular, avaliando a interpretação dos participantes sobre imagens relacionadas a expressões idiomáticas; e leitura automonitorada, solicitando a leitura de frases associadas a imagens com diferentes níveis de relação (literal, metafórica ou nenhuma). Destacou-se que as expressões mais conhecidas

geraram respostas mais precisas e rápidas. Como resultado, expressões familiares registraram menor tempo de leitura em todos os grupos experimentais (p.128). A pesquisa contribui para a compreensão da importância da familiaridade e do contexto visual na interpretação das expressões idiomáticas.

De acordo com Souza (2021) o objetivo do estudo é refletir sobre a manifestação de gírias e expressões idiomáticas na Libras, buscando compreender como as figuras de linguagem são interpretadas e adaptadas na língua, respeitando suas particularidades linguísticas e culturais. O autor utiliza estudos prévios, incluindo o de Oliveira (2018). Parte do princípio de que a Libras é uma língua natural, sujeita a variações regionais, sociais e históricas, assim como qualquer outra língua. Afirma que gírias e expressões idiomáticas são formas naturais de comunicação e marcadores de identidade e pertencimento da comunidade. A reflexão sobre o uso e a interpretação de gírias e expressões idiomáticas aponta para a exigência de criatividade e sensibilidade cultural por parte dos tradutores-intérpretes, ressaltando a importância da formação desses profissionais.

Terrazas (2021) propõe o desenvolvimento de um dicionário bilíngue para tradutores e intérpretes que atuam com o par linguístico Português-Libras, por meio da criação de um banco de dados acessível. O autor introduz o texto com reflexões sobre gírias e metáforas. É relevante para essa reflexão perceber a constante relação de complexidade de compreensão e, principalmente, discriminação entre os três fenômenos. Em seguida, reconhece que as expressões idiomáticas são culturalmente marcadas em suas interpretações, o que demanda abordagens específicas na tradução para Libras. O autor, sendo surdo, compreende sua língua materna como uma língua natural com estrutura e expressividade próprias, o que exige cautela na tradução de expressões complexas. Realiza um levantamento de expressões idiomáticas em Língua Portuguesa com coleta de dados em redes sociais. Um detalhe da dissertação é a apresentação dos dados em QR Codes que direcionam a vídeos no YouTube com a tradução das expressões em Libras. Ele diz que “as expressões são perpetuadas de uma geração para outra fazendo parte da herança cultural de uma comunidade linguística, por isso muitas vezes são confundidas com os ditados populares, mas sua construção é complexa e as palavras não podem ser separadas pois geram novos sentidos.” (Terrazas, 2021, p. 28).

Albuquerque (2022) realiza um estudo específico para descrever e analisar as expressões idiomáticas, sua estrutura e inserção no contexto social da comunidade surda. Para a análise, seleciona 10 expressões idiomáticas sinalizadas em Libras e realiza entrevistas com surdos e ouvintes de sua comunidade em Alagoas. O estudo destaca a riqueza expressiva da Libras e sua capacidade de representar conceitos abstratos por meio de construções visuais e

culturais. Apresenta uma abordagem morfológico-lexical. A metodologia utilizada envolveu a elaboração de imagens e questões sobre o tema, apresentadas aos participantes da pesquisa para que identificassem se reconheciam ou não a expressão como idiomática.

Scapolan (2023) realizou um estudo instigante, ele considera que as expressões idiomáticas são unidades culturais e linguísticas complexas, cuja tradução exige mais do que correspondência lexical. Investiga os desafios e possibilidades de tradução de expressões idiomáticas do Português para a Libras, com foco na (in)traduzibilidade das estruturas linguísticas, e na equivalência tradutória funcional e cultural. O estudo analisa quatro vídeos em Libras para avaliar as estratégias tradutórias utilizadas por intérpretes, empregando a análise de conteúdo para identificar padrões de tradução e adaptação. O autor conclui que não há possibilidade de tradução literal de expressões idiomáticas do português para Libras, dadas às especificidades linguísticas. Os intérpretes recorrem a estratégias visuais, paráfrases e adaptações culturais a fim de preservar o sentido como ponto principal das línguas envolvidas. Há sempre uma intenção, por parte dos intérpretes, de buscar uma tradução fidedigna, sem ruídos. A (in)traduzibilidade das EIs transcende os limites das palavras em si, envolvendo elementos culturais e contextuais que desafiam uma tradução “fiel” (pg. 103). O estudo é de grande relevância para a formação crítica de tradutores e intérpretes, solicitando atenção à sensibilidade cultural e linguística.

Encontramos também um artigo de Scapolan e Silva (2023), recorte da dissertação do autor mencionada anteriormente, que se apoia em conceitos da Teoria da Tradução e abordagem funcionalista, valorizando o sentido e a função da expressão no contexto de uso, busca equivalências funcionais das expressões idiomáticas entre o português e a Libras em quatro vídeos selecionados. Reforça a necessidade de uma abordagem flexível e culturalmente sensível na tradução de expressões idiomáticas.

Dentre os estudos achados da literatura, encontramos um artigo, contribuição de Boldo e Stumpf (2023) autoras surdas, as quais investigam as expressões idiomáticas como unidades linguísticas e culturais que refletem a identidade da comunidade surda. Apoiam-se nos estudos da lexicografia em Libras considerando a modalidade gestual visual, utilizando-se de vídeos que circulam em plataformas digitais para análise. Os resultados apontam que as EIs são marcas culturais e por vezes sem equivalência direta no português. Essa produção idiomática está ligada às experiências de vida do povo surdo, moldada por sua visão de mundo. O artigo propõe a organização de dicionário bilíngue, com foco em representações visuais e culturais, dada a importância de materiais acessíveis e multimodais para o ensino e prática tradutória que envolve as línguas Português-Libras.

A dissertação de Silva (2025) apresenta um campo de ensino da Libras muito importante para o desenvolvimento e amplitude da comunidade surda que é a formação de tradutores e intérpretes de Libras. O autor considera a tradução de expressões idiomáticas como um processo interlingual e intercultural, que exige atenção para as nuances culturais e linguísticas. É uma pesquisa descritiva e analítica, com aplicação de questionários a intérpretes de Libras sobre sua formação e experiências com a tradução de expressões idiomáticas, o campo de investigação é um curso de formação de intérpretes. Identifica, através dos relatos dos intérpretes, a dificuldade de traduzir expressões idiomáticas da Libras para o português, isso se justifica quando o intérprete não possui muita convivência na comunidade surda, pois não há momentos formativos nessa perspectiva. Há uma lacuna nas ementas dos cursos de formação de intérpretes que não incluem o tema no plano de curso. O texto apresenta muitas expressões idiomáticas utilizadas por surdos da região que também são cristalizadas em nosso contexto acadêmico. Por fim, a pesquisa estimula o desenvolvimento de materiais didáticos e estratégias pedagógicas com a temática.

Identificamos um artigo de Cavicchioli *et al.* (2025), os autores investigam como as pessoas surdas compreendem, produzem e atribuem sentido às expressões idiomáticas, através do saber construído dentro da cultura surda na utilização da Libras como língua de referência. O estudo apoia-se na linguística aplicada, faz uma análise a partir da exposição de imagens para identificação da expressão idiomática pelos surdos. Seleciona dez EIs, sendo cinco originadas da língua portuguesa, outras cinco da língua de sinais. Uma característica dos entrevistados que chama a atenção é a idade da maioria dos surdos serem idosos. Pela tradição, o uso das EIs normalmente vem de geração em geração. Segundo os autores, “Os dados revelaram uma familiaridade mais significativa com as expressões em Libras, o que reflete a proximidade dos surdos com a Libras e a cultura surda, em detrimento do português.” Essa constatação é a mais provável. São pesquisas como essas que revelam a importância de a linguagem ser introduzida na etapa correta da vida dos surdos.

Um estudo recente é a tese de Boldo (2025), mencionada anteriormente em um artigo elaborado em coautoria com sua orientadora. O trabalho de Boldo analisa trinta expressões idiomáticas em Libras que refletem aspectos culturais e cotidianos da comunidade surda, sob uma perspectiva semântico-lexical, com destaque para como as expressões são construídas e compreendidas no contexto, sem recorrer à comparação direta com o português. A autora busca na semântica-lexical o apoio para responder às questões de sua pesquisa. Defende que a Libras possui um léxico idiomático próprio, moldado por fatores culturais, históricos e sociais da comunidade surda. Há escassez nos estudos relacionados à semântica da Libras, isso nos

impede de avançar nas investigações, ou referenciar com os estudos consagrados. A tese valoriza a identidade e cultura surda, reflete experiências e visões de mundo próprias e trás implicações importantes para o ensino, tradução e lexicografia da Libras.

Em suma, todos os trabalhos direcionam a discussão das expressões idiomáticas no contexto bilíngue Português - Libras, com variações no foco. Os autores: Scapolan (2023), Silva (2025) e Terrazas (2021) exploram o foco tradutório com o olhar para os intérpretes de Libras a partir de dicionário, dicas para formação e estratégias de aprendizagem. Albuquerque (2022) e Boldo (2025) buscam compreender o funcionamento interno e estrutural das EIs, sem comparações diretas com o português, com análises semântico lexicais e descritivas. Enquanto Oliveira (2018) investiga o processamento idiomático em falantes com L1 distintas, experimentais com rastreamento ocular e leitura monitorada. Estudos qualitativos e exploratórios com vídeos e entrevistas (Scapolan, 2023; Silva, 2024; Cavicchioli *et al.*, 2025) Pesquisas lexicográficas com base em mídias sociais e registros digitais (Boldo; Stumpf, 2023).

Os autores parecem enfatizar a autonomia da Libras como língua natural e de cultura, identidade, estrutura próprias e independente de comparações com as línguas orais. Embora os autores mobilizem metodologias diversas que contribuem significativamente para a ampliação dos estudos revisados, observa-se a ausência de uma abordagem sob a perspectiva enunciativa. Essa lacuna reforça a pertinência e a necessidade de aprofundarmos nosso percurso teórico com maior rigor e comprometimento. Essa diversidade metodológica fortalece o campo ao abordar o tema de forma interdisciplinar: do processamento cognitivo à documentação linguística, da formação profissional à produção cultural surda.

Os autores Scapolan (2023), Silva (2024), Terrazas (2021), Boldo e Stumpf (2023) apresentam que a equivalência entre as línguas é menos lexical e mais funcional, o que exige estratégias como paráfrases, metáforas visuais e adaptações culturais. Silva (2024) e Terrazas (2021), em específico, evidenciam lacunas nos currículos de formação, defendendo maior atenção à competência idiomática e à construção de materiais didáticos adequados.

O artigo de Boldo e Stumpf (2023) inova ao propor um mapeamento de expressões idiomáticas em Libras com base em suportes multimodais, reforçando a necessidade de registros que respeitem a modalidade gesto-visual da língua. Esses trabalhos compreendem a variação idiomática como expressão da identidade surda, valorizando a riqueza e capacidade de criar novos sentidos da Língua de sinais.

Para Ortíz Alvarez (2000, p. 73), “[...] as expressões idiomáticas refletem o lado dinâmico da língua, a sua adaptação constante às necessidades comunicacionais do momento,

tanto que podem desaparecer logo depois de seu surgimento, se bem que muitas ficam e se incorporam ao inventário lexical da língua”.

Em Xatara (1998), temos que a expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural. A autora traz a baila os seguintes conceitos:

Lexia complexa indecomponível – as palavras (os sinais) deixam de significar individualmente e passa a constituir uma unidade indestrutível de sentido, não possibilitando a decomposição das unidades fraseológicas e impossibilitando a troca por sinônimos. Conotativa – o significado conotativo das expressões é construído em decorrência da carga semântica atribuída a elas e giram em torno do sentido metafórico, pois o significado isolado de cada componente não nos transmite informação, o que na língua de sinais é muito importante atentar-se à significação para não errar no discurso pretendido.

Scapolan (2023) apresenta 10 definições para expressões idiomáticas encontradas em diversas pesquisas, ele discrimina oito definidas como locuções, colocações, frases fixas, lexemas complexos, fraseologias, expressões idiomáticas e ditados que apresentam um sentido figurado ou metafórico e que é peculiar à cultura de origem da língua. Isso nos leva a considerar as expressões idiomáticas como que “ainda podem se configurar como construções linguísticas que vão além do significado literal de suas palavras, apresentando um sentido figurado ou metafórico que é peculiar à cultura de origem da língua” (Scapolan, 2023 p. 21-22).

Dessa forma, as EIs são caracterizadas por sua cristalização em uma língua, sendo construídas e transmitidas pela tradição cultural de um povo. Como resultado, muitas vezes essas expressões são consideradas intraduzíveis para outra língua, visto que seu significado não pode ser deduzido somente a partir da análise de suas partes constituintes.

Após a análise em profundidade dos trabalhos listados, há conjecturas que merecem destaque.

A relação entre sinal e sentido nas expressões idiomáticas sinalizadas desafia o princípio da não-redundância e redundância na linguagem. O uso idiomático desestabiliza a ideia de que sinais visuais são imediatamente compreensíveis. Benveniste afirma que “O homem não dispõe de vários sistemas distintos para a mesma relação de significação” (PLG II, p. 54) e que “o valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Não há signo trans-sistemático”.

O que enunciamos, portanto, não é apenas a atualização de um signo isolado, mas a inscrição desse signo em um sistema de valores linguísticos que lhe confere pertinência e

significação. No caso das EIs, o sentido não pode ser deduzido diretamente da materialidade do sinal, mas emerge da rede discursiva em que se insere. A enunciação torna-se o espaço privilegiado em que o sujeito mobiliza a língua para instaurar significações que ultrapassam a transparência do signo visual.

Pela ótica enunciativa nesta pesquisa, podemos afirmar que as expressões idiomáticas no ato enunciativo no discurso, remetem a termos cristalizado em uma cultura a qual acessam a significação. Para a compreensão das expressões é necessário acessar o sentido e não a soma das partes. A referência é própria do momento da enunciação.

Em Libras, por exemplo, as EI se manifestam por meio de sequência de um ou mais sinais que, embora possam conter traços icônicos, adquirem valor idiomático por meio da sua repetição convencional na comunidade surda e pelo afastamento em relação ao significado apresentados nos sinais. Por exemplo, a expressão idiomática “chorar pelo leite derramado” é usada na Libras referente ao sinal "JÁ ERA" e não tem relação direta com a representação dos morfemas na frase: CHORAR LEITE-DERRAMAR, reforçando o caráter semântico e pragmático da expressão.

Figura 12 – Sinal para JÁ ERA



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

As produções idiomáticas provenientes do uso da Libras em suas distintas formas de expressão como língua natural trazem as experiências de vida do povo surdo. Reflete-se assim, que “a expressão idiomática da Libras se refere, constantemente, à cultura e à identidade Surdas”. (BOLDO; STUMPF, 2023, p. 315). As autoras enfatizam que as expressões idiomáticas em Libras são profundamente enraizadas na cultura e na identidade da comunidade surda, refletindo suas experiências e valores.

Essas expressões revelam que o funcionamento da significação em Libras, ultrapassa se ancora em processos de convencionalização cultural e enunciativa. Assim, mesmo que a

sinalização mantenha alguma motivação imagética inicial, sua estabilidade como unidade idiomática está garantida pelo uso reiterado na comunidade, pela função comunicativa recorrente e pela compreensão coletiva de seu valor pragmático.

Estudar as expressões idiomáticas em/da Libras é mais do que identificar exemplos curiosos do uso da língua: trata-se de compreender como o sujeito surdo, situado em sua cultura e em sua experiência discursiva, significa o mundo por meio de construções linguísticas carregadas de condensação semântica, historicidade e marca enunciativa. Essa abordagem permite romper com a visão reducionista da língua de sinais como meramente icônica, e reafirma a Libras como espaço legítimo de criação, metáfora e expressão subjetiva – lugar pleno de linguagem.

Isto posto, a análise dos trabalhos que selecionamos nos sugere que a pesquisa sobre EI encontra-se em ascensão, com abordagem que transitam entre teorias linguísticas, tradutória, sociocultural, semântico-lexical. Contudo, não encontramos pesquisas com abordagem semiológica enunciativa, consonante com o objeto desta pesquisa.

A partir da perspectiva enunciativa que fundamenta esta dissertação, é possível afirmar que as expressões idiomáticas em/da Libras só podem ser compreendidas integralmente quando consideradas dentro do seu contexto discursivo e da posição enunciativa do sujeito sinalizante. Isto é, sua interpretação depende não apenas do conhecimento do sistema linguístico, mas também da ativação dos saberes culturais compartilhados pela comunidade surda. Desse modo, o sentido dessas expressões emerge no cruzamento entre o plano do sistema (valores diferenciais dos sinais), o plano da enunciação (quem diz, a quem, em que situação) e o plano da cultura (valores, metáforas e experiências socialmente significativos).

Cabe-nos, agora, definirmos os rebatimentos do sistema enunciativo no processo interpretativo-tradutório de línguas de sistemas semióticos distintos. Assim, dedicamos a seção que segue para este intento.

2.4 Interpretar ou traduzir: a relação entre sistemas semióticos de base distinta

O processo tradutório entre as línguas requer estudo, intimidade entre as línguas envolvidas e principalmente imersão nas culturas. (Catford 1980, apud Quadros, 2004) diz que a tradução pode definir-se como a substituição de material textual numa língua (fonte) por material textual equivalente noutra língua (alvo).

A linguista Susan Bassnett afirma que “a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de

negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor” (Bassnett, 2003, p. 9). A autora nos diz que há complexidade para o ato da tradução o que fica ainda pior quando não se encontra uma equivalência concreta para expressão de uma frase na língua alvo.

O profissional Intérprete de Libras se vale de todas as expertises de sua experiência para conseguir alcançar o sentido pretendido na língua de sinais. Diante de dois sistemas semióticos distintos como uma língua oral e uma língua sinalizada, o mediador intérprete realiza a interpretação interlingual.

Jakobson separa as formas de tradução em três tipos: Intralingual, interlingual e intersemiótica. A tradução intralingual refere-se ao processo de interpretar e reformular uma mensagem dentro da mesma língua. Nesse caso, o conteúdo é compreendido e, em seguida, reexpressado por meio de outras palavras ou estruturas, sem recorrer a outro idioma. Já a tradução interlingual envolve a transmissão de uma informação de uma língua para outra. A mensagem originalmente formulada na língua de partida é convertida para a língua de chegada, respeitando as diferenças linguísticas e culturais entre os dois sistemas.

A tarefa de interpretar ou traduzir entre sistemas semióticos de base distinta, como a Língua de sinais e a Língua Portuguesa, exige mais do que uma simples substituição lexical ou gramatical entre línguas. Envolve uma operação complexa de transposição de significados que estão enraizados em estruturas formais, culturais e enunciativas distintas. No caso das expressões idiomáticas, essa complexidade é ainda mais acentuada, pois se trata de formas cristalizadas de linguagem que condensam sentidos culturais, históricos e afetivos muitas vezes intraduzíveis em termos literais.

A teoria da enunciação de Émile Benveniste fornece uma base teórica sólida para refletir sobre esse processo. Para Benveniste (1970), a linguagem não é apenas um sistema de signos (modo semiótico), mas o lugar onde o sujeito se constitui como tal (modo semântico).

A língua, ao ser posta em funcionamento pela enunciação, torna-se um instrumento de significação que envolve uma subjetividade situada, um "eu" que fala a um "tu", em um aqui e agora específicos. Nesse contexto, a tradução não pode ser concebida como uma operação neutra entre dois códigos, mas como um ato de reinterpretação de um discurso enunciado por um sujeito, a ser reinscrito em outro sistema enunciativo.

Quando o intérprete de Libras se depara com uma expressão idiomática, ele precisa reconhecer que está lidando com um enunciado cuja carga de sentido extrapola o que está exposto em palavras. Tomemos como exemplo a expressão idiomática da língua portuguesa

“CHUTAR O BALDE” em uma possível tradução para a Libras podemos inferir a “PACIÊNCIA-PERDER”.

Figura 13 – EI para “Paciência-perder”

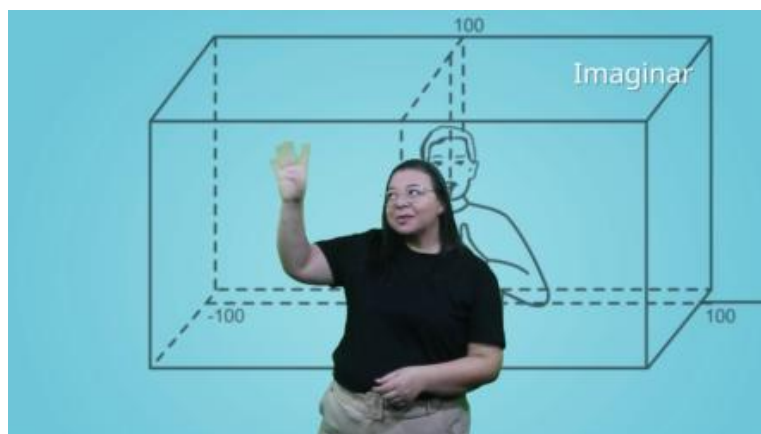


Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Traduzir essa expressão de forma literal para o português, a pensar em “um balde sendo chutado”, comprometeria completamente seu efeito de sentido. Já a interpretação demanda que o intérprete compreenda o funcionamento cultural e enunciativo da expressão e produza, na outra língua, um equivalente funcional (por exemplo, “não suportar”, “perder a paciência”, “abandonou a causa”) que recupere seu valor pragmático na situação discursiva.

Nesse processo, o intérprete atua como um co-enunciador: ele não apenas converte formas linguísticas, mas reinscreve o discurso em outro sistema de significação, com base na análise das condições de produção do enunciado original. Conforme destaca Benveniste (1970) em *O aparelho formal da enunciação*, é no ato de linguagem que o sujeito se institui como locutor e posiciona o outro como interlocutor. O intérprete, ao assumir o papel de mediador entre sujeitos enunciadore de sistemas distintos, precisa reconstruir esse ato enunciativo em um novo plano formal, respeitando a lógica do outro sistema.

A situação é ainda mais sensível quando se considera que a Libras e o português operam em modalidades semióticas distintas — visuo-espacial e oral-auditivo, respectivamente — o que afeta não apenas a forma dos signos, mas também os modos de organização do discurso. Em Libras, o espaço de sinalização, o uso do corpo, a expressão facial e a iconicidade participam ativamente da constituição do sentido. Portanto, o intérprete precisa dominar não apenas as formas linguísticas, mas também os recursos semióticos complementares que compõem o enunciado sinalizado.

Figura 14 – Espaço de sinalização

Fonte: Elaborado pela autora, 2026. Adaptado de (Langevin & Ferreira Brito, (1988) *apud* PIZZIO *et.al* 2009).

Essa mediação torna-se ainda mais desafiadora quando o intérprete precisa lidar com elementos pragmáticos e culturais marcados, como é o caso das expressões idiomáticas. A tradução palavra por palavra, nesse contexto, muitas vezes leva à perda de sentido ou à quebra da fluidez comunicativa. A interpretação, por sua vez, exige a ativação de um conhecimento discursivo e cultural compartilhado, além de uma leitura das intenções do sujeito enunciador e dos efeitos que ele busca produzir em seu interlocutor.

Assim, refletir sobre o papel do intérprete à luz da teoria enunciativa benvenistiana permite compreender que interpretar expressões idiomáticas do par linguístico Libras/Português é, antes de tudo, um ato de enunciação secundária: uma reinscrição do discurso de um sujeito em outro sistema de significação, em que o intérprete assume temporariamente a posição enunciativa para restituir os sentidos pretendidos. É nessa operação que se evidencia a natureza discursiva da tradução: ela não é apenas uma ponte entre línguas, mas uma prática enunciativa que exige sensibilidade, domínio linguístico e competência cultural.

2.5 Enunciação e processo interpretativo-tradutório do par Português/Libras: fundamentos para a competência de transferência

As expressões idiomáticas são um fenômeno linguístico que consiste em frases que têm um sentido figurado. Trata-se de expressões convencionais, de uso corrente na língua, sendo desconhecida a origem de muitas delas. Não se confundem com os ditados populares, que trazem um valor moral (Souza, 2021).

Do ponto de vista enunciativo, as expressões idiomáticas podem ser definidas como estruturas sintagmáticas, específicas de uma língua, cuja referência semântica ultrapassa os sentidos das unidades semióticas que as integram, demandando conhecimentos linguísticos-discursivos e culturais no ato da enunciação em que aparecem empregadas. Biderman (2001, p. 133) assinala que as expressões idiomáticas não podem ser decodificadas literalmente, ou seja, cujo significado é convencionado, não resultando da somatória do significado de seus elementos. Em outras palavras, uma expressão é idiomática “apenas quando seu significado não é transparente, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos”.

Farias-Nascimento (2023, p. 341-342) conceitua Expressões Idiomáticas (EIs) na Libras como estruturas sintáticas constituídas de “sinais únicos ou combinações de sinais apresentados em forma de fórmulas repetidas diariamente, por diversos sinalizantes”. As EIs não podem ser decodificadas literalmente; são culturais por transmitirem um dado cultural e o significado da expressão toda não corresponde ao somatório do significado de cada uma das suas unidades lexicais.

Em Farias-Nascimento (2023) encontramos uma análise das expressões idiomáticas realizadas por diferentes eixos categoriais: lexical, morfológico, idiomático, semântico, metafórico, sintático. Neste estudo, optamos por um viés analítico sob a perspectiva semântica (constituídas pela combinação de ideias ou sinais que levam a significados diferentes dos significados das unidades isoladas) e metafórica (constituídas por expressões que dizem uma coisa, querendo dizer outra, partindo de mapeamentos cognitivos que levam a um domínio alvo, a partir de um domínio fonte).

As produções recentes no contexto das EIs trazem apontamentos significativos para a compreensão dos usos desse artefato linguístico pelos falantes de língua de sinais como primeira língua (L1). Dentre o escopo teórico vigente, destacamos os estudos de Albuquerque (2022), Boldo e Stumpf (2023); Boldo (2025), Cavicchioli et. al (2025), Oliveira (2018), Souza (2021), Scapolan (2023), Scapolan e Silva (2023), Silva (2024), e Terrazas (2021).

Os trabalhos listados direcionam a discussão das expressões idiomáticas no contexto bilíngue Português/Libras, com variações em foco. Os autores Scapolan (2023), Silva (2025) e Terrazas (2021), por exemplo, exploram o foco tradutório com o olhar para os intérpretes de Libras a partir de dicionários, dicas para formação e estratégias de aprendizagem. Albuquerque (2022) e Boldo (2025), por seu turno, buscam compreender o funcionamento interno e estrutural das Expressões idiomáticas, sem comparações diretas com o português, com análises semântico-lexicais e descritivas. Oliveira (2018) investiga o processamento

idiomático em falantes com L1 distintas, experimentais com rastreamento ocular e leitura monitorada.

Do ponto de vista metodológico, se destaca o ineditismo de estudos qualitativos e exploratórios com vídeos e entrevistas (Scapolan, 2023; Silva, 2024; Cavicchioli et. al, 2025); e pesquisas lexicográficas com base em mídias sociais e registros digitais (Boldo; Stumpf, 2023). Os autores enfatizam a autonomia da Libras como língua natural e de cultura, identidade, estrutura próprias e independente de comparações com as línguas orais.

Outrossim, a abordagem pluri-metodológica expressa nos trabalhos analisados se manifesta através da documentação linguística, da formação profissional e da produção cultural surda. Em Boldo e Stumpf (2023) temos um mapeamento de expressões idiomáticas em Libras com base em suportes multimodais, reforçando a necessidade de registros que respeitem a modalidade gestual-visual da língua. Os autores Scapolan (2023), Silva (2025) e Terrazas (2021) apresentam que a equivalência entre as línguas é menos lexical e mais funcional, o que exige estratégias como paráfrases, metáforas visuais e adaptações culturais. Ainda em Silva (2024) e Terrazas (2021), encontramos evidências que reforçam as lacunas nos currículos de formação de tradutores e intérpretes de Libras no tocante ao idiomatismo, o que requer maior atenção à competência idiomática e à construção de materiais didáticos adequados.

Os resultados retornados nos estudos em destaque indicam que a abordagem das expressões idiomáticas em/para Libras é um campo fértil para interlocuções entre teorias linguísticas, tradutória, sociocultural, semântico-lexical. Em se tratando do Português como segunda língua, os estudos assinalam que os aprendizes comumente encontram desafios para a compreensão de metáforas e recorrentemente necessitam do suporte da tradução e/ou interpretação dos idiomatismos, especialmente aqueles pertencentes à comunidade surda sinalizante. Este fato justifica a escassez de pesquisas pertinentes à atividade cognoscente de tradutores e intérpretes no manejo de transferência de idiomatismo, o que reforça a pertinência deste estudo e a consolidação da relação entre enunciação e tradução como um fenômeno a ser examinado.

Todavia, os estudos listados no estado da arte temporal que delimitamos nos mostram alguns caminhos relativos à transferência tradutória das EI no par Libras/Língua Portuguesa.

Em Albuquerque, (2022); Boldo e Stumpf (2023) encontramos o fenômeno das expressões idiomáticas em ações tradutórias mobilizadas em salas de aula da Educação Básica. Nesse tocante, os recortes de episódios tradutórios desvelaram incongruências na construção de sentidos entre o par linguístico Libras-Língua Portuguesa.

Por conseguinte, Boldo (2025), Cavicchioli et. al (2025) e Scapolan (2023) trazem reflexões significativas sob a perspectiva dos intérpretes de Libras frente às situações discursivas envolvendo idiomatismos. Consoante os achados das pesquisas listadas as nuances técnico-operacionais do trabalho tradutório são colocadas em xeque e requer do profissional intérprete maior esforço cognitivo no processamento tradutório.

Os recentes trabalhos que destacamos reforçam o papel do profissional Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais-Língua Portuguesa (TILSP) e sua habilidade linguística de processamento de estratégias cognitivas e de transferência a fim de dirimir as barreiras entre o par linguístico Libras/Português. Em outras palavras, os TILSP lidam diretamente com elementos lexicais de repercussão tradutória complexa.

O trabalho do intérprete envolve, dentre outros artefatos hermenêuticos, o princípio da transferência, ou seja, o manejo de competências tradutória, discursiva e cultural para atendimento dos sentidos e significados do texto na língua-fonte durante a produção do texto na língua-alvo (Silva, 2024). Por exemplo, ao se deparar com uma expressão idiomática, o TILSP se vê diante de lexias complexas onde a tradução pode se mostrar, por vezes, inflexível e não dispõe da convencionalidade discursiva para interlocução dos sentidos na produção de argumentos na prosódia discursiva.

O conteúdo traduzido do português brasileiro para Libras veiculado na internet, por exemplo, nos apresenta um campo fértil para investigações sobre as competências de transferência associada ao processo cognoscente intrínseco da atividade do tradutor e intérprete de Libras. Interessa-nos, em especial, a tentativa de responder às provocações, tais como: quais as implicações tradutórias das expressões idiomáticas em Português são desveladas nos textos de chegada em Libras? Quais aspectos subjetivos das línguas envolvidas são expressos em uma tradução no par Português/Libras?

Os efeitos interpretativo-tradutórios na transferência de expressões idiomáticas reforçam seu caráter lexical complexo, cuja opacidade semântica demanda operações cognitivas específicas, tanto por parte dos sujeitos surdos quanto dos profissionais da mediação linguística, neste caso, tradutores e intérpretes de Libras. Não obstante, sustentamos a concepção de linguagem como forma de significação social, ao passo que reconhecemos a importância da mobilização do idiomatismo nas comunidades linguísticas (Silva, 2024). E para Benveniste “Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. [...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver.” (PLG II: 222).

Isto posto, damos continuidade no item que segue, explorando elementos fundamentais da atividade enunciativa dos TILSP para a constituição do sentido de transferência no processo interpretativo-tradutório.

2.6 A atividade enunciativa do TILSP

Os intérpretes de Libras não podem se prender apenas à relação palavra/sinal por ocasião do processo interpretativo-tradutório (Albres, 2006). Esses profissionais são agentes interlinguais, cuja vivência e processos cognitivos particulares influenciam na construção da subjetividade dos textos de chegada à língua-alvo e ampliação de sentidos e significados por parte daqueles que consomem o produto tradutório.

O ato de traduzir supera o estereótipo da mera transposição lexical. No que tange às expressões idiomáticas, por exemplo, a compreensão dos aspectos cognitivos do sujeito intérprete e tradutor na produção interpretativa-tradutória em Libras/Língua Portuguesa, seus limites e possibilidades contribuem para uma avaliação concisa da transferência tradutória empregada nas dimensões semântica e metafórica, além dos desvios de sentido que por ventura podem incorrer na produção traduzida (Quadros, 2004).

A produção interpretativo-tradutória é, ao mesmo tempo, uma produção intercultural. De um lado está o tradutor e intérprete de libras/Língua portuguesa enraizado na diacronia da sua primeira língua e a influência social que esta exerce sobre a construção da sua persona (valores, referências, experiências, leitura de mundo, etc.). Do outro, há um universo metalinguístico distinto, cujo fatores constitutivos modais da visuo-espacialidade são antagônicos aos referenciais lusófonos. É nesse tocante que as competências tradutórias fazem sentido e são mobilizadas para o estreitamento das dimensões linguísticas através da intermodalidade tradutória (Scapolan; Silva, 2023; Boldo; Stumpf 2023; Silva, 2025; Cavicchioli et. al, 2025; Boldo, 2025).

Quadros (2004) e Silva (2024) apresentam as competências intermodais que podem ser mobilizadas quer parcialmente quer na íntegra nas produções interpretativo-tradutórias em Libras/Língua Portuguesa. Essas competências consistem em atividades de ordem cognitiva, linguística e extralinguística que se evidenciam na transmitância de sentidos e significados entre línguas. O rol de competências e habilidades tradutórias é derivado dos estudos da tradução das línguas orais, sobretudo advindas dos contributos da escola de Jakobson (1991) que classifica em três espécies de tradução

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (JAKOBSON, 1991: 64-65)

Desse modo, focalizamos na atividade cognoscente envolvendo a experiência tradutória da ordem da competência de transferência como eixo investigativo e elucidativo da mobilização de expressões idiomáticas no ato interpretativo-tradutório para a língua de sinais. Em relação à competência de transferência, lemos em Quadros (2004, p. 74):

Não é qualquer um que conhece duas línguas que tem capacidade para transferir a linguagem de uma língua para a outra. Essa competência envolve habilidade para compreender a articulação do significado no discurso da língua fonte, habilidade para interpretar o significado da língua fonte para a língua alvo (sem distorções, adições ou omissões), habilidade para transferir uma mensagem na língua fonte para língua alvo sem influência da língua fonte e habilidade para transferir da língua fonte para língua alvo de forma apropriada do ponto de vista do estilo.

Conforme pontuado por Quadros (2004), o profissional tradutor e intérprete de Libras não basta dominar as duas línguas para garantir a capacidade tradutória. Faz-se necessária a apropriação no contexto da tradução interlinguística.

Rodrigues (2018) evidencia que a competência tradutória de transferência exige mais do que conhecimento linguístico, ela requer habilidades cognitivas, discursivas e culturais específicas. Quadros (2004) enfatiza as dimensões essenciais da atividade cognitiva para o estabelecimento da competência de transferência, são elas: a compreensão do significado articulado no discurso da língua fonte; a interpretação precisa e fiel do significado; a neutralização de interferências linguísticas; e a adequação na língua alvo. Esses apontamentos tornam-se ainda mais complexos quando aplicados à tradução entre línguas de modalidades distintas, como as línguas de sinais e as línguas orais. Sobre a tradução, Benveniste trata que “traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte, seja por equivalências literais entre signos, se eles podem compor o mesmo ‘sentido’, seja por equivalências globais obtidas por meio de relações completamente diferentes, não mais entre signos (Benveniste, 2016, p. 39).

Nesse cenário, o tradutor precisa lidar com diferenças estruturais, perceptuais e culturais, o que exige uma competência tradutória de transferência interlinguística, como

propõe Rodrigues (2018). O autor aponta também a ideia de que a competência tradutória de transferência é uma construção especializada que envolve “um conjunto de habilidades interligadas, cuja articulação é fundamental para garantir a fidelidade, a fluidez e a adequação comunicativa da tradução” (Rodrigues, 2018, p. 27).

A resultante da atividade cognoscente dos TILSP e sua capacidade de transferência interlinguística está a serviço do povo surdo brasileiro e militante de uma sociedade bilíngue em que a língua de instrução é a Libras e de modalidade visuo-espacial, diferentemente da língua dominante, o português, pertencente ao modal oral-auditivo. É nessa seara que empreendemos esforços na tentativa de compreender a competência de transferência dos idiomatismos da Língua Portuguesa para equivalentes na Libras em contextos enunciativos como sala de aula, palestras, eventos, congressos, entre outros.

Concordamos com Ribeiro (2016) ao versar que:

Pensar a língua como uma composição é uma perspectiva engessada, pois concebe que as palavras podem ser aprendidas separadamente, como se fatos inteiros pudessem ser compreendidos individualmente, como pedaços da língua, que também têm estrutura gramatical, a estrutura do tipo que nós conhecemos e interpretamos, apelando para o funcionamento das regras gramaticais gerais. Estes argumentos defendem que as expressões idiomáticas não são apenas um suplemento para o léxico, mas que contém informações sobre os padrões gramaticais totalmente produtivos, incluindo que foram várias vezes referidas como “tipos menores de frases” ou “construções especiais”. Afirmam que nós pensamos em uma locução ou modo de falar como expressões idiomáticas, com base em usos linguístico-culturais que podem ser interpretados pelos interlocutores da comunidade de fala, porém, se alguém que apenas conhecia a gramática, o vocabulário da língua, não podia, em virtude de só ter esse conhecimento, identificar o significado, ou se é algo convencional para se dizer (Ribeiro 2016, p. 85).

Ribeiro (2016) questiona a ideia de que a língua pode ser entendida como uma simples composição de palavras isoladas, regidas apenas por regras gramaticais. Ela propõe uma visão mais dinâmica e cultural da linguagem, onde expressões idiomáticas desempenham um papel fundamental na comunicação e no significado. Por fim, defende que a linguagem não é apenas um sistema de regras, mas um fenômeno cultural e social. Elencamos ao que Benveniste sugere quando fala que “gostaria aqui de precisar um ponto que talvez eu não tenha ressaltando suficientemente. O que deriva da necessidade idiomática, do mecanismo gramatical é algo distinto, que pertence à estrutura formal da língua e está fora do semântico e do semiótico, não sendo propriamente falando da significação” (PLG II, p. 242).

Em complemento a ideia que destacamos em Ribeiro (2016) e o pensamento Benvenistiano (1966), encontramos no estudo anterior de Albres (2006) um desvelamento do fenômeno da metáfora como uma representação cognitiva latente presente nos processos de

transferência de idiomatismos para a Libras. A autora sustenta que “a metáfora é um processo pelo qual se transfere o significado próprio de uma palavra para outra significação que lhe convém apenas em virtude de uma comparação mental” (p. 6). Esse contributo reforça a relação indissociável entre atividade cognitiva e competência de transferência interlinguística durante a produção de traduções para Libras, em nosso caso, envolvendo idiomatismos.

Isto posto, convém perguntarmos: como promover a equivalência das Expressões idiomáticas do português brasileiro para a Libras sem considerar os modais linguísticos e a atividade cognoscente? Certamente não seria possível o estabelecimento da interlocução de sentidos de maneira efetiva. Isso reforça a pertinência de investigações que focalizem os processos de transferência interlingual dos idiomatismos da língua portuguesa para a Libras.

Neste estudo, mobilizamos esforços para compreender os efeitos da atividade cognoscente do tradutor e intérprete no manejo das competências de transferência tradutória de expressões idiomáticas do português brasileiro para Libras. Do ponto de vista discursivo, é possível afirmar que a predominância das dimensões semântica e metafórica revela a preocupação dos intérpretes em garantir fluidez, naturalidade e reconhecimento cultural no discurso em Libras.

Essas dimensões são frequentemente mobilizadas e mais evidenciadas nos vídeos que analisamos e é possível que esse fato esteja relacionado com o engajamento dos TILSP junto à Comunidade Surda e sua astúcia em contextos tradutórios em que a sua atividade psicolinguística seja desafiada pela transferência de EI do português para a Libras. Ao mesmo tempo, a ocorrência de desvios tradutórios explicita os limites da equivalência interlinguística e a necessidade de estratégias tradutórias baseadas em modais culturais compartilhados, os quais provavelmente ainda não foram acessados pelos TILSP.

Do ponto de vista qualitativo, a dimensão semântica ocupa posição central, enquanto a metafórica e os desvios tradutórios aparecem em menor proporção. Contudo, a mobilização de todas tem sua parcela de contribuição para a complexa emergência do fenômeno tradutório. Diante dos dados analisados, entendemos que a tradução de expressões idiomáticas em Libras articula-se em torno de três eixos fundamentais: a ancoragem semântico-visual, a criatividade metafórica e a negociação enunciativa diante das lacunas tradutórias.

A triangulação desses fatores na tradução do português para a Libras não deve ser concebida como um processo linear de transferência de significados, mas como um espaço dinâmico de construção e negociação de sentidos, no qual se articulam aspectos linguísticos, cognitivos e culturais. Um caminho possível para o fortalecimento desses elementos na atividade tradutória dos TILSP pode ser visto no aprofundamento da abordagem das

dimensões semânticas e metafóricas no desenvolvimento de competências interpretativo-tradutórias nos espaços de formação para TILSP.

Diante disso, surgem alguns questionamentos: qual o impacto da tradução de EI para Libras em outras competências tradutórias como, por exemplo, a bicultural? Quais as repercussões tradutórias das EI do português para Libras no estabelecimento dos frames e da enunciação entre os surdos sinalizantes? Estas questões elencadas podem servir de esteio para investigações futuras e, ao mesmo tempo, podem contribuir para consolidação do fenômeno de transferência interlinguística e de sentido das Expressões Idiomáticas do Português para a Língua Brasileira de Sinais.

03. CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Esta pesquisa³ é de natureza qualitativa, com enfoque interpretativo, que consiste na compreensão profunda e interpretação dos fenômenos estudados, explorando a complexidade e riqueza dos contextos sociais, culturais e individuais (Guerra *et. al*, 2024 p. 26). Desse modo, acreditamos que a compreensão dos processos de significação envolvidos nas expressões idiomáticas em Libras é um fenômeno que pode ser investigado através desse viés metodológico.

Outrossim, nos filiamos a abordagem enunciativa como marco epistemológico que orienta esta investigação e que nos permite vislumbrar uma análise dos signos visuo-gestuais em sua dimensão discursiva, considerando os contextos de produção e os efeitos de sentido gerados na interação.

3.1 Contexto dos participantes

Os participantes deste projeto de pesquisa são surdos sinalizantes fluentes em Libras, com idade entre 18 e 35 anos, residentes na região Nordeste do Brasil, todos pernambucanos, graduandos do curso Letras Libras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. O público-alvo foi definido com esse perfil, primeiramente, pela pesquisadora em formação ser docente do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e com acesso aos graduandos que participaram da pesquisa. Além disso, o curso de Letras-Libras da UFPE vem se consolidando enquanto espaço de emergência linguística e se

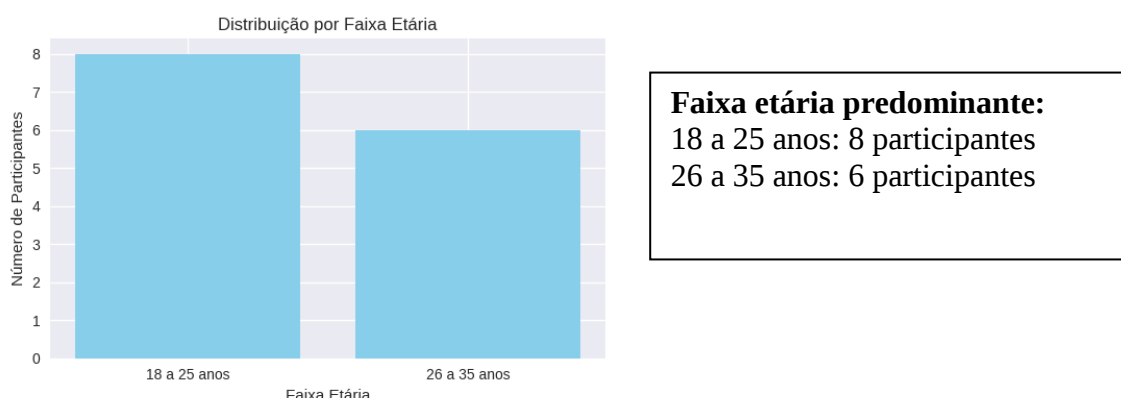
³ Registramos que este projeto de pesquisa obedece aos preceitos éticos da Resolução 466/12 ou 510/16 do Conselho Nacional de Saúde registrado em CAEE: 84873224.5.0000.9547.

constituindo como uma comunidade de prática em virtude da intensa mobilização da Língua Brasileira de Sinais nas interações dentro e fora da sala de aula.

A participação foi voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

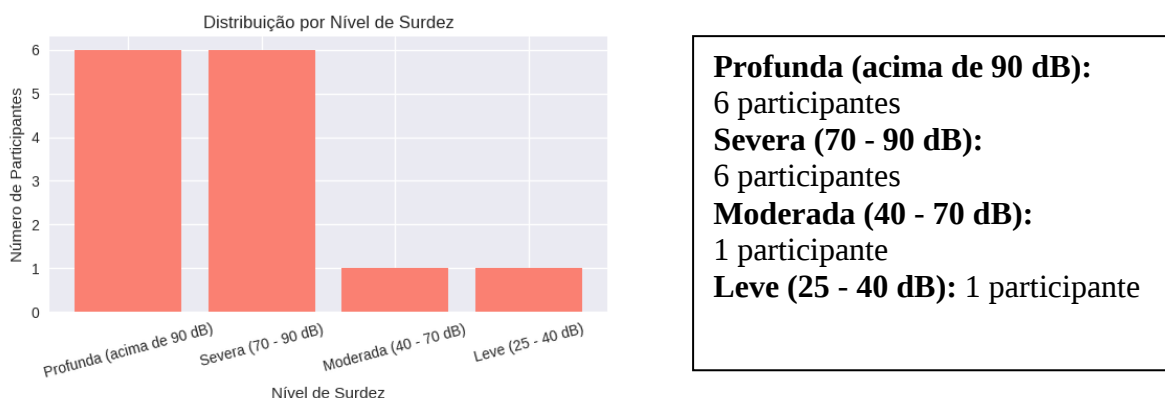
Para conhecermos melhor o perfil dos participantes, realizamos um questionário (disponível em apêndice) onde coletamos informações preliminares a cerca do grupo investigado. A seguir apresentamos os principais resultados obtidos.

Gráfico 1 – Faixa etária dos participantes



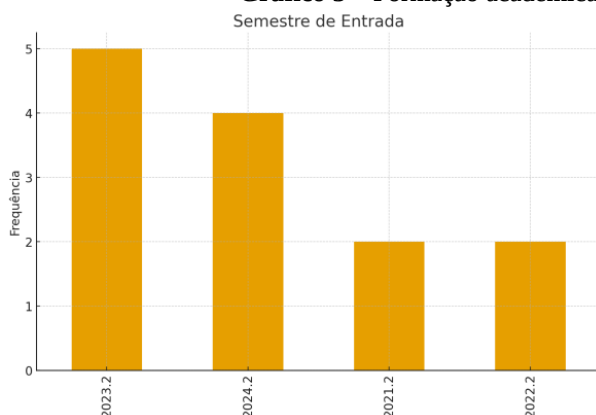
Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Gráfico 2 – Nível de surdez dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

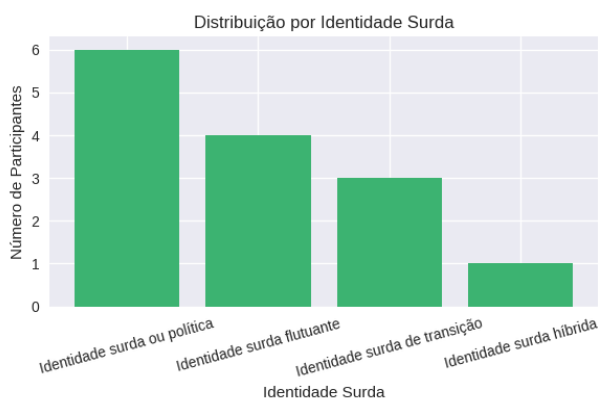
Observamos que a maior parte dos participantes possui grau de surdez entre severo e profundo. Esse dado é significativo, pois indica que a maioria não dispõe de referência auditiva para perceber os sons da língua.

Gráfico 3 – Formação acadêmica dos participantes

2021.2 – 2 participantes
2022.2 – 2 participantes
2023.2 – 4 participantes
2024.2 – 6 participantes

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

De acordo com o gráfico 3, os discentes iniciaram a trajetória acadêmica entre os períodos letivos de 2021.2 e 2024.2, com concentração mais expressiva nos semestres de 2023.2 e 2024.2.

Gráfico 4 – Identidade surda dos participantes

Identidade surda ou política – 6 participantes
Identidade surda híbrida – 1 participante
Identidade surda flutuante – 4 participantes
Identidade surda de transição – 3 participantes
Identidade surda intermediária – 0 participante
Identidade surda embaçada – 0 participante
Identidade surda diáspora – 0 participante

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Em relação ao perfil identitário dos participantes, utilizamos o mapeamento consolidado nos estudos de Perlin (1998)⁴ e sugerimos que os participantes declarassem a tipologia identitária que se auto intitulam.

⁴ Dissertação "Histórias de Vida Surda: Identidade em Questão" Gladis Perlin (1998)

Pelas respostas percebemos que a maioria dos participantes se identifica com a identidade surda ou política. Em outras palavras, se aceitam como Surdos sabem que são Surdos e assumem um comportamento de “pessoas Surdas” demonstrando um posicionamento mais afirmativo e engajado com a cultura surda.

A presença de identidades flutuantes e de transição revela processos em curso de construção identitária. “Vivem no momento de trânsito entre uma identidade para outra.” (PERLIN, 1998: 25) Há um posicionamento próprio que reverbera em cada identidade.

3.2 Instrumentos mobilizados na pesquisa

Os dados foram coletados por meio de um conjunto pluri-instrumental para coleta e sistematização dos dados gerados por ocasião da intervenção de pesquisa.

No quadro 3, articulamos nossos objetivos específicos com os instrumentos de pesquisa mobilizados para alcançá-los.

Quadro 3 – Objetivos e instrumentos de pesquisa

Objetivos específicos	Instrumentos de Pesquisa
Compreender as expressões idiomáticas no processo de interação discursiva em comunidades de prática sinalizadas	Revisão da literatura em bases de periódicos
Analisar os sentidos mobilizados no processo de transferência de expressões idiomáticas do português para a Libras.	Questionário Preliminar do perfil dos estudantes e Vídeos disponíveis na web
Analisar os elementos do aparelho formal da enunciação que emergem por ocasião do emprego de expressões idiomáticas em situações discursivas-enunciativas sinalizadas por estudantes surdos.	Grupo focal, videogravação, Software ELAN

Elaborado pela autora, 2025.

A revisão sistemática da literatura foi utilizada para atender ao primeiro objetivo específico desta pesquisa. Nesse instrumento mobilizamos os estudos de (Oliveira; 2018; Souza 2021; Terrazas, 2021; Albuquerque, 2022; Scapolan, 2023; Scapolan; Silva, 2023; Boldo; Stumpf 2023; Silva, 2025; Cavicchioli et. al, 2025; Boldo, 2025). Esses trabalhos nos auxiliaram para a definição do objeto desta pesquisa e sua devida caracterização à luz do campo epistemológico da linguística das línguas naturais.

A revisão de literatura foi imprescindível para esta pesquisa porque permitiu mapear os estudos já realizados sobre expressões idiomáticas, enunciação e Libras. Esse levantamento teórico fundamenta a análise, oferecendo referenciais que sustentam a compreensão das especificidades da Libras e da transferência de sentidos entre as línguas. Os processos de revisão de literatura demandam a elaboração de uma síntese que oferece uma visão abrangente do conhecimento estudado. Segundo Botelho, Cunha e Macedo (2011), “as

revisões são consideradas o ponto de partida na construção do conhecimento, devido à necessidade de identificar evidências e lacunas no tema estudado”.

O uso do questionário preliminar se constitui de um instrumento estruturado de cunho exploratório, cuja finalidade é extrair dos sujeitos informações inerentes ao seu contexto sociocultural e que justifiquem sua inserção no processo investigativo proposto (Gatti, 2005). Isso justifica a pertinência deste instrumento para este estudo.

Ainda de acordo com Gatti (2005, p. 9), o Grupo Focal é uma técnica qualitativa, cujo objetivo consiste em captar, entre os sujeitos, percepções, sentimentos e ideias, fazendo emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado. Foi nesse espaço de interação coletiva, no qual estudantes surdos compartilharam experiências e produziram discursos sinalizados em situações reais de comunicação. Essa técnica possibilitou observar o uso espontâneo das expressões idiomáticas, favorecendo a análise das práticas discursivas em contexto e permitindo compreender como as expressões se manifestam na dinâmica do grupo. O uso dessa ferramenta de pesquisa contribuiu para atendimento do segundo objetivo específico porque, ao promover a interação entre participantes, torna possível identificar os sentidos mobilizados no processo de transferência das expressões idiomáticas do português para a Libras. O grupo focal evidenciou como os estudantes negociam significados e constroem sentidos coletivamente.

Por conseguinte, a videogravação se fez presente enquanto instrumento porque possibilitou o registro fiel das interações sinalizadas, preservando elementos visuais em movimento fundamentais para a análise da Libras. Além disso, garante a possibilidade de revisitar os dados, realizar transcrições detalhadas e observar nuances da enunciação nas interações entre os sujeitos (Gatti, 2005).

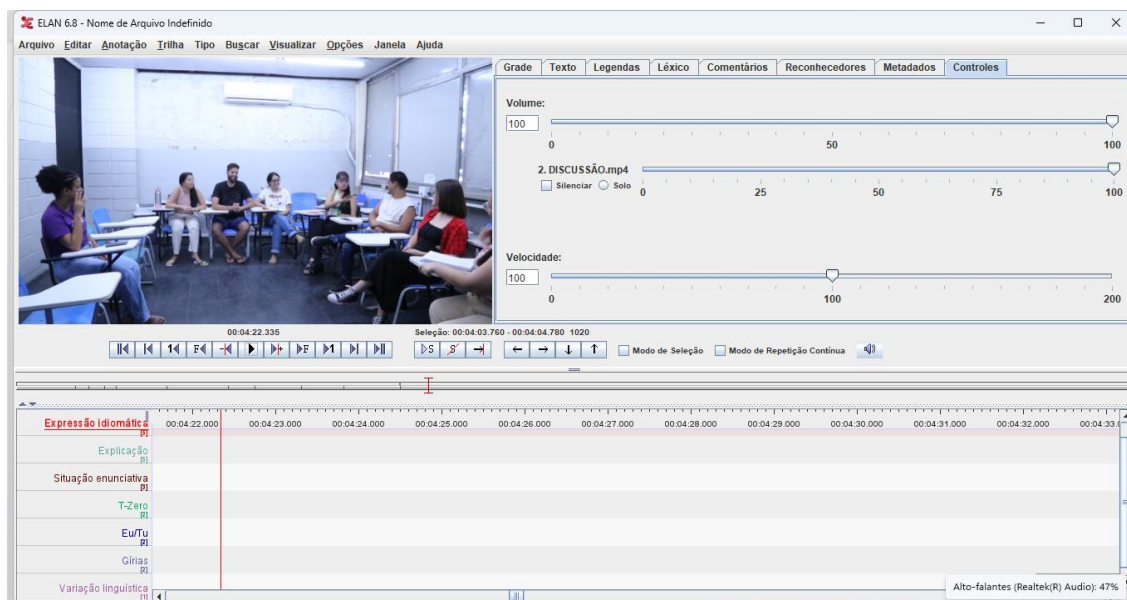
Valemo-nos, também, de produções em vídeo disponíveis na web, uma vez que elas ampliam o *corpus* de análise e oferece exemplos autênticos de uso de expressões idiomáticas em contextos de tradução do Português/Libras. Esses materiais nos permitiram observar como é disseminado o uso e divulgação de conteúdo passível de investigação como as expressões em situações espontâneas (Gatti, 2005).

Para facilitar a sistematização e análise dos dados, utilizamos o software *Eudico Language Annotator* – ELAN que tem por definição uma ferramenta de anotação multimodal que permite realizar a inserção de vocabulário controlado, tipos linguísticos e trilhas que auxiliam na transcrição direta no software, conforme demanda o *corpus* desta pesquisa. Ele é amplamente utilizado em pesquisas linguísticas para análise de línguas de sinais, pois oferece recursos para categorização e segmentação dos dados. Noleto (2021) define o software:

O ELAN é um software livre (gratuito para download e utilização) que tem como função principal possibilitar a inserção de anotações textuais, sob a forma de várias camadas de texto, sobre mídias de áudio e vídeo – ou seja, anotar arquivos multimodais. Desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística (Nijmegen – Netherlands), o ELAN possibilita, conforme Oshiro (2014), a criação de múltiplas trilhas para a separação da fala de diferentes interlocutores, assim como a anotação detalhada de outros aspectos linguísticos e contextuais, e a representação de ações simultâneas (sobreposição de vozes, ações gestuais concomitantes às verbais, dentre outras). (Noletto. 2021 p. 14)

O seu uso se faz necessário para atendimento do terceiro objetivo porque possibilita identificar e compreender os elementos do aparelho formal da enunciação que emergem no emprego das expressões idiomáticas. O ELAN permite detalhar os movimentos, expressões faciais e configurações manuais, aspectos essenciais para a análise enunciativa em Libras.

Figura 15 – Tela do software ELAN



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Os procedimentos metodológicos para a construção do *corpus* com o auxílio do software ELAN versão 6.8 ocorreram da seguinte forma:

1. **Preparação do Ambiente:** Importação do arquivo de vídeo para o ELAN e configuração inicial do projeto.
2. **Segmentação e Transcrição:** Visualização do vídeo e segmentação dos trechos relevantes, transcrevendo simultaneamente nas trilhas principais (Expressões idiomáticas, Situação enunciativa, Eu/Tu, T-zero);
3. **Anotação Hierárquica** (Glosas e Percepções): Criação de trilhas secundárias (Gírias, variação linguística) e anotação das glosas correspondentes aos sinais de Libras e

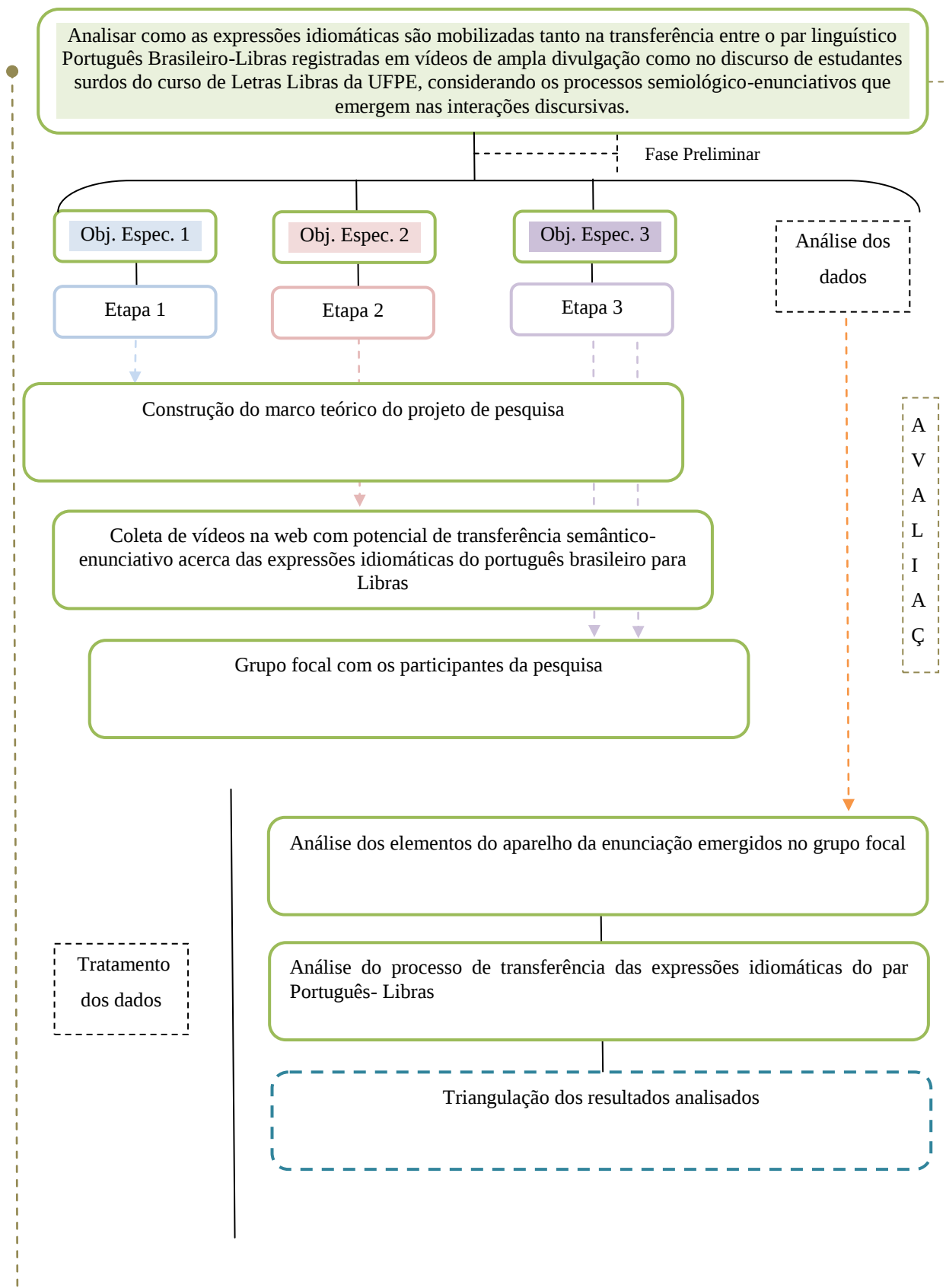
contextualização das situações, sempre alinhadas temporalmente aos segmentos da trilha principal.

4. **Seleção e Organização:** Revisão dos dados e seleção dos segmentos que serão utilizados especificamente neste estudo, garantindo que todos os dados estejam organizados no arquivo .eaf final.

3.3 Encaminhamentos metodológicos

O infográfico que segue apresenta de forma panorâmica os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

Infográfico 1 – Desenho metodológico da proposta de pesquisa



Conforme observamos no infográfico 1, esta pesquisa está organizada nas seguintes etapas:

Etapa 1 – construção do marco teórico através de revisão sistemática da literatura. O referencial teórico mobilizado nessa pesquisa foi coletado de periódicos e base de dados com fator de impacto no contexto da divulgação científica do campo da linguística e dos estudos da linguagem.

Etapa 2 – Coleta de vídeos da web. Esta pesquisa contou com uma amostra preliminar de seis vídeos coletados na plataforma YouTube no período de janeiro/2024 a janeiro/2025, mediante a utilização do comando de busca “tradução de expressões idiomáticas para Libras”. Essa plataforma foi escolhida mediante a familiaridade dos pesquisadores com sua diagramação e serviços disponíveis, assim como sua ampla aceitação entre os intérpretes de Libras e a comunidade surda. Para fins de análise, optamos pela estratificação de dois vídeos, em virtude do seu potencial de transferência linguística de forma e sentido entre o par linguístico Libras-Português Brasileiro.

Os critérios que utilizamos para a escolha dos vídeos foram: 1) seu foco na tradução de expressões idiomáticas do português brasileiro para a Libras; e 2) sua alta margem de veiculação (engajamento em *likes* e visualizações dentro da plataforma).

Etapa 3 – Intervenção junto aos participantes da pesquisa em formato de grupo focal, onde reunimos os estudantes público-alvo da pesquisa. Na ocasião, solicitamos a assinatura do TCLE e iniciamos a condução de diálogos entre os sujeitos em relação ao uso de expressões idiomáticas. Essa etapa foi imprescindível para termos contato com a mobilização das expressões idiomáticas a partir da relação do eu-tu estabelecida entre os participantes. As interações discursivas foram registradas por meio de videogravação, cujos dados foram submetidos ao processo de transcrição e sistematização, atividade preliminar ao processo de análise, conforme explicitamos no tópico que segue.

3.4 Transcrição e apresentação do *Corpus* da pesquisa

A etapa de transcrição dos dados é um momento decisivo na condução de uma investigação científica. Esse momento é marcado por descobertas que confirmam ou recalculam o rumo metodológico adotado. É por meio tratamento dos dados que se torna possível validar ou refutar a hipótese inicialmente formulada, conferindo consistência ao percurso científico.

Nesta pesquisa, as transcrições foram realizadas com auxílio do software ELAN para

sistematização dos dados e melhor visualização do conteúdo, como também de forma empírica, a partir da observação de registros audiovisuais dos momentos com os participantes. Os dados foram sistematizados diretamente em arquivos digitais (documentos de texto). As notações seguiram uma lógica de glosas e palavras-chave, com o intuito de preservar os sentidos atribuídos às sinalizações e exemplificações observadas, favorecendo a reconstrução interpretativa dos discursos para identificação dos artefatos constituintes do aparelho enunciativo.

3.5 Procedimentos de análise dos achados

Conforme observamos no fluxograma 1, os procedimentos de análise foram organizados em três partes, de forma que, ao final, nos permitam a triangulação dos dados através da discussão dos resultados. Os itens que seguem explicitarão o manejo analítico que será adotado.

3.5.1 Análise dos elementos do aparelho da enunciação emergidos no grupo focal

As transcrições do grupo focal foram submetidas ao processo analítico enunciativo que se filia ao campo epistemológico do aparelho formal da enunciação de Benveniste (1989). Nessa ocasião, esperamos identificar forma e sentido nos constituintes da enunciação através da semiótica e semântica.

Os dados coletados e que efetivamente compuseram o recorte para análise foram organizados em um quadro de sistematização do aparelho da enunciação, conforme modelo 4.

Quadro 4 – Modelo de sistematização do aparelho da enunciação

Episódio X – descrição sumária do episódio					
Glosa em português do trecho a ser analisado					
Expressão Idiomática (E.I)	ENUNCIACÃO (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
Recorte do sinal em imagem; QR Code de acesso ao vídeo; Link do vídeo; Tradução livre da E.I.	Composição da direção da enunciação EU/TU Suj. X => Suj. Y	Descrição morfológica sumária	Descrição fonológica sumária	Temporalidade da enunciação	Contexto de aplicação e exemplos

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Conforme indicamos no quadro 4, nomeamos os participantes relativos ao episódio em destaque para análise através das letras do alfabeto (Suj.A, Suj.B, etc.). O quadro contempla a ocasião em que a situação enunciativa se faz presente. Nesse caso, destacamos a EI a que se pretende analisar, fornecendo a imagem do sinal em Libras, QR Code para acesso, link alternativo e tradução livre em português brasileiro. Também indicamos a descrição morfológica e fonológica do sinal, assim como seu uso contextual característico e exemplos correlatos. Cabe destacar ainda que os estudos do campo epistemológico da enunciação foram o alicerce em que nos valem para construção deste quadro, em especial destacamos, os trabalhos de Benveniste (1989) e Botelho et al. (2011).

Conforme discutimos à luz de Benveniste (PLG: 229), a semiótica e a semântica são “as duas modalidades fundamentais da função linguística, aquela de significar para a semiótica, aquela de comunicar para a semântica”. Em suma, para o autor, a diferença é que o semiótico é o domínio do signo como unidade de um sistema, enquanto o semântico é o domínio da referência como produto do discurso e da enunciação. A língua é única por operar em ambos os níveis, permitindo a articulação de um sistema formal (semiótico) e a produção sempre particular que depende do sujeito no ato enunciativo (semântico).

Isto posto, organizamos os achados linguísticos da transcrição das interações do grupo focal.

Quadro 5 – Quadro categorial analítico

Categoria Benvenistiana Adaptada	Foco Semântico (Referência)	Foco Semiótico (Forma/Signo)	Descrição e Aplicação em Libras
1. Instância de Enunciação (Eu/Tu em Libras)	A subjetividade e o índice da relação interacional.	Os dêiticos gestuais e a perspectiva espacial do sinal.	Refere-se à delimitação do eu (o enunciador surdo) e do tu (o interlocutor) na interação. Envolve: dêiticos manuais, o uso de espaço pessoal e a orientação do olhar/corpo, que estabelecem a relação de diálogo.
2. Aparelho Formal (<i>Corpus</i> de Sinais Idiomáticos)	A intenção do locutor e o alcance interpretativo do alocutário, fundamentando-se na relação de intersubjetividade que constitui o par Eu/Tu no discurso.	A iconicidade vs. a arbitrariedade do signo idiomático e sua estrutura.	Engloba os elementos formais que geram uma referência enunciativa. Analisa a combinação de configurações de mão, movimentos, locais e expressões faciais. Evidencia o sentido pretendido em uma situação enunciativa.
3. Temporalidade (T-zero da Enunciação)	O momento de produção e a relação temporal do enunciado com o evento.	O uso de marcadores temporais e a relação tempo-espaço na linha do tempo sinalizada.	Manifesta-se na distinção entre o tempo presente (T-zero: o aqui e agora) e os tempos passado/futuro, indicados pela modulação do movimento e o uso do espaço atrás (passado) ou à frente (futuro) do corpo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

O quadro 5 nos traz um conjunto categorial em potencial para a análise dos episódios do grupo focal. A categoria *Instância de Enunciação (Eu/Tu em Libras)* faz referência a base da subjetividade na linguagem. Nesse respeito, a enunciação não é apenas a transmissão de uma mensagem, mas o ato pelo qual o indivíduo se põe como sujeito. Em Benveniste (1989), os pronomes "eu" e "tu" são os fundamentos.

Em seu viés *semântico* o foco é na referência, como o sujeito se utiliza do aparelho formal para alcançar o sentido pretendido. Uma expressão idiomática só é funcional se o Eu (o estudante sinalizador) consegue endereçá-la ao Tu (o colega) e vice-versa. Nesse caso, buscamos enxergar como a expressão reflete a atitude ou o julgamento do falante. Por seu turno, a *semiótica* foi verificada através de sinais dêiticos em Libras (apontamentos) são índices puros que estabelecem os interlocutores. O espaço de sinalização é usado para representar o "eu" e o "tu" (em posições laterais), transformando o corpo e o espaço em elementos formais da enunciação.

A segunda categoria explora o *Aparelho Formal (Corpus de Sinais Idiomáticos)*. Esta é a estrutura formal da expressão idiomática em si. É onde reside a característica central de um idiomatismo: seu sentido não é a soma de suas partes. Verificaremos elementos da opacidade e o sentido figurado. Por exemplo, analisar a expressão idiomática na Libras para "dar um bolo" (faltar a um compromisso). O sentido 'faltar' é fixo e não tem relação composicional com os sinais literais de 'dar' e 'bolo'. A pesquisa mapeou o significado culturalmente negociado por esse grupo de estudantes.

No que tange à *semiótica*, focalizamos nos componentes formais (parâmetros da Libras: CM, M, L, ENM) e como eles se combinam. Avaliamos o grau de iconicidade (similaridade da forma do sinal com seu referente) que pode ter-se perdido ou permanecido na formação da expressão idiomática.

A terceira categoria faz referência à *temporalidade (T-zero da Enunciação)*. A enunciação cria o seu próprio tempo: o presente. O T-zero é o momento em que a fala (ou o sinal) acontece, sendo o único tempo real e absoluto. No campo *semântico* exploramos a ancoragem temporal do uso. Uma expressão idiomática pode ser usada para comentar um evento passado ou projetar uma expectativa futura, mas seu uso efetivo acontece no presente da interação. Através da *semântica*, mapeamos como a referência da expressão se modifica ao ser aplicada a diferentes eixos temporais.

No que concerne à *semiótica*, vale registrar que a Libras utiliza o espaço de forma primária para expressar tempo. O espaço físico à frente do sinalizador representa o futuro e o espaço atrás, o passado. O T-zero é, portanto, o próprio corpo do sinalizador. Em outras

palavras, verificamos como os estudantes modulam o movimento (aspecto) ou utilizam sinais de tempo para localizar a ação referida pela expressão idiomática.

A última categoria aborda, a *referência e situação enunciativa* (O "Isto" e o "Lá"). Esta categoria trata da relação entre o enunciado e o mundo exterior que ele descreve. Esta categoria está alicerçada em Benveniste (1989), uma vez que focaliza os dêiticos locativos, que ligam a enunciação ao seu contexto geográfico e situacional. No viés *semântico*, focalizamos no contexto de uso. Uma expressão idiomática é totalmente dependente do conhecimento partilhado (cultura surda, gírias da comunidade) para fazer sentido. A semântica investiga o que a expressão está referindo e por que foi escolhida naquele contexto específico (função referencial).

Uma vez que a Libras é organizada no âmbito espacial, os dêiticos locativos ("AQUI", "LÁ") e a construção de referentes no espaço (espaço de sinalização) são fundamentais. Desse modo, a *semiótica* nos auxiliou na verificação de como a expressão idiomática, sendo ela mesma um signo, se conecta a outros signos ou objetos no ambiente, e como o estudante utiliza a indexicalidade (a relação de proximidade ou vizinhança entre o sinal e o objeto/lugar) para tornar o enunciado claro.

3.5.2 Análise do processo de transferência das expressões idiomáticas do par Português Brasileiro- Libras

Os elementos de transferência de expressões idiomáticas entre o par linguístico Português Brasileiro-Libras do material audiovisual selecionado por ocasião da coleta de vídeos na web, foram sistematizados conforme a proposta do conjunto categorial do quadro que segue. Os vídeos selecionados para o *corpus* desta pesquisa foram codificados por VTL_1 e VTL_2, onde VTL é indicativo de Vídeo da Tradução em Libras seguido do numeral correspondente à ordem de contagem do material audiovisual.

Quadro 6 – Dados do vídeo⁵

Vídeo	Duração	Total de visualizações	Link
VTL_1 – Expressões idiomáticas em Libras? Aprenda 10 sinais	8:17	4.604	https://www.youtube.com/watch?v=qHoE4qDrXFc
VTL_2 – Expressões idiomáticas no Português e na Libras	5:55	4.481	https://www.youtube.com/watch?v=vH_gs50YZxw

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Quadro 7 – Categorias não-apriorísticas derivadas da etapa de preparação do material.

Dimensão teórica	Referenciais mobilizados	Unidades de registro	Codificação	Descrição
Semântica	Cavicchioli <i>et.al</i> , (2025); Boldo; Scapolan; Silva (2023); Stumpf (2023); Silva (2025);	Produção Literal	Sem_Cat1	Fragmentos em que as EI foram traduzidas em seu sentido literal.
		Adaptação Cultural	Sem_Cat2	Fragmentos em que as EI foram traduzidas através de recursos culturais da língua-alvo.
		Explicação terminológica	Sem_Cat3	Fragmentos em que as EI foram traduzidas pelo mecanismo da explicação do termo.
		Equivalência conceitual	Sem_Cat4	Fragmentos em que as EI foram traduzidas através de conceitos equivalentes.
Metafórica	Albuquerque (2022)Oliveira(2018); Souza (2021); Terrazas (2024);	Metáfora de ordem criativa/impacto emocional	Met_Cat5	Fragmentos em que as EI foram traduzidas se valendo da criatividade/emoções/construções visuo-espaciais de escolha intencional dos TILSP.
Desvios interpretativo-tradutórios	Boldo e Stumpf (2023); Boldo (2025); Scapolan (2023); Scapolan e Silva (2023); Itacaramby; Silva (2024) e Silva (2025)	Desvio de sentido	Dit_Cat6	Fuga do sentido da EI original presente na língua-fonte.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Os resultados consistiram em unidades de contextos que convergiram para as unidades de registro identificadas no material audiovisual. Esses registros corresponderam a trechos

⁵ Acesso em 26/12/2025.

dos vídeos analisados em que se evidenciou a mobilização de transferência de expressões idiomáticas do português para Libras.

Para a garantia da exaustividade do processo analítico, estabelecemos as inferências em relação aos dados retornados através dos referenciais teóricos que mobilizaram as dimensões epistêmicas, tendo em vista a influência da atividade cognoscente do TILSP durante o esforço empreendido na competência de transferência interlingual nas dimensões semântica, metafórica e desvios interpretativo-tradutórios. Ao término da análise, estabelecemos a triangulação dos resultados a fim de responder o objetivo geral desta pesquisa, tecendo considerações sobre as distinções do manejo de expressões idiomáticas em Libras e a transferência de idiomatismo do Português Brasileiro para Libras.

Destarte, apresentamos nossas impressões finais acerca dos contributos da pesquisa, suas lacunas e possibilidades de aprofundamentos para investigações futuras.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos a análise das expressões idiomáticas em Libras, coletadas por ocasião do grupo focal. Por seu turno, tecemos considerações sobre a relação de transferência de expressões idiomáticas do Português Brasileiro para Libras em vídeos disponíveis na web estratificados à luz dos procedimentos metodológicos deste estudo.

4.1 Análise das expressões idiomáticas da Libras submetidas à categoria benvenistiana

Iniciamos a análise das EIs identificadas por ocasião do grupo focal mediado pela pesquisadora junto aos licenciandos público-alvo desta pesquisa. A primeira expressão que destacamos é a “e eu?” (em tradução livre) e está presente no quadro 8, conforme a situação enunciativa que apresentamos em forma de episódio configurado em glosa para o português brasileiro.

Quadro 8 – Expressão idiomática “e eu?”

Episódio 1 – Situação enunciativa para “e eu?”					
Suj. A: VOCÊ _(Suj. B) HORA 10:30 [AM] JÁ ATRASO MUITO PROVA. “e eu?” _(exp. intens.) . Suj. B: TU _(Suj. A) FALAR NÃO. PROFESSORA AVISO MIM. PERDEU MESMO. MUITO TRISTE.					
E.I	ENUNCIÇÃO (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
  https://youtu.be/v1qngRdA56E Tradução livre: “e eu?”	Suj. A => Suj. B	Morfema Livre. Ausência de derivação. Sinal de natureza arbitrária.	P.A: região entre a boca e o nariz. CM: palma aberta, dedos estendidos. M: retilíneo, para cima. O: palma para dentro. ENM: de indignação. É arbitrário, pois não há nenhuma relação com o sentido pretendido.	Tempo real, em referência à uma ação imediatamente transcorrida presente.	Ocasões de frustração. Ex. chegar atrasado para uma prova ou festividade e não sobrou nenhum alimento. Ocasões de advertência: Ex. não entregar o trabalho na data certa acarretará na perda de pontos extras. Ocasões de convites: Amigos celebram datas e não convida.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

No episódio 1, verificamos a interação entre os sujeitos *A* e *B* que constituiu o aparelho formal da enunciação. A presença da EI “e eu?” se dá numa ação temporal imediata ao atraso do *Suj. B* imediatamente identificado pelo sujeito *A*, ao mobilizarem suas intersubjetividades espontaneamente na situação indicada.

Do ponto de vista da linguagem formal da Libras, há mecanismos linguísticos que podem ser naturalmente empregados na situação enunciativa em destaque. Por exemplo, é comum o sinal em Libras de “desculpa” ser utilizado para reforçar uma frustração ou mesmo impor uma decisão ao locutário.

Neste caso, o *Suj. A* parece optar pela EI “e eu?” como alternativa de enfatizar a aparente falta de compromisso do *Suj. B* com a atividade programada. Essa EI traz consigo não apenas o informe do infortúnio ocorrido, mas endossa que haverão consequências a serem sofridas pelo *Suj. B*, as quais poderiam ser evitadas, pelo próprio discente. Esse fato torna evidente que a EI cumpre sua função social primária que é ser uma forma de comunicar

situações vivenciadas na comunidade de prática pelo olhar do falante e sua forma particular de relações com seus pares linguísticos.

A segunda expressão idiomática analisada é “Que mico!”. O quadro 9 esboça o episódio em que a expressão idiomática foi identificada.

Quadro 9 – Expressão idiomática “Que mico!”

Episódio 2 – Situação enunciativa para “Que mico!”					
Suj. A: TROPEÇAR ALI, QUASE CAIR. Suj. B: “que mico!” EU PODER AJUDAR VOCÊ, MAS ANTES SORRIR muito(intensidade) Suj.A: PARA. (sorrir)					
EI	ENUNCIACÃO (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
  https://youtu.be/GnSn4-hVvLE Tradução livre: “Que mico!”.	Suj. A => Suj. B	Morfema Livre. Ausência de derivação. Sinal de natureza arbitrária.	P.A: Nariz. CM: dedos em pinça. M: retilíneo, pega no nariz e solta. O: palma para dentro. ENM: lábios cerrados, segurando o sorriso. É arbitrário, pois não há nenhuma relação com o sentido pretendido.	Tempo real, em referência à uma ação transcorrida no passado (o quase-tombo)	Ocasões cômicas. Ex. uma pessoa quase cai; Em um evento formal, alguém chega com cabelo ou roupa exótica; Fofoca sobre alguém e a pessoa aparece; Às vezes o sinal vem acompanhado do sinal MATURIDADE.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A cena instaura um aparelho formal da enunciação marcado por um locutor *Suj. B* que, ao comentar o quase-acidente do *Suj. A*, transforma um evento corporal (tropeço) em acontecimento discursivo. A Expressão Idiomática “Que mico!” opera como uma avaliação instantânea do fato: ela não descreve apenas “tropeçar”, mas condensa o julgamento social de “gafe”, ou seja, um valor compartilhado na comunidade de prática.

No eixo eu/tu, observa-se que a intersubjetividade se organiza por um “riso contido” que é parte constitutiva do sentido: o locutor se posiciona como alguém que reconhece o ridículo da situação, mas mantém (ao menos inicialmente) uma etiqueta de contenção.

Quanto ao T-zero, a ancoragem incide em um passado imediato (“acabou de acontecer”), o que explica o uso da EI: ela é performativa no calor do momento. O pedido “PARA” do *Suj. A* funciona como uma repressão, ao tentar barrar o riso, ele tenta controlar o ato do alocutário.

No episódio três, a EI faz menção a uma impossibilidade de presença física em uma festa. Vejamos o quadro 10.

Quadro 10 – Expressão idiomática “Não dá!”

Episódio 3 – Situação enunciativa para “Não dá!”					
Suj. A: HOJE ANIVERSÁRIO DAVI. VOCÊ VAI?. Suj. B: QUERER MUITO IR, MAS HORÁRIO 17h AINDA TRABALHAR. REALMENTE “não dá”. Suj.A: PENA, PRESENÇA SUA IMPORTANTE. INFELIZMENTE “não dá”. Suj. B: OUTRO DIA PODER.					
EI	ENUNCIACÃO O (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
  https://youtu.be/gpHuFU2UQYA Tradição livre: “Não dá!”.	Suj. A => Suj. B	Morfema Livre. Ausência de derivação. Sinal de natureza arbitrária.	P.A: espaço neutro CM: mão em U. M: helicoidal. O: palma para dentro. ENM: Lábios cerrados, impossibilidade. É arbitrário, pois não há nenhuma relação com o sentido pretendido.	Tempo real, em referência à uma ação futura.	Ocasões de impossibilidades Ex. Não conseguir realizar algo que deseja muito; Não haver vaga em algum lugar; Preço alto, impossibilidade de compra. Traduções próximas: “impossível”, “sem condições”, “não tem como.”

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

O aparelho formal da enunciação aparece de modo explícito: o convite do *Suj. A* convoca o *Suj. B* a um compromisso futuro, e o *Suj. B* responde com uma EI que “fecha a porta” da possibilidade. “Não dá!” não é mera negação; é uma modalização de impossibilidade, que organiza o ato enunciativo por um limite (não há condições).

O eu/tu se revela numa interação de alinhamento afetivo: o *Suj. B* marca desejo (“QUERER MUITO IR”) e, logo em seguida, opõe a restrição (“AINDA TRABALHAR”) para justificar a recusa. Isso reduz o potencial do ato de negação direta. Já o *Suj. A*, ao repetir a EI (“infelizmente ‘não dá’”), faz um movimento de coenunciação: ele toma para si a modalidade do outro e a legitima, produzindo solidariedade.

No T-zero, embora o enunciado esteja no presente do ato, a referência é futura (o evento do aniversário). Os lábios cerrados (ENM) reforçam a “trava” da impossibilidade, materializando no corpo o limite discursivo.

No quadro 11, damos continuidade apresentando o episódio em que se insere a expressão idiomática “não compreendi”.

Quadro 11 – Expressão Idiomática “Não compreendi?”

Episódio 4 – Situação enunciativa para “não compreendi”					
Numa sala de aula, estudante enuncia para a professora Suj. A: PROFESSORA, PODE REPETIR EXPLICAR? Suj. B: SIM, OK. ESPAÇO NEUTRO SEMPRE CORPO FRENTE. Suj. A para suj. C faz o sinal: “não compreendi” Suj. C: TAMBÉM-NÃO.					
EI	ENUNCIÇÃO (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
  https://youtu.be/AvUnN2lj29g Tradução livre: “ não compreendi ”.	Suj. A => Suj. B Suj. A => Suj. C	Morfema Livre. Ausência de derivação. Sinal de natureza arbitrária.	P.A: espaço neutro CM: mãos iniciam em B e concluem o sinal em E . M: semi circular O: palma para frente. ENM: dúvida, sobrancelhas franzidas. É arbitrário, pois não há nenhuma relação com o sentido pretendido.	Tempo real (presente do ato) ligado ao processamento imediato da informação recém-enunciada.	Ocasões de incompreensão Ex. Em palestras, aulas, conversas... A expressão é enunciada sempre em situação de estar bem atento, mas não alcançou a compreensão do que foi sinalizado.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

O episódio traz um detalhe enunciativo interessante: o *Suj. A* enuncia para a professora *Suj. B* com um pedido de repetição, mas, simultaneamente, compartilha com o colega *Suj. C* a

ausência de compreensão, apesar de estar atento ao que estava à explicação. Assim, o aparelho formal se desdobra em dois eixos de interlocução: $A \Rightarrow B$ (“professora”) e $A \Rightarrow C$ (“colega”).

O trecho “não compreendi” não é só constatação cognitiva; é um ato de posicionamento do sujeito na linguagem, implica reconhecer-se como sujeito em falta momentânea diante do sentido, e pedir reparo (repetição/explicação) para reconstituir a intersubjetividade.

O T-zero é presente: a EI emerge no instante de processamento e falha, e sua ENM (sobrancelhas franzidas) inscreve no corpo a dúvida. O efeito social é importante: ao sinalizar para o colega, o *Suj. A* busca validação (“serei o único?”), e *C* confirma (“também não compreendi”), produzindo um “nós” implícito de incompreensão que pode solicitar a retomada explicativa.

Para o episódio 5, observamos a enunciação da EI “tô nem aí” indicada no quadro 12.

Quadro 12 – Expressão Idiomática “tô nem aí”

Episódio 5 – Situação enunciativa para “tô nem aí”					
Suj. A: OLHAR, SABER PESSOA FALAR MAL VOCÊ. Suj. B: “to nem aí” EU CONTINUAR MESMA VIDA. “tô nem aí” Suj. A: OK					
EI	ENUNCIÇÃO (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
  https://youtu.be/vIdy_09Qa3U Tradução livre: “tô nem aí”.	Suj. A => Suj. B	Morfema Livre. Ausência de derivação. Sinal de natureza icônica	P.A: olhos e ombros CM: mão em número 1 quantidade, em seguida dedos indicador e polegar. M: retilíneo, tocar no olho e jogar em pinça, O: palma para dentro. ENM: Indiferença. É icônico, pois remete ao ver (ato de tocar no olho) e não dar importância (jogar para trás). É icônico, pois pode-se considerar o que está vendo e não está dando importância pela atitude de jogar para trás.	Tempo real como tomada de posição imediata diante de um fato social (fala alheia).	Ocasões de descaso Ex: Não estar interessado no assunto; Não querer saber sobre algo; Não dar importância; Desprezo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

O episódio 5 se constrói a partir de uma ameaça social (“falar mal de você”), que costuma provocar reações de defesa ou de vigilância. O *Suj. B*, porém, responde com a EI “tô nem aí”, que é uma estratégia enunciativa de desinteresse: ele recusa a conversa e redefine o “assunto” na relação quando fala/sinaliza que “continua a viver normalmente”.

No aparelho formal, o *Suj. A* ocupa o lugar de “advertente”, enquanto o *Suj. B* assume a posição de sujeito autônomo que não aceita ser governado pela opinião alheia e impõe a intenção do eu-sujeito se posicionar no mundo.

A ancoragem em T-zero é presente e produtiva: “tô nem aí” não informa um estado apenas; ela cria esse estado. O gesto de tocar o olho (visão) e lançar o movimento “para trás” materializa uma expulsão simbólica do tema do campo de atenção. A repetição da EI reforça o efeito de fechamento e encerra a interação, como se dissesse: “não alimenta” ao que o *Suj. A* apenas encerra o diálogo com “Ok”.

No episódio 6, assinalamos o uso da EI “já imaginava” muito utilizada pelos surdos na comunicação. Vejamos o quadro 13.

Quadro 13 – Expressão Idiomática “já imaginava!”

Episódio 6 – Situação enunciativa para “já imaginava!”					
Suj. A: ONTEM SONHEI AMIGO CAIR ÔNIBUS. Suj. B: SONHO BESTEIRA, ACONTECER-NÃO. Suj. A e B encontra suj. C Suj. C: OI, VOCÊS2 IMAGINAR ACONTECER. MOTORISTA ÔNIBUS FREIO, EU CAIR. Risos Suj. A: sinal “já imaginava”. ACREDITA SONHAR ISSO? Suj. C: risos					
EI	ENUNCIÇÃO (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
  https://youtu.be/6LOq6mNyPzs Tradução livre: “já imaginava”	Suj. A => Suj. B Suj. C => Suj. A e B	Morfema Livre. Ausência de derivação. Sinal de natureza arbitrária.	P.A: espaço neutro C.M: dedos indicadores e médios M: retilíneo, O: palma para frente. ENM: Admiração. É arbitrário, pois não há nenhuma relação com o sentido pretendido.	Tempo real. (presente do reencontro), mas articulando memória (sonho de ontem) e confirmação (ocorrência hoje).	Ocasões de descoberta Ex: Sonhei e aconteceu; Coincidência, bem que falei; Eu disse!

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Neste episódio 6, a enunciação se realiza por encadeamento de cenas: 1) relato de sonho (ontem), 2) descrença do interlocutor, 3) confirmação real conforme o terceiro sujeito. A EI “já imaginava!” aparece como ponto de virada, reorganizando o valor do discurso anterior (o sonho) e requalificando a fala do *Suj. B* (“besteira”).

Em termos do eu/tu, há um deslocamento: inicialmente *A* se dirige a *B* e é desautorizado; depois, com a entrada de *C*, o *Suj. A* retoma a posição de sujeito “com razão”. A EI opera como um ato de reapropriação do dizer: O *Suj. A* reconstrói sua autoridade sobre o acontecimento, sem precisar dizer “eu estava certo” explicitamente, porém a EI utilizada, comunica mais do que podemos traduzir.

O T-zero é o presente do reencontro, mas o sentido depende de uma dupla ancoragem: passado (sonho) e presente (queda). É exatamente aí que a EI se torna eficaz: ela costura temporalidades, transformando coincidência em narrativa. A ENM de admiração marca o espanto positivo e funciona como assinatura corporal do inesperado que “bateu” com o que já estava no imaginário.

Continuando a análise, nos deparamos com o episódio 7. Nele nos deparamos com o uso de um sinal que nos pareceu ser uma expressão idiomática que não fora encontrada nos estudos relativos às EIs. em Língua Brasileira de Sinais. Trata-se do sinal “parece que vem chuva”. No entanto, quando o sinal fora exposto por ocasião do grupo focal, o mesmo demonstrou conter as características de expressão idiomática e sua intenção comunicativa na enunciação. Vejamos no quadro 14.

Quadro 14 – Expressão Idiomática “parece que vem chuva”

Episódio 7 – Situação enunciativa para “parece que vem chuva”					
Suj. A: VOCÊ TRAZER GUARDA-CHUVA? Com expressão de nervoso, faz o sinal “parece que vem chuva”. Suj. B: olha para o céu e confirma: VERDADE. TRAZER-NÃO GUARDA-CHUVA. NÓS-2 FERRADO.					
EI	ENUNCIÇÃO (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
  https://youtu.be/ouMCl5Kv6S0 Tradução livre: “parece que vem chuva”.	Suj. A => Suj. B	Morfema Livre. Ausência de derivação. Sinal de natureza arbitrária.	P.A: orelha C.M: Mão em A M: retilíneo, esfregar O: palma na lateral. ENM: medo. É arbitrário, pois não há nenhuma relação com o sentido pretendido.	Tempo real (presente imediato), ancorado na mudança inesperada do tempo “agora”.	Ocasão de surpresa Ex: no grupo focal evidenciamos o sinal nessa função de que o tempo mudou em momento inesperado. Alguns surdos relatam que para este mesmo sinal pode-se inferir a ideia de “Deus queira que não chova” ou até o que expressamos como: “isola”.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A EI surge numa situação de alerta: o *Suj. A* antecipa uma consequência prática (molhar-se) e convoca o interlocutor para uma checagem (“você trouxe guarda-chuva?”). O aparelho formal é direto: A enuncia para B e busca um alinhamento de ação.

No plano enunciativo, “parece que vem chuva” não é meteorologia neutra; é avaliação do clima + emoção. A ENM de medo/nervosismo orienta a interpretação: o locutor projeta um cenário desfavorável e, ao mesmo tempo, solicita cooperação (ter guarda-chuva).

O T-zero é o presente imediato, e a confirmação do *Suj. B* (“verdade”) funciona como ratificação da perspectiva do locutor. A consequência (“NÓS-2 FERRADO”) evidencia a passagem do diagnóstico para a conclusão objetiva. Perceba que, mesmo quando a EI pode ganhar sentidos como “Deus queira que não chova”, ela permanece ligada ao aqui-agora, isto é, ao corpo em situação.

Por último, o episódio 8 apresenta uma EI ao qual os surdos criaram uma glosa para defini-la escrita na forma de “pasa”. Vejamos no quadro 15.

Quadro 15 – Expressão Idiomática “pasa”

Episódio 8 – Situação enunciativa para “pasa”					
Suj. A: VOCÊ ACREDITAR NAMORADO QUER MANDAR MIM? Suj. B sinaliza “pasa”. CUIDADO CONTROLE EXCESSIVO. Suj. A: “pasa”.					
EI	ENUNCIACÃO (EU/TU)	APARELHO FORMAL		T-ZERO	SITUAÇÃO
		Morfologia	Fonologia		
  https://youtu.be/VJc3feS9rg Tradução livre: “pasa”.	Suj. A => Suj. B	Morfema Livre. Ausência de derivação. Sinal de natureza arbitrária.	P.A: abaixo do queixo C.M: em B M: semicircular O: palma para frente. ENM: espanto. É arbitrário, pois não há nenhuma relação com o sentido pretendido.	Tempo real (presente da conversa), como reação imediata a um conteúdo estranho/abuso ou a repetição insistente.	Ocasões de espanto Ex: quando algo causa estranheza; Ocasões de ignorar Se a pessoa está repetindo muito a mesma coisa;

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A Expressão idiomática, nomeada pelo Povo Surdo como “Pasa” aparece como resposta avaliativa ao relato do *Suj. A* sobre uma tentativa de controle do namorado. O *Suj. B*, ao enunciar “pasa” e em seguida advertir (“cuidado controle excessivo”), realiza dois movimentos: (i) marca a estranheza ou inadequação do fato e (ii) orienta a ação do interlocutor (atenção ao abuso).

No aparelho formal, o eu/tu se organiza como aconselhamento: *B* assume posição de sujeito mais experiente/observador e *A* se coloca como sujeito afetado pela situação. A repetição por *A* “pasa” indica incorporação da avaliação do outro, um tipo de coenunciação que cria alinhamento e valida o diagnóstico de “isso passou do limite”.

O T-zero é presente e tem efeito de “corte”: a EI funciona como marcador de fronteira discursiva — ou porque o fato é absurdo “que isso!”, ou porque o tema deve ser interrompido

(“passa”, “ignora”). A ENM de espanto sustenta a leitura de ruptura, reforçando que o sentido acontece no encontro entre forma (sinal) e a situação enunciativa.

Após o tratamento dos dados apresentados, reforçamos que este estudo não consiste em elaborar um inventário exaustivo ou definitivo das expressões idiomáticas, dado que a língua se encontra em constante movimento e transformação

Em termos práticos, nos inspiramos em Benveniste, para quem “um inventário dos empregos de uma palavra poderia não acabar; um inventário dos empregos de uma frase não poderia nem mesmo começar” (PLG I, p. 139). Este fato justifica a estratificação de apenas oito episódios nos quais as expressões idiomáticas operaram de forma significativa no aparelho da enunciação e na construção da intersubjetividade do locutor e interlocutor.

Desse modo, constatamos que as expressões idiomáticas se constituíram perfil semiótico para designar: frustração por atraso (e eu?) mecanismos de avaliação social (mico); modalização da possibilidade (não dá); gestão intersubjetiva da compreensão (não compreendi); estratégias de (des)investimento no vínculo social (tô nem aí); reconfiguração narrativa por confirmação (já imaginava); alerta situacional no aqui-agora (parece que vem chuva); e marcação de limite ou estranheza (pasa). Em todos esses casos, observamos que a significação se concretiza no ato enunciativo, no qual corpo, temporalidade e relação eu/tu se entrelaçam.

De mais a mais, seguimos para a análise do processo de transferência de expressões idiomáticas do português brasileiro para a Libras.

4.2. Análise do processo de transferência de expressões idiomáticas – Português Brasileiro para Libras

Apresentamos no quadro que segue a estratificação e confluência categorial dos achados das expressões idiomáticas (EI) no conteúdo discursivo-enunciativo dos vídeos analisados (*vide* quadro 6).

Quadro16 – Estratificação do conteúdo dos vídeos em relação aos eixos categoriais

Dimensão teórica	Cat.	Cod.	EI destacadas	Processamento da Transferência interlinguística para Libras
Semântica	Sem_Cat1	VTL_1 VTL_2	Segurando vela	VELA+FOGO (comp.)

		VTL_2	Tirar o chapéu Ficar de queixo caído	(a)TIRAR+CHAPÉU(b) QUEIXO+CAIR
	Sem_Cat2	VTL_1	Uma mão lava a outra	(a)AJUDAR(b) (b)AJUDAR(a) (a)APOIAR(b) (b) APOIAR(a)
		VTL_2	Engolir a seco Entrar pelo cano Ficar de olho Lavar as mãos Nem a pau Queimei a cara	ENGOLIR+SECO(class.) DAR+MAL(equiv. gíria) OLHO+VIGIA(sinal class.) [SEU PROBLEMA](ref) [EU] NADA+HAVER (exp.) DESCULPAR DISPENSO(sinal gíria) QUEIMAR+CARA (sinal gíria)
	Sem_Cat3	VTL_1	Engolir sapo Matar um leão Chutar o balde	PESSOA (class det) MANDAR(rep.) FALAR RECUAR(top.) SINALIZAR RECUAR (top.). SILÊNCIO (paus). FALAR NADA. PROBLEMA DIFÍCIL NÃO(incorp.)+ ATRAVESSAR(paus.) SUPERE VENCER(paus) BARREIRA ATRAVESSAR CONSEGUIR(rep.) CAPACIDADE [EU] NERVOSO+MUITO (intens.) [EU] EXPLODIR(class.) [EU] BRIGAR(b) FALAR(rep.) EXPLODIR(class.)

	Sem_Cat4	VTL_1	Lavar as mãos Segurar vela Pau na máquina Pisar em ovos Pular do barco Sumir do mapa	[EU] PARADO. FAZER NADA. (deit.) DUAL NAMORAR. EU SOZINHO. [VOCÊ] IR (sent. incentivar) RÁPIDO CUIDADO ATENÇÃO (foc.) [EU] DESISTIR (paus.) IR+EMBORA DESAPARECER
		VTL_2	Baba ovo Bater Papo Cara de pau Corda no pescoço Engolir sapo Mão de vaca Puxa saco Não estar nem aí	(class) PESSOA (deit)+ BAJULAR BATER+PAPO CONVERSAR/SINALIZAR (refor.) SINAL CARA-PAU ENDIVIDAD@ CALAD@ MÃO+FECHADA (sinal gíria) BAJULAR INDIFERENTE

Metafórica	Met_Cat5	VTL_2	Abaixar a poeira Cair a máscara Olhos da cara Dar o bolo	PROBLEMAS TURBILHÃO (class. ação) ESPERAR SUMIR(mov. lent.) RESOLVER (class)MÁSCARA ROSTO+CAIR OLHOS+SALTAR+FORA(class) FAZER[EU]+PALHAÇ@(class.)
Desvios interpretativo-tradutórios	Dit_cat6	VTL_1, VTL_2	Encher Linguíça	PESSOA FALAR (rep.) PROLONGAR
		VTL_2	Dar o branco Lavar a égua	[PENSAMENTO](ref.) FIO+QUEBRAR(class.) [VOCÊ](ref.) RIC@

VTL_1 – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qHoE4qDrXFc>

VTL_2 – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vH_gs50YZxw

Fonte: elaborado pela autora, 2025.

Por ocasião da análise dos vídeos selecionados para esta seção, encontramos um total de 34 EI, as quais foram categorizadas a partir das dimensões teóricas e categorias correlatas alinhadas com o referencial teórico em que nos alicerça (vide Quadro 7), cuja sistematização se encontra no Quadro 16.

Inicialmente, o Quadro 16 evidencia uma predominância significativa da dimensão semântica, sobretudo no tocante à adaptação cultural (Sem_Cat2) e equivalência conceitual (Sem_Cat4), que, em conjunto, representam 60,8% das ocorrências observadas. Ambas revelam a forte presença de expressões idiomáticas cotidianas, ligadas a situações pragmáticas e contextos interativos. Expressões como “lavar as mãos”, “sumir do mapa” ou “uma mão lava a outra” exemplificam o modo como a tradução tende a reproduzir estruturas de sentido partilhadas culturalmente e reconhecíveis pelo público surdo. Esses dados nos permitem inferir que o processo de tradução e interpretação Português/Libras tende a privilegiar soluções ancoradas na significação conceitual, cultural ou de equivalência recorrendo cognitivamente a sinais compostos e classificadores para o alcance da referência.

O processamento cognitivo durante a atividade interpretativa-tradutória coloca os TILSP em intenso esforço cognoscente e interlinguístico. Os referenciais culturais e

equivalências são mobilizados mediante uma experiência intercultural e comunitária em processo de consolidação. É nesse contexto, que os TILSP podem se desvencilhar dos seus referenciais particulares e imergir num conjunto de elementos linguísticos e metalinguísticos para as transferências de sentidos e significados, como, por exemplo, a estrutura sintática das sentenças traduzidas e/ou os impactos da recepção das EI sob a ótica e perspectiva de mundo dos surdos (Scapolan; Silva (2023); Boldo; Stumpf (2023); Silva (2025); Cavicchioli et.al, (2025).

No entanto, registramos sentenças traduzidas com apelo latente da literalidade (Sem_Cat1; 8,8%) e elementos discursivos de cunho explicativo (Sem_Cat3; 8,8%) como aporte à tradução de algumas EI. A transferência literal de EI é um dado que merece atenção, pois parece indicar que os TILSP não conseguiram acessar em seu repertório linguístico construtos de ordem lexical ou da corporeidade (visual vernacular e/ou mecanismos classificadores) para proporcionar sentidos na língua de chegada (a Libras). Desse modo, os conflitos psico-cognitivos entre a mobilização dos referenciais da língua de partida e a língua de chegada não foram superados com a eficácia esperada para uma boa forma tradutória Cavicchioli et.al, (2025). Nesse caso, entendemos que a transferência de sentido das EI listadas em Sem_Cat1 foi prejudicada. É provável que o apelo à literalidade se justifique pela imperícia dos TILSP no manejo das EI (Boldo; Stumpf, 2023).

Outrossim, a evocação de mecanismos de explicação contextual das EI se mostrou uma alternativa para resolver conflitos psico-cognitivos que desafiaram o TILSP durante a transferência das EI “engolir sapo”, “matar um leão” e “chutar o balde” categorizadas em Sem_Cat3. Embora o mecanismo da explicação seja usual nas produções discursivas em Libras, se valer dessa estratégia em demasia pode gerar contextos tradutórios múltiplos e frequentemente ocasionar desvios de sentido. As sentenças traduzidas para as EI que listamos foram impactadas por esse fator. Em outras palavras, as traduções analisadas dessas EIs sugeriram pelo menos mais de um eixo de sentido para as EIs e colocaram em xeque a possibilidade de o receptor compreender a equivalência esperada na língua de partida (Scapolan; Silva (2023).

Dando continuidade, encontramos EI que foram traduzidas sob o viés da dimensão metafórica (Met_Cat5; 11,7%), além de alguns desvios tradutórios (Dit_Cat6; 8,8%). Em Met_Cat5 nos deparamos com a transferência de EI para Libras através da iconicidade. Nesse respeito, verificamos a visualização imediata de metáforas como em “cair a máscara” ou “os olhos da cara”. A tradução dessas EI não se reduz à simples transferência semântica, mas configura-se como um processo de recriação cognitivo-metafórica. Em outras palavras, os

dados confirmam que o processamento psicolinguístico da atividade tradutória se ancora na iconicidade e na metáfora conceitual, em consonância com a teoria dos frames e da metáfora de Lakoff e Johnson (2002).

Outro ponto de relevância refere-se aos desvios interpretativo-tradutórios, representados pela Dit_Cat6. Expressões como “encher linguiça” ou “dar branco” evidenciam a dificuldade de equivalência direta entre o português e a Libras, exigindo do intérprete adaptações criativas, paráfrases ou até mesmo explicitações contextuais. Todavia, não identificamos a mobilização desses elementos por ocasião das traduções das EI analisadas nos vídeos.

Quadros e et al. (2023) sustentam que a tradução interlinguística em Libras constitui-se como um processo enunciativo e não como mera correspondência lexical. Os autores assinalam ainda que os desvios tradutórios não devem ser vistos como falhas, mas como pontos de reflexão sobre a incompletude da equivalência e sobre a criatividade enunciativa do intérprete, revelando que a tradução em Libras é um espaço de negociação de significados e não de mera correspondência lexical (Silva, 2006).

Portanto, a existência de desvios no processo tradutor das EI reforçam a necessidade de maior aprofundamento dessa discussão na formação inicial dos TILSP.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu em analisar como as expressões idiomáticas são mobilizadas tanto na transferência entre o par linguístico português brasileiro-Libras registradas em vídeos de ampla divulgação, como no discurso de estudantes surdos do curso de Letras Libras da UFPE, considerando os processos enunciativos que emergem nas interações discursivas.

Conforme vimos ao longo do texto, as expressões idiomáticas, por sua própria natureza, constituem formas complexas de discurso, pois mobilizam simultaneamente um sentido composicional e um sentido idiomático, exigindo do interlocutor a capacidade de reconhecer e processar essa duplicidade semântica. Ao longo do percurso investigativo, buscamos compreender de que modo essas unidades linguísticas complexas, se constituem como formas de significação que extrapolam a linearidade dos signos, revelando-se como efeitos de discurso, marcados pela historicidade, pela cultura e pela subjetividade dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo.

Os resultados evidenciam que as expressões idiomáticas, tanto na língua portuguesa quanto na Libras, não podem ser compreendidas de maneira dissociada das condições de enunciação em que se realizam. À luz da distinção benvenistiana entre modo semiótico e modo semântico, foi possível observar que, embora tais expressões apresentem certa fixidez estrutural no sistema da língua, é somente no uso discursivo que seus sentidos se atualizam, sendo reconhecidos no plano semiótico e compreendidos no plano semântico. Observamos que essa passagem do semiótico ao semântico não é um simples transporte de formas já prontas do português, mas uma ressignificação enunciativa que se ancora nas condições específicas da língua-alvo.

Na Libras, essa dinâmica assume contornos específicos, uma vez que o corpo, o espaço e os recursos visuo-espaciais passam a integrar, de modo constitutivo, o processo de significação pela manifestação de expressões espontaneamente emergidas entre os falantes, em situações enunciativas, cujos elementos do aparelho formal da enunciação foram mobilizados na interação Eu/Tu, consolidando os aspectos semióticos, os sentidos e significados que locutor e alocutário manejam, a fim de dispor da sofisticação da sua respectiva intersubjetividade.

Observamos que quando um sinalizante surdo emprega uma expressão idiomática em Libras, seja ela um equivalente funcional de uma expressão do português ou uma criação genuína da comunidade surda, ele não está apenas acionando um signo pré-existente no sistema (nível semiótico), mas está convertendo esse signo em discurso (nível semântico) mediante um ato de apropriação linguística singular. Esse ato envolve a mobilização intencional de recursos expressivos que transcendem a mera equivalência lexical: a intensidade da expressão facial, a velocidade e amplitude dos movimentos, o uso do espaço de sinalização. Todos esses elementos são semantizados no momento da enunciação, isto é, carregados de intenção significativa pelo locutor. A semantização, portanto, não é um processo de mera decodificação, mas de produção de referência em um dado contexto. As expressões idiomáticas em Libras, quando enunciadas, deixam de ser unidades abstratas do sistema e tornam-se eventos discursivos únicos e irrepetíveis, marcados pela presença do sujeito que se apropria da língua para dizer algo a alguém, em determinada situação.

A análise dos dados revelou que os estudantes surdos mobilizam expressões idiomáticas em suas interações discursivas mesmo quando não possuem plena consciência metalinguística de seu caráter idiomático. Essa constatação reforça a hipótese de que a idiomaticidade opera como um saber partilhado no interior da comunidade de prática, inscrito na memória discursiva coletiva e atualizado na singularidade de cada enunciação. Desse

modo, as EIs configuram-se como marcadores identitários, que contribui para a coesão discursiva e para o fortalecimento dos vínculos culturais da comunidade surda. O ato enunciativo, conforme concebido por Benveniste, é o momento em que a língua é apropriada pelo locutor para instaurar-se como sujeito no discurso. Nas situações analisadas nesta pesquisa, tanto os estudantes surdos quanto os TILSP realizam esse ato de apropriação ao mobilizarem expressões idiomáticas em Libras. Trata-se de um ato único e irrepetível, pois cada enunciação constitui uma nova instância de uso da língua, uma nova configuração da relação Eu/Tu.

Essa reversibilidade dos papéis Eu/Tu é particularmente complexa no contexto da interpretação de EI, pois o intérprete precisa não apenas transitar entre duas línguas, mas entre duas posições enunciativas: ele é, simultaneamente, destinatário de um discurso (em português) e origem de outro discurso (em Libras), ou vice versa. Essa duplicidade exige que o intérprete não apenas domine os sistemas linguísticos envolvidos, mas que seja capaz de coenunciar em Libras, isto é, de produzir um novo ato de linguagem que preserve a força ilocucionária e o efeito expressivo da EI original.

Entretanto, o que se refere ao processo interpretativo-tradutório do par português/Libras, os achados indicam que a transferência de expressões idiomáticas não se limita a procedimentos de equivalência lexical. Trata-se, antes, de um processo enunciativo complexo, no qual o tradutor-intérprete atua como coenunciador, mobilizando competências linguísticas, culturais e discursivas para reconstruir o sentido no interior de um sistema semiótico de base distinta. Diante dos dados analisados, entendemos que a tradução de expressões idiomáticas em Libras articula-se em torno de três eixos fundamentais: a ancoragem semântico-visual, a criatividade metafórica e a negociação enunciativa diante das lacunas tradutórias. A triangulação desses fatores na tradução do português para a Libras não deve ser concebida como um processo linear de transferência de significados, mas como um espaço dinâmico de construção e negociação de sentidos, no qual se articulam aspectos linguísticos, cognitivos e culturais. Na tradução, o intérprete precisa avaliar em que medida essas camadas intertextuais são relevantes para a compreensão da expressão e, se necessário, encontrar estratégias para preservá-las, adaptá-las ou substituí-las por referências culturais equivalentes na comunidade surda.

Ao adotar a abordagem enunciativa como eixo teórico-metodológico, esta pesquisa contribui para ampliar o campo dos estudos sobre expressões idiomáticas em Libras, deslocando o foco de análises estritamente descritivas para uma compreensão que privilegia o funcionamento da língua em uso, como também, reforça o estatuto da Libras como língua

plena, dotada de mecanismos próprios de significação, capazes de expressar abstrações, metáforas e efeitos idiomáticos complexos.

Por fim, espera-se que este trabalho possa fomentar novas investigações no âmbito dos estudos enunciativos, tradutórios e linguísticos aplicados às línguas de sinais, bem como subsidiar práticas pedagógicas e formativas no campo da tradução e interpretação em Libras.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. Tenha “olho caro”: a interpretação de expressões idiomáticas da Língua de Sinais Brasileira. In: EPILMS, Campo Grande, MS, 17-18 nov. 2006. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/19395.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ALBUQUERQUE, E. D. C. de. **Expressões idiomáticas na Libras: um estudo descritivo**. 2022. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

BARACHO, L. **Expressões idiomáticas em Libras? Aprenda 10 sinais**. YouTube, 19 mar. 2023. Vídeo (8 min 17 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qHoE4qDrXFc>. Acesso em: 18 ago. 2025.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 2. ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 2001.

BOLDO, Jaqueline; STUMPF, Marianne Rossi. Expressões idiomáticas da Libras: um estudo em lexicografia. **TradTerm**, São Paulo, v. 45, p. 311-331, 2023.

BOLDO, Jaqueline. **Expressões idiomáticas em Libras: uma análise a partir da perspectiva semântico-lexical**. 2025. 190 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

BÓZOLI, D. M. F. **Expressões idiomáticas no português e na Libras**. YouTube, 26 out. 2017. Vídeo (5 min 55 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vH_gs50YZxw. Acesso em: 18 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 28 set. 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 26 jun. 2023.

CAVICCHIOLI, Maria Eduarda et al. Expressões idiomáticas: o saber do surdo. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA DE LÍNGUA DE SINAIS (COPELS)**, 2025. Anais [...]. 2025.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. **A dêixis pessoal nas interações mãe-bebê: a constituição do sujeito no processo de enunciação**. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Entre o dizer e o mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação**. Organon, Porto Alegre, n. 40-41, p. 61-75, jan./dez. 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento; TOLDO, Claudia. **Guia conceitual da linguística de Benveniste**. São Paulo: Contexto, 2025.

GATTI, Bernardete Angelina. **O grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GUERRA, A. de L. e R. et al. **Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica**. Revista de Gestão e Secretariado, v. 15, n. 7, p. e4019, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Conceitos abstratos: escolhas interpretativas de português para Libras**. Curitiba: Appris, 2017.

NOLETO, G. A. de S. **ELAN – EUDICO Linguistic Annotator: localização do software e do manual básico para o português brasileiro**. 2021. 197 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras – Tradução – Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

OLIVEIRA, A. J. A. de. **Compreensão de expressões idiomáticas do português brasileiro por falantes de línguas orais e de sinais como L1: um estudo experimental**. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

ORTÍZ ALVAREZ, María Luisa. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como**

língua estrangeira. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 51-73.

PIZZIO, A. L. et al. **Língua brasileira de sinais III.** Florianópolis: UFSC, 2009. Apostila do curso Letras-Libras.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. et al. **A gramática da Libras.** Rio de Janeiro: INES, 2023. v. 1.

QUADROS, R. M. et al. Expressões idiomáticas em Língua de Sinais brasileira. In: FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia (org.). **A gramática da Libras.** Rio de Janeiro: INES, 2023. v. 1, p. 338-378.

RIBEIRO, V. P. **A linguística cognitiva e construções corpóreas nas narrativas infantis em Libras: uma proposta com foco na formação de TILS.** 2016. 362 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ROSÁRIO, H. M. **Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua.** 2018. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SANTOS, R. C. S. **Enfoque CTS e decolonialidade: saberes para uma educação científica e tecnológica emancipatória na formação inicial de professores de química da UFRPE.** 2023. 269 f. Tese (Doutorado em Ensino das ciências) – Universidade Federal Rural de Pernambuco., Recife, 2023.

SCAPOLAN, B. A. **(In)traduzibilidade das expressões idiomáticas entre a língua portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais: uma análise conceitual e funcional.** 2023. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

SCAPOLAN, B. A.; SILVA, I. A. L. da. Expressões idiomáticas português-Libras: (in)traduzibilidade. **TradTerm**, São Paulo, v. 45, p. 332-350, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/213407>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SILVA, J. L. F. **Discussão sobre o processo de tradução e interpretação de expressões idiomáticas da Libras para o português em um curso de formação de tradutores e intérpretes de Libras.** 2024. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

SILVA, I. V. R. da; PIZZIO, A. L. A representação de sinais em pesquisas da Libras: reflexões a partir do seu meio de divulgação escrito. **Revista Letra Magna**, v. 18, n. 31, p. 172-197, 2022. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/magna/article/view/2071>. Acesso em: 30 dez. 2025.

TERRAZAS, C. M. L. **Dicionário bilíngue de expressões idiomáticas para tradutores e intérpretes português–Libras**. 2021. 84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa – Revista de Linguística**, Campinas, n. 37, p. 147-159, 1998.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO – Google forms

Olá, sou Ana Cláudia e estou realizando um estudo para dissertação do mestrado em Estudos da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, intitulado: **EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM LIBRAS: POR UMA PERSPECTIVA SEMIOLÓGICO-ENUNCIATIVA**, sob orientação do Professor Dr. José Temístocles Ferreira Júnior. Este projeto foi submetido ao comitê de ética em pesquisa pela UFRPE, aprovado com parecer número: 7.424.354.

Após concordar em participar desta pesquisa e assinar o Termo de consentimento livre esclarecido, peço atenção e sinceridade ao responder as perguntas.

Desde já agradeço sua participação.

1) Idade?

- a) 18 – 25
- b) 26 – 35
- c) 36 – 45
- d) 46 – 55
- e) 56 – 65

2) Entrada no Curso Letras Libras da UFPE em qual semestre?

- a) 2021.2
- b) 2022.2
- c) 2023.2
- d) 2024.2

3) Nasceu onde?

4) Qual nível de surdez?

- a) Leve (25 - 40 dB)
- b) Moderada (40 - 70 dB)
- c) Severa (70 - 90 dB)
- d) Profunda (acima de 90 dB)

5) Com qual idade aprendeu Libras? Mais ou menos...

6) Com qual idade aprendeu Libras? Mais ou menos...

7) Com qual idade aprendeu a Língua Portuguesa? Mais ou menos...

8) Convivência com ouvintes ou surdos (jovens, adultos, idosos)? Explique!

9) Qual sua identidade na comunidade surda. Conforme Gladis Perlin (1998) - Link dos vídeos para compreensão.

- a) Identidade surda ou política
- b) Identidade surda híbrida
- c) Identidade surda flutuante
- d) Identidade surda de transição
- e) Identidade surda intermediária
- f) Identidade surda embaçada
- g) Identidade surda diáspora

<https://www.youtube.com/watch?v=ovxZtLNoy3g> – Sinais para as identidades

https://www.youtube.com/watch?v=lqLemd2_3sE – Explicação de cada identidade

Muito obrigada pela sua participação! Em breve marcaremos um momento para estudo.